

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Elcimar Dias Pereira

Desejos polissêmicos: discursos de jovens mulheres negras sobre
sexualidade

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

São Paulo
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Elcimar Dias Pereira

Desejos polissêmicos: discursos de jovens mulheres negras sobre
sexualidade.

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do título
de MESTRE em Psicologia Social pela
Pontifícia Universidade de São Paulo, sob
orientação da Profa. Doutora Mary Jane Paris
Spink.

São Paulo
2008

Banca Examinadora

Dedicatória

A todas as jovens mulheres negras que participaram de maneira direta e indireta desta pesquisa.

Agradecimentos

Para que as primeiras idéias desta pesquisa iniciassem e tomassem esse corpo apresentado hoje, muitas pessoas e instituições contribuíram direta e indiretamente no processo. Foram tantas que se torna difícil nomear todas elas e respectivas ajudas. Mas é possível referir-me àquelas que foram cruciais no momento inicial, quando ainda não se tinha o formato de um projeto de pesquisa. Outras que contribuíram em alguns momentos do processo. E outras no encerramento do trabalho e ainda algumas que contribuíram em todos os momentos.

Quando refiro-me à ajuda, não menciono apenas as pessoas que contribuíram de maneira prazerosa e que confortaram meu coração, mas também as que cooperaram de maneira que me inquietou e angustiou a ponto de levar-me a duvidar da possibilidade de realizar um trabalho como este. E houve aquelas que me proporcionaram experimentar sentimentos mil. No entanto considero todas essas maneiras jeitos diferenciados de contribuir, pois de alguma forma instigou-me a continuar caminhando e no exercício da auto-crítica.

O que é comum nos agradecimentos é construir um grau de hierarquia de quem contribuiu mais ou menos, mesmo quando se citam todas as pessoas, sempre coloca-se quem é a primeira, a segunda e assim sucessivamente. Não saberia dizer qual a instituição ou pessoa que foi mais importante pois acredito que de cada uma houve contribuições de acordo com as possibilidades. Então decidi construir, não uma hierarquia, mas, uma estrutura de agradecimentos de acordo com a cronologia e consciência dos acontecimentos.

À Sra. Coraci Dias Pereira e Sr Libertino Pereira, minha mãe e meu pai, que foram pessoas fundamentais para a minha existência e que contribuem a cada dia me ensinando que sempre há tempo para apreender a ressignificar os obstáculos que a vida coloca. Sou grata pela paciência que têm comigo, pela confiança e pelo respeito às minhas decisões.

Ao meu cunhado Edvaldo por ter possibilitado a existência do/a minha e meu sobrinha/o.

Ao meu querido sobrinho Muller Pereira dos Santos que foi a primeira criança que peguei no colo e hoje já é um lindo rapaz inteligente.

À minha querida sobrinha Larissa Pereira dos Santos, companheira de capoeira, que a cada dia demonstra ser mais atenciosa e responsável.

Aos meus irmãos, Adenilson José Pereira e Adilson Luis, pelo exemplo de vida que são para mim. Às minhas queridas cunhadas que tanto admiro por serem mulheres autônomas e guerreiras: Michele Levoy e Itelvina. E às mais novas integrantes da família que nasceram durante o processo desta pesquisa: Maria Clara e Cora Lee Kuana.

À memória de minhas queridas irmãs Eliane Maria Pereira e Elciane Dias Pereira, e à minha querida tia Maria de Fátima, que muito confiavam em mim.

Às amigas queridas que acompanharam com paciência o meu turbulento processo de ingresso no mestrado e outras turbulências e alegrias da minha vida, Verônica Perla e Ediane Batista.

Às pessoas que me ajudam a fazer muitas reflexões acerca da vida e de mim mesma, Renata Linhares, Fernanda Calderaro, Regi França, Cássio d’Lima.

Ao Grupo Transas do Corpo, sou grata por tantos aprendizados em relação às temáticas de gênero, sexualidade e feminismo, carregados de um quê de profissionalismo, responsabilidade e dedicação. Foi na convivência com pessoas queridas que se tornaram muito mais do que companheiras de trabalho, mas exemplos de vida, mesmo havendo várias pessoas, agradeço-as em nome de Eliane Gonçalves, Joana Plaza Pinto, Lenise Santana Borges, Kemle Semerene Costa, Marília e de Elaine Aguilera (in memória) que tanto me

estimulava para que não me intimidasse para a fala pública, ela falava repetidamente: *Eu acredito em você! Você é uma garota de futuro!*

A toda equipe da Casa da Juventude Pe. Burnier, espaço que fez parte da minha trajetória desde antes da juventude. Neste momento agradeço em especial à Carmem Teixeira, Paulo e Gilzana.

À Fundação Ford, que aqui no Brasil tem como representante para a coordenação do Programa de Bolsas para Pós-graduação, a Fundação Carlos Chagas. Grata a toda equipe da Fundação Carlos Chagas pela competência, profissionalismo e respeito para com nós bolsistas, e todas as instituições que estão envolvidos nessa empreitada de serem proponentes de uma nova configuração de pesquisadores.

À minha orientadora Mary Jane Spink pela leitura atenciosa, cuidadosa e pela confiança em meu trabalho.

Aos colegas do Núcleo de Práticas Discursivas e Produções de Sentidos, espaço em que muito aprendi ouvindo e interagindo com as pessoas.

A todos os colegas bolsistas que, embora tenham histórias de vidas parecidas, carregam especificidades na maneira de enfrentar os obstáculos. Acredito que é nessa multiplicidade que as suas pesquisas contribuem para um espaço acadêmico mais diverso e humano.

À minha querida e amada Viviane Ferreira da Cruz que esteve presente de maneira intensa na construção deste trabalho, e assim começou a fazer parte em várias dimensões da minha vida.

Ao meu querido Wanderley Moreira dos Santos que vem se tornando um alguém impar na minha vida nas partilhas e construções conjuntas.

Sou grata às forças espirituais que estiveram presentes de várias maneiras em momentos que tive e não tive consciência delas.

Às pessoas do Terreiro Manso Dandalunga Cocuazenza, pelo carinho e por ter cedido o espaço para que eu pudesse escrever com tranquilidade parte do presente trabalho. Ao Gustavo, rapaz cuidadoso e atento às suas responsabilidades.

Às lindas crianças conquistadas por Vivi, e que conquistaram o meu coração: Jeniffer, Mateus, Ian Gabriel, Vitor, Kiloage e Kizzi Sakili

À companheira Vanildes Gonçalves, pela ajuda nas ponderações e estímulos acerca do campo de pesquisa.

Às companheiras com que tive o prazer de conviver no cotidiano em São Paulo e contribuíram para meu aprendizado: Tereza Godinho, Edilene Pereira, Flávia Ribeiro, Zildene Pereira (Dena).

À Eliane Costa e Edgar Moura, pessoas por quem tenho muita estima e com quem muito tenho aprendido.

À Liliane Braga, pela leitura carinhosa do meu trabalho.

Às companheiras da rede Yowli, que é a idéia de um espaço de mulheres negras e líderes, nos momentos em que estivemos juntas, e contribuíram muito para várias reflexões acerca do tipo de relações que queremos e podemos construir entre nós mulheres negras, para a construção de um discurso sobre nós, construído a partir de nossas próprias palavras.

À Malu Zoega que contribuiu e ainda contribui para o exercício de olhar criticamente para a minha própria escrita, bem como para a apropriação desse bem de maneira autônoma.

À Margareth, pela escuta cautelosa e as possibilidades de reflexões conjuntas.

E às participantes da minha pesquisa, pela disponibilidade de doarem algumas horas de seu precioso tempo a este trabalho.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo entender os sentidos de sexualidade para jovens mulheres negras, apoiando-se, para tal, na perspectiva construcionista da Psicologia Social voltada à análise de práticas discursivas. Em um primeiro momento, foi realizada a busca de repertórios sobre o tema em Teses e Dissertações, um dos espaços em que circulam os discursos sobre o assunto pesquisado. Como estratégia metodológica foram realizados três grupos focais dos quais participaram jovens que se auto-identificavam como negras e tinham algum tipo de contato com a Casa da Juventude Pe. Burnier, situada no município de Goiânia. O primeiro grupo foi um momento para apresentação da pesquisa, das participantes, bem como do levantamento de expectativas sobre participar de uma pesquisa que abordasse o tema sexualidade e raça. O segundo grupo teve como discussão inicial os elementos trazidos pelas interlocutoras sobre o que ouviram falar acerca da sexualidade da mulher negra e, para instigar o debate, foram acrescentadas frases oriundas das Teses e Dissertações, para que as participantes também expusessem as suas opiniões a respeito. O terceiro grupo consistiu na retomada dos temas levantados no segundo encontro. A análise foi realizada utilizando “mapas dialógicos” que possibilitaram agregar vários temas abordados em dois conjuntos: a. A mulher negra como objeto sexual: olhar a partir das nomeações relativas à raça e b. Mulher negra e sexualidade: uma questão de raça ou de gênero? Dessa maneira foi possível identificar os diversos sentidos sobre sexualidade que estavam atravessados por noções disseminadas pelas instituições Igreja, Mídia e Família. As interlocutoras demonstraram, ao mesmo tempo, um desejo de vivenciar sua sexualidade sem as amarras de tais instituições e receios de burlar as regras instituídas nesses espaços. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a desfamiliarização de termos que contribuem para reificar idéias pejorativas acerca da sexualidade da mulher negra, abrindo a possibilidade da construção de novos discursos.

Palavras chaves: Construcionismo, sexualidade, jovens mulheres negras, Psicologia Social.

Abstract

This research aims to contribute to an understanding of the meaning of sexuality for young black women and is based on constructionism in social psychology within an analysis of discursive practices. A literature review of theses and dissertations was carried out in the first stage, in order to examine the relevant discourse on the area studied. A strategic methodological choice was made to use three focus groups of young women who identified themselves as black and had contact with the Casa da Juventude Pe. Burnier (Father Burnier Youth Center), located in the municipality of Goiânia. During the first focus group the research aims were presented, the participants were introduced to one another, and expectations were raised about participating in a research project on the themes of sexuality and race. During the second focus group, a discussion was first held on various issues identified by the participants about what they had heard about the sexuality of black women, and in order to feed the debate, participants then heard themes taken from various theses and dissertations so that they could express their opinions about them as well. The third focus group discussed themes identified during the second focus group. An analysis was made using “dialogue lists” that allowed for aggregating various themes discussed under two main areas: a) The black woman as a sexual object: a perspective based on race and b) The black woman and sexuality: a question of race or gender? Through these two areas it was possible to identify the various meanings of sexuality as they intersected with ideas put forth by institutions such as the church, media and family. The participants demonstrated at the same time a desire to fully experience their sexuality without being bound to these institutions and apprehension about not adhering to the rules inherent in these three institutions. It is hoped that this study will contribute to the unfamiliarity of terms that serve to reinforce pejorative ideas about the sexuality of black women, opening the possibility of building new discourses.

Key words: constructionism, sexuality, young black women, social psychology.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 - Sobre Práticas Discursivas na perspectiva construcionista: o aporte teórico epistemológico	8
1.1. O estudo das Práticas Discursivas na Psicologia Social.	13
1.2. A especificidade da abordagem discursiva do Núcleo de Estudos e Práticas Discursivas e Produção de Sentidos.	16
1.3 - A importância dessa perspectiva para o debate proposto nesta pesquisa.	19
Capítulo 2 - Sobre a sexualidade de mulheres negras	22
2.1 - Sexualidade ou Práticas Sexuais: a arte sutil da escolha.	22
2.2 - De semelhanças e diferenças: o foco na sexualidade da mulher negra.	30
2.3 - Sexualidade da mulher negra como prática discursiva.	39
2.3.1 - Os repertórios sobre sexualidade da mulher negra em teses e dissertações.	40
2.3.2 - Formas de nomear: vocabulário racial e sexualidade.	44
Capítulo 3 – Objetivo	50
Capítulo 4 -Procedimentos: O grupo focal como ferramenta para pesquisar práticas discursivas sobre sexualidade da mulher negra	51
4.1 - Sobre a ética no processo de pesquisa.	53
4.2 - Sobre o local da pesquisa.	54
4.3 – Por que Caju?	56
4.4 - Critérios para participação.	57
4.5 - Participantes da pesquisa.	58
4.6 - Processo de realização da pesquisa.	58
4.7 - Procedimentos de análise.	63
4.8 - Os mapas dialógicos.	64
4.9 - Adentrando a pesquisa.	65
Capítulo 5 - A mulher negra como objeto sexual: o olhar a partir das nomeações relativas à raça.	70
5.1 - “A gostosa”: a mulher negra na perspectiva da mídia e delas próprias.	70
5.2 - Prostituição: a ambivalência entre sexualidade e necessidade econômica.	74
5.3 - Retomando as formas de nomear a raça.	79
Capítulo 6 – Mulher negra e sexualidade: uma questão de raça ou de gênero?	88
6.1 - Sobre as vivências relacionadas à sexualidade.	88
6.2 - Virgindade e sexo seguro: a sexualidade antes do casamento.	93
6.3 - As ambivalências em relação ao casamento.	99
6.4 - Sobre a polissemia das relações inter-raciais.	105
Considerações Finais	110
Bibliografia	115

Anexos

Anexo 1 - Quadro dos autores citados.

Anexo 2 - Parecer e termos de consentimento.

Anexo 3 - Quadro de informações sobre participantes da pesquisa.

Anexo 4 - Roteiro dos encontros.

Anexo 5 - Exemplo da Transcrição Seqüencial.

Anexo 6 - Exemplo dos Mapas Dialógicos.

Anexo 7 - CD com Transcrição integral e Mapas Dialógicos completos.

Introdução

A escolha do tema de pesquisa teve origem nas reflexões a respeito do mundo partindo dos contextos em que atuei. Na medida em que vivi processos no ambiente familiar, nas atuações políticas e no espaço de educação formal, a temática foi emergindo, e o desejo de trabalhar com *Sexualidade e Raça* ecoou forte, visto que o tema tem a ver com minha trajetória.

Quando comecei o curso de Psicologia na Universidade Católica de Goiás, a intenção era estudar apenas para compreender as pessoas e trabalhar com elas. O que senti no espaço da Universidade, porém, foi a dificuldade de visualizar o sentido disso para mim. As teorias que diziam explicar o ser humano – esse que não tinha raça, classe, sexo e nem origem geográfica – não levavam em conta as diversidades; correspondiam apenas à idéia do homem branco, rico e europeu. Estar naquele lugar era esquecer minhas raízes. Depois de muito brigar comigo mesma, cheguei à conclusão de que a Psicologia precisava repensar os contextos em que as pessoas se situavam. Mal sabia que, naquela época, já havia pessoas que faziam tais ressignificações nessa área de conhecimento.

Inicialmente, ainda de forma tímida, tentava me expressar dizendo de onde eu vinha e o que pensava sobre as coisas. Em uma das colocações, ao falar do lugar de mulher negra, algumas colegas vieram, indignadas, falar comigo: “Você não é negra, Elcimar, que absurdo! Você é moreninha! E é tão legal, não faça isso com você!”

Sem que me desse conta, foi ali que surgiu a necessidade de refletir sobre esse tema na minha trajetória de pesquisadora. No decorrer da graduação, comecei a trabalhar na Organização Não Governamental *Grupo Transas do Corpo* – organização feminista que desenvolve ações educativas em saúde, prevenção e sexualidade. Fui contratada para coordenar o projeto com adolescentes em razão de experiências acumuladas de trabalho com grupos juvenis.

Nesse projeto, discutíamos temas como feminismo, direitos sexuais, direitos reprodutivos, gravidez na adolescência, dentre outros. O fato dessa Organização ter como missão a formação das mulheres, possibilitou-me participar de vários cursos vivenciais que contribuíram para reflexões sobre meu processo de constituição como mulher; deparei-me com questões que me indignavam, outras que me davam prazer e outras ainda que traziam várias ambigüidades. Essas reflexões contribuíram para que eu identificasse as relações de poder presentes nas vivências interpessoais, bem como nas relações políticas institucionais. O

tema *sexualidade* passou a ser ressignificado como algo que vai além de vivências individuais pois, na maioria das vezes, se traduz em estratégias para controlar corpos e manipular pessoas nas decisões referentes a diferentes contextos.

Nesse percurso, a temática de *relações raciais* voltou a me incomodar: estava em uma Organização onde a maioria das pessoas se auto-declaravam brancas. Embora muitas fossem sensíveis e se sentissem afetadas pela discussão racial, tal debate não era prioridade para a Organização como um todo.

Em um curso, em que um dos módulos trataria de relações raciais, coordenado por uma organização feminista do Rio de Janeiro, eu me senti “espremida contra a parede” pelo tema novamente. Uma das pessoas presentes sugeriu a leitura do texto *Intelectuais Negras*, de bell hooks¹. Retornei do curso ainda não conseguindo entender por que tal temática me incomodava tanto. Li o texto recomendado que abordava a história de mulheres negras, no contexto dos Estados Unidos, que se “aventuraram” no espaço acadêmico. A autora apresentava questões que dificultaram a atuação dessas mulheres: aspectos relacionados ao cuidado do outro, e dificuldades de dedicarem-se a si mesmas para se tornarem intelectuais. Tratava, também, das vivências coletivas que não contribuíam ao afastamento, às vezes necessário, para produzir trabalhos acadêmicos. Enfim, pontuava os obstáculos enfrentados para adquirir credibilidade no contexto universitário. Essa leitura me instigou, e comecei a pensar seriamente na possibilidade de enfrentar o desafio de me aprofundar no tema por meio da pesquisa acadêmica.

A princípio veio o medo de não conseguir a isenção necessária para trabalhar com uma temática tão presente em minha trajetória. Foi por meio da leitura de outros autores, que abordam o debate de *raça e sexualidade*, que delineei com mais clareza o que pretendia estudar. Li artigos que explicitavam em números as desigualdades sociais, como o trabalho da demógrafa Elza Berquó (1988), que aborda a *competição* de mulheres brancas e negras no *mercado matrimonial*, enfatizando a desvantagem da negra em relação à branca no que tange à busca de um parceiro. Essa questão é também pontuada por Diva Moreira e Adalberto Sobrinho (1994). Essas e outras leituras foram realizadas com intenção de obter um panorama da situação da mulher negra no Brasil. Nos trabalhos lidos, era recorrente a referência ao abandono, solidão e ao uso das mulheres negras como objetos sexuais. Identifiquei também

¹ Em seu primeiro trabalho publicado em 1978 (And There We Wept), bell hooks, passou assinar o seu nome com letras minúsculas porque segundo ela o mais importante seria a "substance of books, not who I am", ou seja, o conteúdo do livro e não quem ela é. Portanto, neste trabalho quando citar essa autora o farei com letras minúsculas, respeitando a proposta de sua convicção.

que os discursos construídos historicamente sobre a sexualidade da mulher negra reforçam o imaginário social de que elas são “naturalmente vorazes sexualmente”.

A partir daí, fui pesquisar se os discursos circulantes na produção acadêmica também teriam o efeito de fortalecer esse imaginário. Será que aqueles sobre sexualidade da mulher negra foram sempre assim? Ao repeti-los corremos o risco de cristalizar as compreensões que temos sobre eles. Assim, no Brasil, em um determinado momento da história do país, ecoaram vozes anunciando a voracidade sexual da mulher negra e, até hoje, essas vozes ainda circulam. Mas, já houve um avanço pois estudiosos questionaram e trouxeram uma outra idéia: de que essas mulheres se tornavam vítimas da situação de exploração sexual, e que nem sempre essa idéia de volúpia sexual era condizente com o desejo das próprias mulheres. E hoje? Já foram conquistados novos espaços para outras versões sobre a sexualidade da mulher negra? É possível construir novos discursos? E duas outras questões, que talvez sejam mais relevantes: quem produz esses discursos? será que as mulheres negras têm participação na produção e reprodução deles?

Com a intenção de identificar possibilidades de ressignificar discursos historicamente construídos sobre as mulheres negras, esta pesquisa tem como objetivo principal entender os sentidos de sexualidade para mulheres negras, contrapondo-os aos repertórios que circulam na sociedade a esse respeito.

Partindo desses objetivos, tomei algumas decisões para viabilizar o trabalho. Escolhi desenvolver a pesquisa na cidade de Goiânia por desejar contribuir para a discussão racial e de sexualidade local, bem como para a ampliação dos campos de estudos dessa temática que, até então, restringia-se aos estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Elegi o espaço da Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU)² – Instituto que tem como prioridade a Formação, Assessoria e Pesquisa sobre Juventude – por ter afinidade com a proposta da instituição, pela facilidade para a obtenção de autorização para a pesquisa e a possibilidade de encontrar jovens negras com diferentes graus de escolaridade e que tivessem níveis de relações diversas com a Casa. Em função de ser uma instituição católica aberta à participação de jovens de diferentes credos, a CAJU poderia contribuir para o surgimento de discussões sobre a relação religião e sexualidade, o que poderia ser enriquecedor para esta pesquisa.

A proposta de estudar os sentidos de sexualidade nos discursos de jovens negras abre uma série de possibilidades para o direcionamento da pesquisa, pois, por trás de cada termo que compõe essa proposta, há uma considerável produção de conhecimento. Porém, não

² Neste trabalho, para referir à Casa da Juventude também utilizarei os termos CAJU ou Casa.

pretendo aqui aprofundar da mesma maneira todas as possibilidades que o tema de interesse aponta. Pretendo focar com maior afinco o motivo pelo qual faço as escolhas pelos temas de sexualidade e mulher negra e, a partir daí, trabalhar com os discursos e termos que estão presentes na Psicologia e os vocabulários que podem contribuir ou não para uma reificação desses discursos. Portanto, o discurso é aqui compreendido como meio pelo qual esse trabalho será todo estruturado.

Mesmo não aprofundando a noção de juventude, vale a pena ressaltar que esse tema representa um campo de conhecimento em expansão, havendo vários debates contemporâneos pertinentes às noções de juventude como, por exemplo, o aumento do número de jovens no planeta. Segundo o IBGE (2001), em toda história da humanidade nunca houve tantos jovens no mundo como hoje: metade dos 6.3 bilhões de pessoas do planeta tem menos de 25 anos e mais de 1 bilhão estão na faixa de 10 a 19 anos. Desse percentual, 85% vivem em países em desenvolvimento e, no Brasil, vivem cerca de 50% dos jovens da América Latina. Outra questão motivadora dos estudos acerca da juventude é o atual crescimento de violência cometida por e contra jovens, assim como também a excessiva “valorização” da busca da “eterna juventude”, apelando para cirurgias plásticas e outros meios de intervenção que tendem a retardar o envelhecimento. Por esses e outros motivos, a juventude tem sido um tema importantíssimo no debate contemporâneo.

A razão pela qual a noção de juventude não será aprofundada diz respeito aos limites que a construção de uma pesquisa nos impõe. Usarei o termo apenas para situar as participantes da pesquisa, até porque a CAJU, há muito tempo, dedica-se a trabalhar com os jovens e a desenvolver pesquisas sobre juventude³, como o trabalho de Carmem Teixeira (2006).

Para abordar a relação entre sexualidade e juventude, parto da idéia de que o corpo jovem é identificado como o mais desejado e exposto como fetiche para o sexo. Portanto, de acordo com a faixa etária, conjeturam-se as maneiras pelas quais os desejos sexuais devem ser vivenciados. Por exemplo, o desejo sexual por corpos infantis é tido como proibido e doentio; o desejo por um corpo idoso é tido como inadequado, como se sexo, nesse momento da vida, já não fosse mais permitido. Tem-se o pressuposto de que os jovens são e devem ser sexualmente ativos. Até que ponto tal pressuposto corresponde com o cotidiano deles? Será que isso vale igualmente para homens e mulheres jovens?

³ Neste ano a Casa está compondo a quinta turma do curso de especialização em juventude.

Ao escolher um grupo de jovens mulheres, a proposta foi reunir pessoas que, embora individualmente diferentes em vários aspectos, pudessem somar partindo de algumas singularidades, como a faixa etária e a pertença racial. Mas, sabe-se que, mesmo com essas possíveis aproximações, a forma das pessoas conceberem o momento em que vivem e as relações que estabelecem podem ser variadas.

Neste trabalho, estão sendo adotadas duas posturas que contribuem para definir o caminho da pesquisa: as perspectivas feminista e construcionista.

Constituíram-se várias teorias que se dizem feministas, assim como há feministas que defendem a necessidade dessas elaborações. Joan Scott (1988), por exemplo, afirma que necessitamos de teorias que possibilitem pensar em termos de pluralidade e diversidade em vez de unidades universais; que rompam o esquema conceitual das antigas tradições filosóficas universais, que constroem sistematicamente um mundo cada vez mais hierarquizado, e que sejam relevantes para as práticas políticas. Porém, a proposta nesta pesquisa é ir além do que seria uma teoria feminista ou uma feminista que defende um certo tipo de teoria; é propor o feminismo como uma maneira de olhar o mundo e suas relações, o que transpõe os critérios instituídos para compor uma teoria.

Esta perspectiva propõe que, ao olhar às desigualdades sofridas pelas mulheres, não se vise apenas a denúncia, mas a possibilidade de uma movimentação para outro lugar que não seja o que está posto para elas enquanto norma. Percebo também a perspectiva feminista como uma possibilidade de me colocar em constante auto-reflexão, para não deixar o pensamento cristalizar-se no pedestal das certezas, pois somos passíveis de contradições todo o tempo e isso é que viabiliza experimentarmos várias possibilidades em um constante construir.

A esse modo de olhar os fatos soma-se a postura construcionista, por considerar que é importante ter desconfiança daquilo que é instituído como *status quo*. A partir dessa premissa, Lupicínio Iñiguez (2000) define o construcionismo a partir de quatro pressupostos: o ontológico, que anuncia a não existência de objetos naturais e impõe a noção de historicidade na compreensão dos objetos; o epistemológico, que enfatiza que o conhecimento não representa a realidade e desmitifica a produção do conhecimento como espelho dos fatos, pois sempre interpretamos algo partindo de um determinado ponto de vista; a natureza humana, que entende o conhecimento como uma prática social e, por fim, o metodológico, que situa a pesquisa como prática des-essencializadora que radicaliza ao máximo a natureza social de nosso mundo vivido.

O construcionismo tem como um dos seus pressupostos questionar “verdades” que são construídas. Iñiguez afirma que “questionar as verdades geralmente aceitas não está apenas relacionado com a maneira em que nos ensinaram a olhar o mundo, mas também com a forma como nos ensinaram a olhar para nós mesmos” (2000, p. 1). Portanto, essa postura contribuirá para a compreensão de como se dá a construção dos estereótipos das práticas sexuais das jovens negras e como elas se vêem diante dessa construção histórica.

A construção do argumento desta dissertação se dá em cinco capítulos.

No primeiro, faço uma explanação sobre o Construcionismo e a importância da linguagem para as Ciências Sociais. Com isso, adentro numa breve incursão no campo da Psicologia ressaltando os estudos sobre práticas discursivas. Diante de tais noções, apresento idéias que estiveram presentes no material empírico, discutindo-as sob a luz do Construcionismo com intuito de afirmar a importância de abordar tal assunto tendo como suporte essa perspectiva.

No segundo, apresento os caminhos realizados para a escolha do termo *sexualidade* ao invés de práticas sexuais, e por que incluí somente mulheres negras ao invés de mulheres independente da pertença racial. Partindo dessas escolhas, adentro o debate realizado no campo de conhecimento da Psicologia sobre relações raciais. Diante da pouca produção nessa área, busquei trabalhos que se aproximassem da discussão proposta aqui; com isso, mapeei repertórios sobre a sexualidade da mulher negra presentes em diferentes estudos e discuti a respeito da construção do vocabulário que contribui para a reificação de certo tipo de discurso acerca da sexualidade da mulher negra.

No terceiro capítulo, apresento os objetivos deste trabalho de pesquisa. No quarto, abordo a relação entre a perspectiva de Mary Jane Spink (2004) sobre práticas discursivas e a decisão metodológica de uso de grupos focais para a coleta de informações sobre os sentidos de sexualidade para a mulher negra. Apresento também considerações a respeito do processo analítico utilizado neste trabalho.

O quinto e o sexto são capítulos analíticos. Parto das categorias apresentadas pelas jovens participantes da pesquisa, para debater sentidos atribuídos sobre a sexualidade da mulher negra e as aproximações e distanciamentos delas em relação aos apontamentos por elas realizados sobre o assunto. No quinto capítulo, a discussão se desenvolve partindo dos discursos que circulam sobre a mulher negra como objeto sexual. Essa idéia é apresentada pelas jovens que apontam os espaços midiáticos como um dos promotores desses discursos. Discuto também a implicação disso na vida dessas mulheres, tanto no cotidiano como em suas perspectivas de se relacionar com os outros e consigo mesma. No sexto capítulo, apresento os

debates em que as jovens negras situavam suas experiências relacionadas à sexualidade, bem como as instituições que atravessavam tais vivências. Essa discussão foi constituída a partir dos temas relacionados à religião, às relações inter-raciais, à virgindade, prevenção e casamento.

Capítulo 1. Sobre Práticas Discursivas, na perspectiva construcionista: o aporte teórico-epistemológico

O tema *raça e sexualidade*, no contexto do Brasil, pode ser discutido sob o ponto de vista de várias abordagens. Na Psicologia, apresenta-se com uma diversidade de correntes teóricas e é um tema ainda pouco explorado, principalmente de maneira interseccionalizada, embora, isoladamente, raça e sexualidade tenham sido objeto de reflexões nesta disciplina. No entanto, os debates estabelecidos nesse campo de conhecimento ainda encontram-se em um momento de expansão e, conseqüentemente, de visualização das várias possibilidades de aprofundamento do tema.

Discuto neste capítulo as noções de práticas discursivas e produção de sentidos, que são as bases que garantem o desenvolvimento deste trabalho. Faço um percurso que se inicia pela abordagem construcionista com ênfase na linguagem; em seguida, pontuo fragmentos da história da estruturação da Psicologia Social no Brasil, voltando a atenção para a vertente que prioriza a análise das práticas discursivas. Partindo desse caminho, apresento estudos que se aproximam da temática deste trabalho. Finalmente, articulo alguns pontos discutidos na pesquisa os quais contribuíram para reafirmar a escolha do construcionismo como perspectiva a ser seguida.

De acordo com Iñiguez (2003), o sufixo “ismo” da palavra Construcionismo poderia designar um efeito discursivo que tende a ser compreendido como reificador de um processo, como se essa perspectiva fosse uma “escola de pensamento” ou uma teoria. No caso, trata-se de algo mais complexo, pois o Construcionismo não oferece uma definição única, como normalmente as escolas de pensamento oferecem, mas, sim, alguns elementos que, em conjunto, compoem uma “perspectiva”, “movimento” ou até uma “postura” frente à construção do conhecimento. Portanto, são vários os elementos que compoem essa postura, dentre eles, o anti-essencialismo; o relativismo ou anti-realismo; o questionamento de “verdades” tomadas como inquestionáveis; a determinação cultural e historicidade do conhecimento; o conhecimento como produção social e a linguagem como elemento central da construção do conhecimento. Esses elementos serão abordados no decorrer deste capítulo e dos demais, pois os princípios dessa postura possibilitam vários desdobramentos e articulações. Assim, será possível identificá-los no modo com que a pesquisa foi desenvolvida, na postura da pesquisadora em relação às participantes e na forma de lidar com o material discursivo trabalhado.

Para compreender o processo de estruturação da linguagem como foco nas Ciências Sociais, Iñiguez (2004) apresenta o contexto de desenvolvimento histórico do fortalecimento dos estudos sobre Análise do Discurso. Todavia, afirma que a sua proposição se dá sob um determinado prisma e que outros autores, estudiosos dessa temática, podem não só apresentar tais discussões de maneira diferenciada, como também considerar que alguns pontos sugeridos por ele podem ser desconsiderados.

O autor considera que são quatro os contextos de desenvolvimento histórico que fortaleceram os estudos sobre Análise do Discurso, sendo eles: giro lingüístico, a teoria dos atos de fala, a pragmática da lingüística e a etnometodologia. Acrescenta também que alguns pontos dos estudos de Foucault, em que ele abordou os discursos como práticas discursivas, contribuíram para esse fortalecimento.

Ao conceber a idéia de que construímos a realidade socialmente, o movimento construcionista considera que um dos instrumentos para que essa realidade seja construída é discursivo. Portanto, a linguagem não seria um sinônimo apenas de expressão, e, sim, uma ação com a qual construímos o mundo.

No século XX, boa parte das atenções do meio acadêmico esteve voltada para as questões referentes à linguagem, e isso contribuiu para o uso da expressão *giro lingüístico*, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Conforme discutido por Ibáñez (2004), o giro lingüístico teve efeitos que foram além do destaque da importância do uso da linguagem, contribuindo para que fossem construídas novas formas de conceber a natureza do conhecimento. Afirma também que o giro lingüístico possibilitou novas compreensões acerca do termo “realidade” e modificou a concepção de linguagem. Portanto, esse marco indicou uma considerável mudança em relação às concepções de mundo e às maneiras de interpretação nas Ciências Humanas e Sociais.

Por mais que a expressão *giro lingüístico* possa sugerir mudança abrupta, tratou-se de um processo que se somou a outros e se formou progressivamente, adotando modalidades diversas ao longo do seu desenvolvimento, mesmo porque não é fácil livrar-se das influências instituídas pelas raízes da Filosofia da Consciência. Portanto, foi necessário que a Filosofia da Linguagem reunisse um conjunto de premissas que levaram do deslocamento das “idéias” realizadas por meio de um discurso mental de caráter privado (introspecção), para o estudo dos enunciados lingüísticos, públicos e objetivados. Isso se deu porque os estudiosos da Filosofia da Linguagem defendiam que “não é dentro de nossa mente que temos de ‘olhar’ para saber como pensamos, e sim devemos ‘olhar’ para nossos discursos” (Ibáñez, 2004, p.21).

O Giro lingüístico

Como o giro lingüístico propõe, a linguagem cotidiana seria suficiente para explicar o mundo, portanto, não seria necessário uma linguagem científica para tal função. Rorty (1967), que assim nomeia esse movimento, questiona a idéia da necessidade de se construir uma linguagem formal em oposição à linguagem cotidiana, pois seria irrelevante a existência da primeira para explicar o mundo, já que a segunda o faria. Esse autor, segundo Iñiguez (2004), cunhou uma consistente crítica que fundamenta o giro lingüístico e que se opõe ao representacionismo.

A Teoria dos “Atos de fala”

Iñiguez (2004) considera que a Teoria dos Atos de Fala, de Austin (1962), é chave no desenvolvimento das Análises de Discurso. A proposição de Austin (apud Iñiguez 2004) baseou-se nos atos de fala como objeto de análise e significação partindo das perspectivas do giro lingüístico. Trata-se de compreender que a importância do falar pode ser considerada uma ação equivalente a outras ações das pessoas. Portanto, no processo de significação, o importante não é a conexão do significante com o significado, nem a maneira pela qual se elabora o significado e nem a decodificação dos sinais; esses pontos são problemas presentes nos debates da lingüística tradicional. O importante é como se fala, e essa ação de falar é regulada da mesma maneira como qualquer outra ação das pessoas. Trata-se de uma proposta que, ao contrário do representacionismo, considera que a linguagem “faz” e não apenas “representa”.

A Pragmática da Lingüística

A Pragmática, apesar de ser relacionada à Teoria do Sinal baseada na formulação de Saussure (1915), apresenta-se como uma alternativa a ela. Nesta, concebida como tradicional, considera-se que há o par significante/significado. Mas, segundo Iñiguez (2004), a relação entre esse par é arbitrária; portanto, a Pragmática rompe com a idéia implícita de que o significado se relaciona com o mundo, que é baseado na representação, sendo possível substituir o objeto do mundo real pela palavra. A Teoria do Sinal foi o fundamento para muitos estudos de processos psicológicos e sociais relacionados à aprendizagem e pensamento que, em geral, são tomadas como processos individuais. Paralela a esta teoria, é possível encontrar a Teoria da Comunicação que é mais bem divulgada e tem maior aceitação.

A Pragmática, que não é concebida de uma única maneira, opõe-se às duas teorias: do Sinal e da Comunicação, por estar mais interessada nos princípios que regulam o uso da linguagem e, em particular, nas condições que fazem do uso de um enunciado uma ação de comunicação. De acordo com Iñiguez (2004), há concepções diferenciadas de Pragmática.

Seu modo de conceber, coerente com os princípios do giro lingüístico e da Teoria dos Atos de Falas, não compartilha com a concepção cognitivista, ao considerar que é o processo de comunicação que fornece a única possibilidade de real compreensão. Quando alguma coisa é dita, há sempre algo que vai além das palavras. Diante disso, pode-se interpretar que as ações de fala podem ser intencionais ou não uma vez que dependem dos processos dialógicos da comunicação.

A Etnometodologia

A Etnometodologia nasce como corrente sociológica em 1960, concebida como uma possibilidade de investigação e não como teoria. Significou uma ruptura importante com os modelos sociológicos dominantes. Conforme pontua Iñiguez (2004), a Etnometodologia enfatiza a análise de práticas cotidianas, dando a mesma atenção que a “Sociologia Oficial” daria a eventos sociais tidos como importantes. Portanto, o foco de interesse são as interações das pessoas no cotidiano e as atividades que elas desenvolvem. Uma das premissas importantes da Etnometodologia é a noção de que todos os membros da sociedade são “sociólogos na prática”. A partir desta idéia, Iñiguez afirma que,

cada pessoa, em sua ação cotidiana, descreve, fala e constrói a realidade simultaneamente. Portanto, não existe uma realidade social independente dos indivíduos, cujo conhecimento só seja possível a partir de um pensamento teórico e de uma investigação alheia ao sentido comum. Ao contrário, o sentido comum é perfeitamente capaz não só de construir a realidade social, como também conhecê-la e explicá-la. (IÑIGUEZ 2004, p.79)

É possível inferir, então, que, para essa perspectiva, o conhecimento sobre a realidade social não é algo pertencente à mente dos indivíduos e sim algo coletivamente construído. Essa compreensão foi desenvolvida a partir das discussões realizadas por Garfinkel (1967) no texto *Studies in Ethnomethodology*.

Alguns aspectos da obra de Michel Foucault

A obra de Foucault pode ser considerada como uma das mais importantes do século XX por vários motivos, dentre eles, o fato de extrapolar os enquadres disciplinares ou não se restringir apenas a um tema específico. Ele pesquisou assuntos que hoje são impossíveis de serem abordados sem refletir questões que foram por ele pontuadas, como seu interesse por discurso, saber/poder, relações de poder, subjetividade e sexualidade.

Um dos temas foucaultianos importantes para esta discussão é o discurso. Como afirma Iñiguez (2004), Foucault elaborou ferramentas conceituais úteis para complementar o panorama da Análise de Discurso. Para ele, o discurso é mais do que a fala ou um conjunto de

enunciados; é uma prática e, como tal, é essencial entender as condições em que foi produzido. Afirmar Foucault, em seu livro *Arqueologia do Saber* publicado em 1969, que

Renunciaremos, pois, a ver no discurso um fenômeno de expressão – a tradução verbal de uma síntese realizada em algum outro lugar; nele buscaremos antes um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade. O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (Foucault, 2005 p.61)

Os discursos que circulam não saem do nada; derivam de um contexto de produção que contribui para compreendê-los. Assim, vão além de um amontoado de signos e, segundo Foucault, é esse “além” que precisa ser investigado:

Uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar as coisas. É esse “mais”, que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT 2005 p. 55).

Portanto, ao conceber discursos como práticas, Foucault utiliza a nomenclatura “práticas discursivas”, entendidas como regras anônimas, constituídas no processo histórico. Vale também ressaltar que o autor não nega a existência de signos e sinais para a formação do discurso; ele apenas enfatiza que os discursos não servem apenas para revelar ou designar as coisas.

Foucault (2005) pontua, também, que a problematização das práticas discursivas é importante para dar à produção de conhecimento e saber um sentido libertador e transformador. O autor considera que a problematização – como um método e um processo de pensamento – é uma importante característica que deve acompanhar outras ferramentas da Análise do Discurso, mas não deve se restringir apenas ao discurso e a sua análise.

Problematizar refere-se ao conjunto das práticas, discursivas e não discursivas. A noção de problematização coloca em dúvida o que é tomado como obviamente bom ou mal, ou aquilo que se considera inquestionável. Segundo Ibáñez (1996), problematizar é principalmente procurar entender como e por que algo adquiriu o status de inquestionável; como algo consegue instaurar-se como a-problemático. Por conseguinte, o ato de

problematizar é desvendar o processo em que algo se constituiu como evidente e inquestionável.

1.1 – O estudo das Práticas discursivas na Psicologia Social

Antes de adentrar a discussão das Práticas Discursivas no campo da Psicologia Social, vale a pena destacar alguns aspectos sobre a história desse campo de conhecimento no Brasil, pois, no início, ele não era dissociado da Sociologia. Somente aos poucos foi criando um corpo próprio de teorização e de investigação e, dessa forma, foi se fragmentando nas várias abordagens existentes hoje. Uma dessas abordagens é a Análise de Práticas Discursivas na qual esta pesquisa se ancorou para ser realizada.

A Psicologia Social chega ao Brasil na década de 1850 assumindo um viés positivista, com objetivos de “mudar a sociedade”, por exemplo, abolindo a escravidão e tendo como meta principal a “ordem” e o “progresso”. Essa noção foi introduzida por Augusto Conte, um dos precursores do positivismo, corrente que teve grande influência no Brasil por muitos anos, e atingiu de forma mais intensa a elite militar e universitária alimentando suas propostas de mudança para a sociedade da época.

Segundo Almeida (1989), a perspectiva de transformação incorporada pela Psicologia Social em suas raízes brasileiras se repetiu no final dos anos 1970. No entanto, as noções de mudança dessas épocas eram diferenciadas, pois a primeira era atrelada ao militarismo, pautando-se na dita necessidade de “ordem e progresso”: acreditava-se que o conhecimento psicossocial poderia contribuir para a organização social visando igualar os países a outras nações tidas como modernas. A idéia de transformação do final de 1970 partia de um referencial distinto, em que a mudança que se buscava teria a ver com a necessidade de transformação sob a ótica dos “excluídos” na América Latina. Vale acrescentar que, na década de 1970, alguns países da América Latina, inclusive o Brasil, vivia um contexto de ditadura militar, portanto, o ideal de mudança abolia qualquer possível vínculo com o militarismo.

Essa perspectiva também tinha como meta realizar uma crítica dos próprios princípios em que se amparou a constituição do pensamento da Psicologia Social. Além dessas duas fases específicas em momentos distantes, vale a pena ressaltar que os momentos históricos desse campo de conhecimento foram e ainda são marcados pela oscilação de análises microscópicas ou macroscópicas, com poucas perspectivas de integrá-las. Ou seja, ainda se

tem um campo de saber pautado em uma lógica polarizada e dicotômica, em que um pólo se fortalece em oposição ao outro.

A formalização da Psicologia Social no Brasil teve início na década de 1930, com Oliveira Viana, primeiro brasileiro a escrever um livro dedicado à disciplina em desenvolvimento chamado *Pequenos Estudos de Psicologia Social*. Segundo Almeida (1989), contudo, Oliveira Viana duvidava de que a Psicologia Social pudesse vir a ser autônoma, porque ela seria apenas auxiliar de outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a História.

A partir do contexto que se abriu com a iniciativa de Oliveira Viana, outras possibilidades surgiram, como a abertura de disciplinas sobre Psicologia Social, ministradas em algumas importantes instituições de ensino superior. Vale ressaltar que um dos marcos dessa trajetória foi o primeiro curso de Psicologia Social oferecido no Brasil na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, pelo professor Raul Briquet. Foram esses cursos de curta duração que possibilitaram a escrita de manuais de Psicologia pelo próprio Raul Briquet e depois por Arthur Ramos. Os conteúdos comuns desses manuais eram referentes à Biologia, idéias básicas sobre behaviorismo, aprendizagem e Sociologia.

Apesar de haver uma conjuntura que favoreceu a escrita dos primeiros manuais de Psicologia Social, foi apenas em 1945 que ela institucionalizou-se no Brasil, com a vinda de Otto Klineberg. Com isso, abre-se a possibilidade de olhar a Psicologia Social como uma disciplina independente e não apenas auxiliar a outras, como se acreditava anteriormente. Otto Klineberg foi o terceiro presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo (Bomfim, 2001).

Em 1953, Klineberg publicou um importante manual para a época, chamado *Psicologia Moderna*, em que havia uma síntese dos campos da Psicologia. Uma das colaboradoras deste livro foi Aniela Ginsberg, que mais tarde foi a fundadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), tendo sido orientadora de Silvia Lane, uma importante precursora da Psicologia Social Crítica no Brasil. Esse manual contribuiu para a formação de outros importantes psicólogos sociais do Brasil, como Dante Moreira Leite, cuja tese de doutoramento versou sobre o *Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia*.

Até a década de 1960, a maioria dos estudos em Psicologia Social versavam sobre cognição, atitudes e percepção. Adotavam conceitos e mecanismos universais que buscavam demonstrações empíricas com perspectivas experimentais para fundamentar as generalizações dos resultados. Buscava-se uma Psicologia passível de conhecer, predizer e controlar os

comportamentos de pessoas e animais. Em suma, Segundo Spink⁴ (2004), as perspectivas hegemônicas da Psicologia Social nesse período priorizavam o laboratório, abandonando as raízes *mais sociais* dos fundadores da disciplina, como Kurt Lewin e George Mead. Nos anos sessenta, o modo de fazer ciência em Psicologia Social pautava-se em duas alternativas: trabalhava-se com observação de comportamentos em situações criadas artificialmente ou estudavam-se comportamentos ocorridos em ambiente natural, defendendo a idéia de “sair do laboratório”.

Na década de 1970, começam a surgir reflexões criticando a naturalização do fenômeno psicológico e a despolitização da disciplina. Em um primeiro momento, foram publicadas obras importantes de autores europeus, como Joachim Israel, Henri Tajfel, Negel Amistead, Nick Heather. Mais adiante, na década de 1980 na América Latina, os precursores Inácio Martín Baró (1983) e Silvia Lane (1984) procuraram fazer uma discussão psicossocial sob o ponto de vista dos dominados.

Foi nesse contexto que começou a se constituir a proposição de estudos em Psicologia Social baseados na análise das práticas discursivas:

Quando a questão do sentido não pode mais ser respondida somente no âmbito da língua, da sintaxe e da semântica; quando a produção do conhecimento começa a ser questionada por desconsiderar, justamente, aquilo que é sua base, o senso comum; quando a Psicologia Social começa a fazer sua própria crítica quanto ao que produz e quanto à despolitização daí resultante, tem-se, então, a configuração de um contexto propício para novas buscas: conceitos, métodos, epistemologia, teoria, visão de mundo. E, portanto, no bojo desse movimento que se vem construindo essa nova proposta que denominamos práticas discursivas e produção de sentidos. (SPINK 2004, p.39).

Essa concepção da linguagem como ação não é propriedade particular da Psicologia Social. Ao reconhecer a linguagem como algo que constitui a realidade e como instrumento por meio do qual podemos atuar sobre o mundo, tal postura certamente tem implicações para o estudo das relações e práticas sociais. De acordo com Ibáñez (2004), algumas correntes da Sociologia foram sensíveis a esse fato, como a Etnometodologia que trabalha com conversas cotidianas, e a Sociologia qualitativa e interpretativa, conforme já pontuado na sessão anterior. Pode-se considerar, portanto, que essa proposta foi constituída de maneira interdisciplinar. Todavia, nesta pesquisa nosso aporte teórico está centrado em vertentes de

⁴ Neste trabalho utilizei como referência Peter Spink e Mary Jane Spink. Como usei em maior quantidade e frequência os trabalhos de Mary Jane Spink, quando for referir-me a trabalhos dessa autora citarei apenas “Spink”, ao passo que, quando for citar os trabalhos de Peter Spink, utilizarei a letra “P” para indicar que se trata deste autor.

Psicologia Social que focalizam a linguagem considerando as possibilidades de produção de sentidos e de comunicação, e não aspectos lingüísticos propriamente ditos.

A partir da década de 1980, foram constituídos alguns núcleos de psicólogos sociais voltados aos estudos com abordagens discursivas. Na Inglaterra, na Universidade de Laughborough, Michael Billig e Jonathan Potter desenvolveram uma abordagem discursiva baseada na Retórica, assim como o grupo liderado por Iam Parker na Universidade Metropolitana de Manchester. Na Espanha, os psicólogos sociais mais conhecidos que trabalham na perspectiva do discurso estão na Universidade Autônoma de Barcelona, entre eles, Tomás Ibáñez e Lupicínio Iñiguez. No Brasil, um dos principais grupos de psicólogos sociais voltados ao estudo da linguagem estão inseridos no Núcleo de Estudos e Práticas Discursivas e Produção de Sentidos (PDPS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Essas abordagens têm em comum o foco na linguagem em ação e o pressuposto de que o conhecimento não é algo que está dentro da cabeça das pessoas, mas é algo que é construído coletivamente. No entanto, há diferenças, sobretudo relativas ao suporte teórico da abordagem metodológica. Essa diversidade foi resultado de variadas contribuições que a Análise do Discurso recebeu das filiações interdisciplinares heterogêneas.

1.2. A especificidade de abordagem discursiva do Núcleo de Estudos e Práticas Discursivas e Produção de Sentidos

O Núcleo de Estudos e Práticas Discursivas e Produção de Sentidos (PDPS) da PUC/SP⁵ trabalha com vários autores. Alguns deles, como Michael Bakhtin e Rom Harré, são as bases para discutir produção de sentidos como processo dialógico, que leva à análise de práticas discursivas. Para o debate sobre os efeitos de governamentalidade dos discursos contextualizados trabalha-se com Michel Foucault; para discutir sociedade de risco, dentre outros autores, lança-se mão de Anthony Giddens e Ulrich Beck; e como influência teórica no campo da mídia, um dos autores utilizados é John Thompson.

A concepção de linguagem adotada pelo PDPS centra-se na linguagem entendida como prática social. Leva-se em conta a importância de identificar quando, em que condições, de que modo e com que efeitos a linguagem é usada, isto é, considera-se seu aspecto performático.

⁵ Informações anotadas no seminário *Pesquisando em práticas discursivas: trabalhando com dialogia*, do dia 15 de agosto de 2006. Aula ministrada pela Profª. Dra. Mary Jane Spink.

O uso da linguagem, de acordo com Rasera e Japur (2001), não acontece de maneira isolada e individual. É sempre uma atividade compartilhada e, como tal, a análise é focada no relacionamento entre as pessoas, pois elas constroem sentidos mutuamente. A visão relacional do *self* socialmente construído na linguagem, também abordada por Rasera e Japur (2001), retira de foco o indivíduo como autor único de si mesmo, e passa a trabalhar as práticas discursivas como uma construção social de autores variados. Portanto, as narrativas de si, do mundo e de outrem sempre são compostas por vozes múltiplas.

Segundo Spink (2004), a articulação coletiva de idéias remete-nos à noção de “interanimação dialógica”, derivada das reflexões de Mikail Bakhtin, que busca situar a comunicação no espaço da impessoalidade, da relação com a outra pessoa esteja ela presente ou não. A idéia de “interanimação dialógica” pode ser entendida a partir dos conceitos de “enunciados” e “vozes”. O “enunciado”, que são palavras e frases situadas, é sempre emitido endereçado a uma ou mais pessoas. As “vozes”, definidas como conversas e negociações, são expressas pelos co-locutores presentes, que podem também utilizar vozes de outrem, chamando-as para fazer parte do diálogo; isto é, no momento em que os participantes do grupo, ao se posicionarem sobre o tema, trazem para o diálogo a fala de alguém que não se encontra naquele espaço – como por exemplo o pai, a patroa, os filhos – a voz dessa pessoa torna-se presentificada.

O trabalho de análise discursiva, nessa perspectiva, leva em consideração a dinâmica em que as pessoas podem posicionar-se ou posicionar a outra. Segundo Davies e Harré (1990), considera-se reflexivo, o autoposicionamento, e interativo, o ato de posicionar o outro. Para esses autores, o posicionamento diferencia-se da noção de “papel” por preocupar-se mais com aspectos dinâmicos dos encontros e não com os formais e ritualísticos. Portanto,

o conceito dinâmico de posicionamento do self em um discurso não pode ser reduzido à adoção de um enquadre – embora um enquadre possa acompanhar um posicionamento – e nem pode ser reduzido a uma mudança de escala, embora o fato de estarmos posicionados possa ser revelado como uma mudança de escala (DAVIES e HARRÉ, 1990, p.9).

Ao abordar um determinado assunto como a sexualidade de mulheres negras, identificamos a existência de várias formas de abordar essa temática, tanto no que diz respeito aos campos disciplinares que dele tratam em uma determinada época, como nos discursos que circulam no cotidiano da contemporaneidade. Podemos denominar esses conteúdos de “repertórios lingüísticos”, que são entidades lingüísticas fluídas e flexíveis. Portanto, os “repertórios lingüísticos” são

em linhas gerais as unidades de construção das práticas discursivas – o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem – que demarcam o rol de possibilidades de construções discursivas, tendo por parâmetros o contexto em que essas práticas são produzidas e os estilos gramaticais específicos ou *speech genres* (SPINK 2004, p.47).

Repertórios são utilizados em contextos discursivos e, para entendê-los é preciso situá-los no tempo que, segundo Spink e Medrado (2004), se desdobra em tempo longo, tempo vivido e tempo curto. Baseada nas reflexões de Spink (2004), considero que a forma de conceber esses tempos não se refere ao pensamento cronológico *per se*, mas às concepções históricas sob as quais os repertórios foram produzidos e a maneira pelas quais eles são utilizados tanto pelo grupo participante como pelo pesquisador no momento da interação.

A idéia de tempo longo nos remete aos contextos de produção dos repertórios. Mesmo que os contextos de produção não existam mais, eles ainda continuam circulantes em nosso meio. Isto é, os repertórios “permanecem vivos nas produções culturais da humanidade e passíveis de serem reativados como possibilidade de sentidos” (Spink, 2004, p. 47). O tempo vivido refere-se aos repertórios que são utilizados partindo dos espaços de socialização em que se vive. Trocando em miúdos: dependendo dos espaços em que as pessoas transitam — família, escola, igreja —, elas utilizarão um determinado tipo de repertório. O tempo curto é a dinâmica da produção de sentidos: “É nesse tempo que se presentificam as diferentes vozes ativadas pela memória cultural do tempo longo ou pela memória pessoal do tempo vivido” (Spink, 2004, p.48).

Essa possibilidade da divisão temporal havia sido abordada de maneira semelhante por Bakhtin. Mas, de acordo com Spink (2004), a formação específica em Psicologia Social suscitou a importância de incluir o tempo vivido, conforme já descrito acima.

Nesta pesquisa, é possível identificar o uso dos três tempos: a construção dos repertórios instituídos historicamente, que podem ser visualizados na apresentação de repertórios lingüísticos na produção de Teses e Dissertações, e na identificação de repertórios na interação com grupo das mulheres negras participantes do grupo focal no espaço da Casa da Juventude Pe. Burnier. Foi possível, então, visualizar a relação das falas das mulheres participantes da pesquisa, com a produção acadêmica estudada a respeito do assunto. Foi explicitada a dinâmica de produção de sentidos referentes aos discursos acerca da sexualidade das mulheres negras, considerando que a natureza polissêmica da linguagem possibilitou às jovens mulheres transitarem por inúmeros contextos e explicitar a vivência de variadas situações.

1.3 - A importância dessa perspectiva para o debate proposto nesta pesquisa

As vertentes críticas das abordagens que têm por foco a linguagem passaram a se interessar pela maneira como o poder, a dominação e as desigualdades sociais são estabelecidos, reproduzidos e combatidos através dos discursos. Segundo Van Dijk (2004), vários problemas sociais podem ser estudados a partir da análise dos discursos. Isso não significa que a sociedade seja apenas discursiva. Por exemplo, a fome, a violência contra a mulher e o racismo são problemas sociais objetivados; contudo, em sua grande parte, são reproduzidos em textos e falas, ou seja, circulam discursivamente.

No entanto, a noção de discurso abordada aqui considera-o mais abrangente do que as reproduções em textos e falas, conforme já apontado por Foucault em *Arqueologia do saber* (1969), pois, ao serem considerados como prática, podem se associar a outras práticas, se retroalimentarem, se interpelarem e se interrogarem. Eles são “produtores e solapadores de outros discursos; discursos que se transformam, mas aos que também é possível transformar” (IÑIGUEZ 2004, p.94).

Como seria, então, a abordagem do tema *sexualidade da mulher negra* em uma perspectiva construcionista? Com intuito de responder a essa pergunta, busquei estudos sobre o tema, podendo verificar que as idéias circulantes sobre a sexualidade da mulher negra nesses textos, independentemente do campo de estudo, não variam. Portanto, a maneira de falar sobre o tema retroalimentava-se e pouco se interrogava sobre os efeitos discursivos de seus resultados. Diante disso, o estudo sob a ótica construcionista passou a fazer sentido para mim, por considerar que é de grande valia interpelar idéias já postas, visando a rearticulação de novas possibilidades de sentidos.

Dentre os estudos localizados na pesquisa bibliográfica realizada⁶, nenhum utilizou a perspectiva construcionista, sobretudo no que concerne à intersecção entre *sexualidade e raça*. Na pesquisa no PDPS, identifiquei dois trabalhos que podem ser considerados próximos à reflexão desenvolvida nesta pesquisa. Entretanto, os temas sexualidade e raça foram abordados isolados, privilegiando apenas sexualidade, e os estudos foram realizados em contextos diferenciados e com objetivos distintos tanto entre si como em relação a esta Dissertação.

⁶ Nos capítulos seguintes esses estudos serão citados.

Em relação à sexualidade tive acesso à pesquisa de mestrado de Rala (1999). Para desenvolver seu estudo, o autor partiu da análise de documentos e dos debates das audiências públicas sobre o projeto de lei 1151-A de 1995 de autoria da deputada federal Marta Suplicy. Esse projeto de lei foi considerado polêmico porque visava legalizar o casamento de pessoas do mesmo sexo. Um dos objetivos da pesquisa era discutir quais os repertórios sobre práticas sexuais e/ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo que circulam na sociedade. Em um dos capítulos, o autor aborda o Construcionismo Social como contraponto ao essencialismo, que marcou as construções teóricas sobre homossexualidade do final do século XIX e que a considerava como perversão e de ordem patológica.

No que tange ainda à discussão sobre sexualidade, a pesquisa de doutoramento de Borges (2008) discutiu a invisibilidade de relacionamentos lésbicos no espaço da mídia televisiva, procurando compreender os repertórios sobre lesbiandade que aí circulam. Em oposição à noção inatista do pensamento essencialista da relação amorosa entre mulheres, a autora aborda tal assunto na perspectiva construcionista procurando levar em consideração os processos históricos e as mudanças sócio-culturais que repercutiram nas compreensões do debate sobre lesbiandade.

Esses dois estudos encontraram na perspectiva construcionista a possibilidade de abordar criticamente os discursos circulantes na mídia e no debate da esfera política sobre a homossexualidade e lesbiandade.

No que diz respeito a esta pesquisa, são vários os fatores, a partir da postura construcionista pautada nas práticas discursivas em Psicologia Social, que podem contribuir, entre eles que essa perspectiva vem ao encontro da visão de mundo que propõe que há possibilidades de impactar e ressignificar discursos impressos nos corpos compreendidos como socialmente marginalizados.

Ao partir do pressuposto de que a postura adotada pode impactar as realidades construídas sobre o assunto debatido, faz-se necessário, para que isso ocorra, desfamiliarizar a concepção de sexualidade de mulher negra detectada em pesquisas acadêmicas e confirmada pelas jovens participantes da pesquisa. Essa idéia disseminada aponta para o pressuposto de que o sexo casual, fácil, submisso e animalesco é algo prioritariamente impregnado nos corpos femininos negros; isto é, se prega como “natural” a imagem da mulheres negras como aquelas que têm uma maior disposição para o sexo e nada mais além disso.

Para uma possível desfamiliarização de tais discursos, seria necessário rever como foram construídos, disseminados e retroalimentados. Uma das hipóteses levantadas por alguns estudiosos é que a invenção de que o povo negro seria animalesco, sem disposição para

atividades mentais e, por isso, com tendência maior para atividades corporais, foi construída desde antes da escravatura no Brasil; já era disseminada desde a Idade Média, sendo reproduzida pelas religiões cristãs (Santos, 2002).

Outros estudos (Schwartz 2006; Moreira e Sobrinho 1994; Carneiro e Santos 1985) apontam também que, no Brasil, tais discursos se estabeleceram partindo da construção histórica do povo negro neste país, onde era de praxe, durante a escravidão, a sujeição das mulheres negras e o uso de seus corpos para fins sexuais. Essa subjugação do corpo negro, que aparentemente seria algo pertencente ao “passado”, ainda se presentifica a partir de resquícios desse ponto de vista disseminados de maneira ora camuflada ora explícita, mas que tendem a perpetuarem-se. Os imaginários podem se apresentar de maneira tão disfarçada a ponto de negar-se a existência de tal concepção sobre os corpos negros nos dias de hoje.

Ao debater sobre a especificidade da mulher negra, pode-se inferir que o que contribui para a reificação dos discursos circulantes sobre sua sexualidade foram as tentativas de ignorar a existência de um discurso diferenciado sobre mulheres negras e brancas. A insistência quanto à existência de especificidades, postura adotada nesta pesquisa, leva em conta a observação enfatizada por Foucault:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT 1970 p.4).

Portanto, considero que há uma acomodação nos discursos que circulam em nosso meio no que diz respeito à sexualidade como nata e essencializada. Ao propor um estudo voltado para um segmento específico da população – a mulher negra – a primeira questão a ser enfrentada é se há ou não especificidade, uma vez que todo o discurso sobre sexualidade da mulher está baseado na idéia normatizada e naturalizada da mulher branca. Ao adotar a perspectiva construcionista, parto da concepção de que os discursos sobre sexualidade são históricos e, portanto, podem variar de acordo com o contexto, incluindo a discussão racial.

Desse modo, faz-se necessário discutir no próximo capítulo qual o motivo de fazer as escolhas para estudar um assunto específico sob tal ótica. Diante disso, faço uma imersão em estudos que trabalharam com a temática *mulher negra e sexualidade* para identificar os repertórios utilizados e, assim, desenvolvo uma discussão sobre as nomeações relacionadas à sexualidade da mulher negra.

Capítulo 2. Sobre a sexualidade de mulheres negras

Fazer pesquisa pode ser sinônimo de fazer escolhas e justificar por que elas foram feitas, pois as leituras e os debates propostos a partir delas e das trocas obtidas nos diversos espaços circulados contribuem para a abertura de novos olhares e novas percepções de sentido que se fazem ao desenvolver uma pesquisa do lugar em que se está.

Neste capítulo, explico algumas escolhas que fiz no decorrer desta pesquisa e a implicação dessas escolhas para o trabalho. Parto da discussão sobre a escolha do termo a ser utilizado e, a partir dessa discussão, discorro sobre os repertórios e vocabulários para falar sobre a sexualidade da mulher negra.

Conforme já informado, optei por trabalhar apenas com mulheres negras. Parto do pressuposto de que há especificidades quanto à maneira como a sociedade aborda a sexualidade das mulheres negras, que justificam a opção por não fazer um estudo comparativo entre brancas e negras. A título de justificativa, procuro neste capítulo responder às perguntas: há diferenças no que concerne a sexualidade de mulheres negras e brancas? Qual a importância de estudar a mulher negra?

Serão dois os focos adotados. O primeiro diz respeito ao debate sobre as diferenças entre sexualidade e práticas sexuais de mulheres negras e brancas. O segundo tema refere-se às práticas discursivas, ou seja, às formas de falar sobre sexualidade de mulheres negras.

2.1- Sexualidade ou práticas sexuais: a arte sutil da escolha

Na perspectiva adotada nesta pesquisa, a compreensão do uso dos termos se torna tão importante quanto ou, em alguns casos, até mais importantes que sua conceituação. Independentemente de aprisionarmos as palavras em conceitos que comumente são atrelados a uma teoria específica, os termos têm seus históricos de composição, seu contexto e seus diversos usos.

Uma das primeiras reflexões realizadas no processo de construção deste trabalho foi baseada na questão: qual o termo mais adequado para ser utilizado diante do contexto em que a pesquisa estava sendo desenvolvida: sexualidade ou prática sexuais? O primeiro “lugar” recorrido para iniciar a problematização desse questionamento foi no dicionário.

Segundo o Dicionário Aurélio (2005), sexualidade é o conjunto de fenômenos da vida sexual e o termo em si é a junção de dois termos: sexual + (i)dade. O termo “sexual” é derivado de “sexo”, e “(i)dade” vem do latim *itate*; é um sufixo “formador de substantivos a

partir de adjetivos: qualidade, caráter, o que é próprio de, atributo, modo de ser”. Segundo o Dicionário Etimológico *Nova Fronteira* (1986), o termo “sexualidade” começou a ser utilizado em 1874 e tem como sinônimos: qualidade do que é sexual; conjunto de caracteres especiais, externos ou internos, determinados pelo sexo do indivíduo. Esse dicionário inclui um significado sobre sexualidade proveniente de um campo de estudo específico: a Psicanálise, que considera que “sexualidade” consiste em um conjunto de excitações e atividades presentes desde a infância (de um indivíduo), que está ligado ao coito, assim como aos conflitos daí resultantes.

O sentido dicionarizado do termo “sexualidade” pode ser compreendido como algo pertencente à constituição da pessoa, algo que nasce com ela, ou do conjunto de práticas que pode envolver o aparato sexual. Todavia, esse termo também aparece como conceito quando associado à teoria psicanalítica. Isso contribui para que o sentido dicionarizado do termo seja tendencioso, pois atribui o sentido como se esse fosse parte de uma teoria que foi construída em um determinado contexto e momento histórico. Mas isso pode também ser indicativo do quanto as noções da teoria psicanalítica foram naturalizados, ao ponto de um termo específico ser colado a ela como se para esse não houvesse outras possibilidades de usos.

Em relação ao termo “prática sexual”, não se encontra nos dicionários o significado dessas palavras em seu uso conjunto. O termo “prática”, no Dicionário Aurélio (2005), é um substantivo feminino que indica a idéia de uso, experiência, exercício; essa mesma definição está presente no Dicionário Etimológico. O termo “sexual” seria, de acordo com o Dicionário Houaiss (2006), relativo ou pertencente ao sexo e ao que possui órgãos sexuais.

Portanto, “prática sexual” se define, na compreensão dicionarizada, como o exercício do sexo, ou o uso dos órgãos sexuais. O termo “sexual” apresenta-se como algo pertencente à constituição física do sexo, e à “prática” dá-se a idéia do movimento quando o significado atribuído apresenta-se como exercício, experiência.

As informações obtidas nos dicionários abriram algumas pistas, mas não foram definitivas para eleger um dos termos a ser adotado nesta pesquisa. Foi sugerido pela orientadora escolher textos em que se discutia sexualidade e/ou prática sexual para refletir sobre como os termos foram utilizados, exercício que poderia contribuir para a opção a ser feita. Optei, então, por três textos de autoras que trabalham com o tema há algum tempo e que abordam temáticas que, de alguma forma, contribuem para a pesquisa:

- LOURO, Guacira Lopes. *Uma política pós-identitária para a Educação*, 2004.

- GONÇALVES, Eliane. *Gozar o direito de gozar: sobre a pauta dos direitos sexuais como direitos humanos das mulheres*, 2002.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Entre as tramas da sexualidade brasileira*, 2006.

Para a análise dos textos parti de duas perguntas iniciais: qual a bibliografia utilizada sobre sexualidade/prática sexual? Quais são os sentidos atribuídos aos termos de sexualidade/prática sexual? Partindo dessas questões, utilizei a metodologia de Bibliografia Reticulada⁷ com objetivo de obter elementos para optar pelo termo que mais se adequaria à perspectiva adotada. Tinha em mãos textos que foram escritos em contextos diferentes, mas que abordavam a mesma temática: sexualidade. Atribuí aos textos uma nomeação de acordo com o contexto em que eles foram produzidos: o primeiro, *Teoria Queer*, o segundo, as *reflexões feministas*, e o terceiro, os *estudos voltados ao comportamento sexual da juventude*.

Para a análise dos textos construí dois quadros: um que apontava os autores citados nos textos escolhidos e outro para identificar como as autoras nomeavam e conceituavam sexualidade e práticas sexuais ou termos que tivesse proximidade com a temática.

A partir da leitura do primeiro quadro, identifiquei que todos os textos citam M. Foucault, *História da Sexualidade 1 : Vontade de saber* (1985); as autoras dos três textos citam textos próprios; os textos sobre *Teoria Queer* e das *Reflexões Feministas* se baseiam em produções de mais de uma área do conhecimento, ao passo que o terceiro texto, que considerei também ter caráter *acadêmico*⁸, cita somente autores da mesma área. A maioria dos textos citados na categoria *Queer* estavam escritos em inglês; aquele que classifiquei como *Feminista* foi o único que citou documentos públicos de conferências internacionais, convenções e folhetos.

⁷ Essa metodologia, utilizada no Núcleo de Produção de Sentidos e Práticas discursivas, busca, a partir de um ou mais textos, formar uma rede de informações que contribua para a compreensão do contexto de produção do material, incluindo autores e conceitos que sustentam tais produções. Essa metodologia é também discutida em Galindo (2002).

⁸ Considerei o terceiro texto como “acadêmico” por ser uma reflexão sobre uma pesquisa realizada com adolescentes. E os dois outros textos, o feminista, era um ensaio que se entenderia por um texto político e o “Queer” era um texto teórico por considerar vários conceitos para basear as suas argumentações.

Quadro - 1 - Textos sobre sexualidade/práticas sexuais: autores citados

Autora	Texto	Campo Temático	Textos Citados ⁹
Guacira Lopes Louro	Uma política pós-identitária para educação	Teoria Queer	BRITZMAN, Deborah. <i>O que é esta coisa chamada amor - educação homossexual, educação e currículo</i> . 1996.
			FOUCAULT, Michel. <i>A história da sexualidade 1: vontade de saber</i> . 1993
			JOGOSE, Annamarie. <i>Queer Theory. An introduction</i> . 1996.
			PINAR, Willian. <i>Introduction. Queer theory in Education</i> . 1998.
Eliane Gonçalves	Gozar o direito de gozar: sobre a pauta dos direitos sexuais como direitos humanos das mulheres	Reflexões Feministas	BRITZMAN, Deborah. <i>O que é essa coisa chamada amor – identidade homossexual na educação e currículo</i> . 1996.
			FOUCAULT, Michel. <i>História de Sexualidade 1: Vontade de Saber</i> . 1985.
			GONÇALVES, Eliane. <i>Educação sexual no contexto escolar</i> . 1998.
			ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. <i>IV Conferência Mundial sobre a Mulher</i> . 1996.
			WEEKS, Jeffrey. <i>Sex, politics and society</i> . 1996.
WAS – WORD ASSOCIATION OF SEXOLOGY. <i>The declaration of the sexual rights</i> . 1997.			
Maria Luiza Heilborn	Entre as tramas da sexualidade brasileira	Comportamento sexual/ juventude	ABRAMO, Helena Wendel. <i>Considerações sobre a tematização social da Juventude no Brasil</i> . 1997.
			FOUCAULT, Michel. <i>Historia da sexualidade 1: vontade de saber</i> . 1988.
			GALLAND, Olivier. <i>Sociologie de la jeunesse</i> . 1997.
			HEILBORN, Maria Luiza. <i>Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário</i> . 2004.
			WEEKS, Jeffrey. <i>Sexuality and its Discontents: Meanings, Myths and Modern Sexualities</i> . 1986.

Tais observações são importantes para identificar que, dependendo do contexto, os caminhos para fortalecer o argumento que se está defendendo podem ser diferentes. No entanto, mesmo havendo essas diferenças, há possibilidades de confluência de idéias, por exemplo, quando os três trabalhos lançam mão da discussão proposta por Foucault; isso é um indicativo de que na atualidade tal trabalho é referência para discutir esse assunto. Outro ponto que merece destaque é que, quando se percebe que um texto lança mão de bibliografias de outro país, pode ser um indicativo de que tal tema ainda é pouco explorado no próprio país.

A partir do segundo quadro, constatei que os textos classificados como *Queer* e *feminista* não apresentaram diretamente o conceito de sexualidade, mas demonstraram idéias que consideravam constituinte dessa concepção, como por exemplo, “práticas sexuais”. Além do uso de “sexualidade” e “prática sexual”, cada um dos textos apresentou termos específicos relativos ao tema e referentes aos contextos em que estavam inseridos: o texto classificado como *Queer* utilizou *identidade sexual*; o *feminista* trabalhou principalmente com *direitos sexuais*, e no *acadêmico*, a pesquisa estava voltada para *comportamento sexual*.

⁹ Esse quadro não contém todos os autores citados nos textos, apenas aqueles referidos na discussão efetuada neste capítulo. O quadro completo encontra-se no Anexo 1.

Quadro - 2 - Sexualidade/práticas sexuais: conceito

Autora	Texto	Nomeação	Conceito
Guacira Lopes Louro	Uma política pós- identitária para educação. Segundo capítulo do Livro "Corpo estranho: ensaios sobre teoria queer". Discute as dificuldades de trabalhar com a idéia de identidade sexual a partir da trajetória dos movimentos gays e lésbicos. Apresenta o surgimento da teoria Queer e suas divergências e convergências. Aponta a necessidade de fazer tal discussão no espaço que trabalha com a formulação dos currículos na Educação.	Identidade Sexual	Contida na sexualidade; trata-se da escolha do objeto amoroso.
		Prática Sexual	Contida na sexualidade; refere-se ao ato sexual, "como se faz".
		Sexualidade	Construção discursiva; Algo originalmente natural ou socialmente construída.
Eliane Gonçalves	Gozar o direito de gozar: sobre a pauta dos direitos sexuais como direitos humanos das mulheres. Texto escrito para o "Curso Nacional de Advocacy Feminista: em saúde e direitos sexuais e reprodutivos". Discute o conceito de direitos sexuais a partir de uma perspectiva feminista. Aborda as idéias de autores/as sobre a temática como também nos contextos das conferências internacionais.	Direitos Sexuais	Elemento fundamental dos direitos humanos; Liberdade e autonomia no exercício responsável da sexualidade; livre orientação sexual.
		Sexualidade	Tem complexas manifestações; tem suas próprias regulações e hierarquias.
Maria Luiza Heilborn	Entre as tramas da sexualidade brasileira Artigo produzido a partir de uma pesquisa sobre comportamento sexual de jovens de 3 capitais brasileiras. Aborda o conceito de sexualidade e os mitos construídos sobre a sexualidade brasileira.	Comportamento sexual	Como a pessoa se "porta" em relação à sexualidade.
		Prática Sexual	Se diferenciam no interior de cada sociedade, variando de acordo com os referenciais dos diversos segmentos sociais que a compõem.
		Sexualidade	É objeto de um processo de aprendizagem e este, por sua vez, é pautado tanto pelas concepções de gênero como pelo sexo anatômico do indivíduo. "É uma dimensão humana que não é natural, nem universal, em sua forma de expressão, nem inata e, de um ponto de vista sociológico, não pode ser interpretada como pulsão psíquica ou função biológica."

O termo “prática sexual” em dois textos foi definido como algo que se diferencia no interior de cada sociedade e pode variar de acordo com os referenciais dos diversos segmentos sociais que a compõem (Heilborn,2006). Sendo assim, a prática sexual estaria contida na sexualidade pois refere-se ao ato sexual, no “como se faz” (Louro, 2004) .

O termo “sexualidade” apareceu nos três textos, e, mesmo não explicitamente, foi compreendido como objeto de um processo de aprendizagem que, por sua vez, é pautado tanto pelas concepções de gênero como pelo sexo anatômico do indivíduo. É uma dimensão humana que não é natural, universal em sua forma de expressão, ou inata e, de um ponto de vista sociológico, não pode ser interpretada como pulsão psíquica ou função biológica (Heilborn, 2006). A sexualidade tem complexas manifestações e suas próprias regulações e

hierarquias (Gonçalves, 2002). Portanto, pode ser uma construção discursiva ou algo originalmente natural, dependendo do referencial utilizado.

No que diz respeito às “práticas sexuais”, nas diversas formas de uso do termo, a idéia geral é que elas são sinônimo de ato sexual em si. Essa idéia contribui para situar atores e suas escolhas. Essa possibilidade pode gerar conflitos uma vez que algumas práticas sexuais são tidas como não convencionais e, por isso, não aceitas por instituições que regulam os modos das pessoas se relacionarem. É comum que os estudos que focalizam as práticas sexuais investiguem o exercício de sexualidades tidas como “incomuns” em nosso meio pois, se até as práticas sexuais que são socialmente aceitas (heterossexuais monogâmicas) perpetuam tabus a esse respeito, na vivência de outras práticas, que não cabem no modelo socialmente estabelecido, as intolerâncias são maiores.

Percebe-se que o termo “sexualidade” é carregado de sentidos diversos, pois é utilizado em contextos diferenciados de discussão. Todavia, esse termo, quando usado de maneira tão ampla, pode englobar tudo e não focar nada, ou ignorar a existência das práticas em si. Isso pode levar ao uso polissêmico do termo, tendo como conseqüência naturalizar sem corporificar as/os possíveis atrizes e atores que estão envolvidos na questão. Daí a importância de, ao usar o termo, situá-lo em relação ao como e em que contexto é empregado.

Assim, como os três textos trouxeram pontos importantes a serem aprofundados acerca das concepções de sexualidade e práticas sexuais, podem-se encontrar em materiais construídos em contextos diversos outras questões que demonstram a necessidade de estudos mais aprofundados sobre esses temas, seja para conhecer sua dinâmica de constituição ou para ressignificar idéias construídas acerca deles.

De acordo com Heilborn (2006), a sexualidade é uma das áreas mais úteis para se investigar a dinâmica social relacionada com processos de modernização e permanência de lógicas tradicionais, tanto no que concerne ao nível das práticas, quanto no plano dos valores.

Essa discussão já foi e ainda é alvo de várias compreensões e rupturas; pesquisadores que outrora foram considerados revolucionários, hoje são alvos de críticas. Todavia não se pode negar suas contribuições para a ampliação dos olhares sobre o tema. Por exemplo, um dos autores mais citados para abordar sexualidade e práticas sexuais é Freud que, em suas reflexões, priorizou essa discussão na perspectiva do indivíduo. Alguns estudiosos (Roudinesco e Plon 1998; Loureiro 2004) afirmam que a sexualidade está no cerne da teoria freudiana e que Freud fez uma importante ruptura epistemológica (ou teórica) com a sexologia, por entender que a sexualidade teria uma disposição psíquica universal, e ao questionar os fundamentos biológico, anatômico e genital, propondo que ela pertence à

essência da atividade humana. Para Freud, segundo Loureiro (2004), a sexualidade deve ser compreendida em um sentido amplo por ir além da genitalidade, e o prazer aconteceria independente da função biológica.

Segundo Foucault, em uma palestra proferida na Universidade de Tóquio em 1978, a proposta de Freud partiu da vontade do questionamento sobre o desconhecimento do sujeito sobre o seu próprio desejo que se manifestava através da histeria. Mas, em paralelo a esse estudo de Freud, haveria uma produção intensa sobre sexualidade baseada em um conhecimento cultural, social, científico e teórico. De acordo com Foucault (1978), essas duas concepções, a freudiana e a culturalista, não eram contrárias e coexistiam. Portanto, Foucault afirma que sua intenção não consistia em fazer um projeto antipsicanálise, mas tentar rever o saber sobre sexualidade a partir do saber social, cultural e coletivo, ao invés de focalizar o desconhecimento pelo sujeito de seu próprio desejo.

De acordo com Foucault (1978), o esquema histórico que é utilizado, quando se fala da história da sexualidade no Ocidente, é baseado na idéia de que na antigüidade grega e romana a sexualidade era livre. Depois, com o cristianismo foram instituídas várias formas de interdições. Diante disso, o silêncio sobre a sexualidade se instaurou e o que se tinha eram apenas proibições morais. Isso teria se prolongado até o século XIX, quando, com a chegada de Freud, esse silêncio teria começado a ser abalado. Portanto, seria o Cristianismo que teria dito “não” à sexualidade.

Foucault (1978) lança mão dos estudos do historiador Paul Veyne que revê essa linha histórica apontando que os princípios da moral sexual (sexo somente para reprodução; monogamia e desqualificação do prazer) pregados pelo Cristianismo já existiam antes deste existir. Esses princípios teriam sido instituídos pelos *estóicos*, baseados em estruturas sociais e ideológicas do Império Romano. Vale acrescentar que os princípios da moral sexual só não eram seguidos pelos ricos e por uma pequena casta social de privilegiados. Foucault (1978) afirma, então, que o Cristianismo não teria criado novas idéias morais, e sim contribuído para a construção de novas técnicas para impor essa moral. Portanto, para Foucault (1978), a história da sexualidade deve ser contada levando-se em conta mais os mecanismos de poder do que as idéias morais e as proibições éticas.

Para situar o contexto a partir do qual faz suas reflexões, Foucault (1978) compara o Ocidente com o Oriente no sentido de identificar como cada espaço concebe a sexualidade. No Oriente, há uma arte sexual e erótica em que se ensina sobre o prazer sexual, ao passo que, no Ocidente, houve necessidade de instituir um saber científico sobre a sexualidade com fortes tendências à interdições.

Ponto que a noção de Ocidente, sobre o qual tanto se fala, deve ser considerada não como um todo, pois tais pensamentos sobre sexualidade são na sua maioria de origem européia, e os outros países, que às vezes nem são considerados parte do Ocidente, apenas aquela parte com pouca voz, absorveram essas noções impostas ao longo dos séculos¹⁰.

Essas reflexões se fazem necessárias para a compreensão de que, assim como os jogos de poder que foram construídos para conceber e impor noções sobre sexualidade foram instituídos, os corpos mais voltados às práticas sexuais, ou as parcelas da população que mais usam seus corpos de maneira libertária, seriam considerados também inferiores. Fortalecer essas noções seria mais uma maneira de reforçar a inferioridade de povos que concebem a sexualidade de maneira diferenciada do que foi instituído como norma.

Essas reflexões permitem compreender a sexualidade também numa perspectiva histórico-sociológica para identificar como são instituídas as relações de poder em torno de tal discussão. Portanto, o lugar de onde se constrói o saber influencia na manutenção ou mobilização de poderes constituídos.

De acordo com Duarte (2004), até os anos sessenta havia dois autores que se dedicaram de maneira explícita e sistemática à análise sociológica da sexualidade no Brasil: Gilberto Freire, com foco na cultura patriarcal, e Roger Bastide, na cultura afro-brasileira. Ainda segundo o autor, após a década de 1960 as reflexões se diferenciaram muito das precursoras. Começa uma literatura crítica, com ênfase na importância da dissociação crescente entre sexualidade e reprodução, questão esta associada à apropriação dos anticoncepcionais. Com o aumento da infecção pelo vírus HIV nos anos 1980, houve um aumento de estudos sobre práticas sexuais no campo das Ciências Sociais.

Embora o contexto histórico e social tivesse possibilitado uma maior abertura para estudos sobre sexualidade, mesmo assim esse debate ainda parece ter um *status* de inferioridade em relação a outros estudos. A tendência predominante é de considerar assuntos que são da esfera social como se fossem da esfera biológica, sendo essa Biologia compreendida como a-histórica.

Louro (2007) aponta que a sexualidade costuma ser ancorada de maneira mais resistente na Biologia do que nas teorias sobre gênero, o que sugere que a idéia de que há uma matriz biológica de algum atributo ou impulso comum, que se constitui na origem da sexualidade humana, ainda continua persistente em algumas teorias, mesmo quando essas não

¹⁰ Essa reflexão partiu da fala de uma jovem guineense em um encontro de mulheres negras africanas e das diásporas intitulado “Desafios das Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial” nos dias 16 e 17 de novembro de 2006. Essa jovem questionava que quando as pessoas falam de Ocidente não consideram os países do Continente Africano que pertencem a tal divisão geográfica.

são da área de conhecimento da Biologia. A noção de que a sexualidade é regida apenas por impulsos pode dar vazão ao pensamento universal de uma sexualidade presa ao determinismo biológico.

A perspectiva construcionista adotada aqui, que está em consonância com o debate proposto por Louro (2007), opõe-se à lógica essencialista e determinista. Levando em conta que pesquisadores do tema consideram que a sexualidade é mais do que corpos, que nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais e comportamentos que são postos em ação para expressar prazeres e desejos (Louro 2007), considero mais adequado, para a discussão que esta pesquisa propõe, a escolha do termo “sexualidade” ao invés de “prática sexual”, pois o debate proposto tem vários componentes que incluem a idéia de prática sexual, mas não se reduz apenas nela.

Adoto aqui, portanto, o termo “sexualidade” com intuito de discutir seus usos e os efeitos desse uso a partir do discurso sobre um determinado grupo e sua apropriação por esse grupo ao falar sobre sua vivência da sexualidade.

2.2 – De semelhanças e diferenças o foco na sexualidade das mulheres negras

“Existe”¹¹ diferença da sexualidade da mulher negra em relação à sexualidade da mulher branca?

Esse foi o questionamento feito a mim em diversos contextos em que se discutia esta pesquisa¹². A partir daí, o que soava como incontestável passou a ser motivo de problematização, pois não era evidente para as pessoas a relevância de tal debate. Passei da impaciência em ter que responder à pergunta, para a necessidade de articular um argumento plausível para sua justificativa.

A diferença nos discursos sobre a sexualidade da mulher negra em relação aos da mulher branca era nítida, ao meu ver, por identificar que questões histórico-sociais vivenciadas por cada um desses dois grupos haviam possibilitado a construção sistemática dessas diferenças. No caso das mulheres negras e brancas, essas diferenças foram sinônimo de desigualdades. Essas assimetrias apresentam-se na esfera dos discursos que podem levar à desvalorização dos corpos femininos negros.

¹¹ Utilizo esse termo entre aspas porque, na sua constituição, ele carrega a noção de permanência e realidade, e, portanto, não é coerente com a idéia de construção de processos. Porém nos espaços acadêmicos em que essa pergunta foi feita, ela foi formulada dessa maneira.

¹² Os contextos de apresentação do trabalho foram o Núcleo de Pesquisa do qual faço parte, o *Seminário Internacional Fazendo Gênero (2006)* e o *II Congresso Brasileiro Psicologia: ciência e profissão (2006)*.

As assimetrias podem ter suas evidências suprimidas quando não se leva em conta a constituição histórico-social na dimensão dos discursos sobre sexualidade, considerando-os como algo da “essência” da pessoa. Tal postura pode mascarar a importância do debate das relações raciais e naturalizar as desigualdades que foram construídas sistematicamente. Portanto, para compreender as tais diferenças se faz necessário perceber como se deu a estruturação da noção histórico-social da formação desses discursos sobre as relações raciais no Brasil.

Diante da impossibilidade de realizar um estudo que pudesse abranger todas as noções históricas da formação do discurso sobre as relações raciais no Brasil, ou discorrer sobre os vários autores que já pesquisaram sobre o tema, apenas destacarei alguns itens que contribuem para se ter uma noção de aspectos que dizem respeito ao foco deste trabalho. Para isso apresentarei alguns dados de estudos que podem contribuir para esse objetivo.

Ao iniciar esta pesquisa, busquei textos em bases de dados na Internet e encontrei várias indicações de leitura para identificar possíveis disparidades desses dois grupos. Diante de uma literatura considerável, debruicei-me com maior afinco em textos que tivessem relação com a temática da *sexualidade das mulheres negras* em comparação com a das mulheres brancas. Foi possível identificar dados que apontavam para diferenças quanto a encontrar um parceiro; quanto à saúde sexual e reprodutiva; na prática sexual sem prevenção e na auto-estima rebaixada.

No que tange à busca de um parceiro para o casamento, essa questão foi abordada pela demógrafa Berquó (1988) em o seu texto *A pirâmide da solidão*. Partindo dos dados do censo de 1980, a autora analisou as possibilidades de homens e mulheres encontrarem um parceiro para contrair matrimônio. Ela tomou como base a norma de que as mulheres procuram parceiros mais velhos e/ou da mesma faixa etária. Realizou o exercício de dividir mulheres e homens na mesma faixa etária e verificou o indicador de disponibilidade dos homens e mulheres nessa faixa. Com base nesse procedimento, identificou que, na medida em que as mulheres avançam na idade, diminuem as chances de encontrarem um parceiro, de modo que são poucas as chances de casar depois dos 30, principalmente para mulheres que vivem distante do núcleo familiar. Ao fazer um recorte racial, a autora identificou maior desvantagem das mulheres negras em relação às brancas neste quesito.

Após a pesquisa de Berquó, outras autoras fizeram estudos que se aproximaram da discussão da “solidão da mulher negra”, partindo do mesmo exercício ou tomando como base as afirmações já feitas pela autora. O trabalho demográfico realizado por José (1988) na cidade de Campinas, São Paulo, aborda que, como um todo, as mulheres mais velhas

tenderiam a ficar sem parceiros e, quando se faz um recorte racial, percebe-se que as mulheres negras estariam em desvantagem para encontrar um parceiro comparado com as brancas. Acrescenta que, tanto para a mulher negra como para a branca, o ideal é encontrar um homem mais velho; contudo, os homens negros e brancos elegem como parceiras as mulheres brancas e mais jovens para se relacionar. O que nos leva a presumir que, partindo dessa ótica heterossexual, restaria pouca escolha para as mulheres negras.

Moreira e Sobrinho (1994) abordaram esse tema com o objetivo de estudar o crescimento dos casamentos inter-raciais, particularmente de homens negros com mulheres brancas. Os autores partem também do estudo realizado por Berquó (1988) para analisar tal fenômeno, e concluem que, mesmo hoje, quando o branqueamento não é mais uma política de Estado e nem é defendido nos meios intelectuais, ele está presente no imaginário das pessoas e nas práticas da sociedade. Afirmam, ainda, que o homem negro, ao ascender socialmente, se preocupa menos com seu grupo étnico e se aproxima mais dos brancos, tendo maior probabilidade de casar-se com mulheres brancas, contribuindo assim para o fortalecimento da ideologia do branqueamento.

Na mesma linha de estudos voltados à “solidão da mulher negra”, Pacheco (2003) realizou uma pesquisa na Bahia baseada em entrevistas com mulheres negras que vivem sem parceiro fixo. A autora confirma a idéia de que as mulheres negras estão em descompasso quando se trata de encontrar um parceiro para efetivar o casamento.

De acordo com os trabalhos citados, é importante ressaltar que o debate iniciado por Berquó inspirou outras tantas pesquisas, mas também foi alvo de críticas realizadas por ela mesma quando reviu, em um texto escrito em 1997, o uso do termo “solidão” alterando-o para “pirâmide dos/as não casados/as”. Nesse novo texto, Berquó alerta que nem sempre não estar casada pode ser considerado sinônimo de um peso nas vidas das mulheres. Porém, segundo Gonçalves (2007), foi a noção de solidão adotada inicialmente por Berquó que teve mais ressonância na mídia e na academia. Concordo com as reflexões de Gonçalves quando afirma que essa noção realça um “pressuposto heterossexual centrado na naturalização da necessidade do par/casal influenciando leituras que acirram a problemática da solidão feminina, sobretudo quando vista sob um recorte racial” (Gonçalves, 2007:36).

Essa importante discussão sobre casamento foi um dos temas centrais das participantes desta pesquisa, portanto voltarei a esse tema mais adiante. Neste capítulo, atendo-me apenas aos estudos que informam as desigualdades entre mulheres brancas e negras. Por isso, levo em conta que essas autoras apontam a possibilidade do casamento como um instrumento de

vantagem no chamado “mercado matrimonial” e, nesse caso, a mulher negra que se considera heterossexual e deseja casar com um homem mais velho estaria em desvantagem.

Em relação à saúde, apresento uma pesquisa da área da Psicologia Social da Saúde, desenvolvida por Souza (1995), que realizou um estudo com um grupo de usuárias de um centro de saúde da rede pública estadual no município de São Paulo. Esse estudo demonstrou a alta incidência e a reincidência de miomas em mulheres negras, com proporção de histerectomia quase cinco vezes superior em relação às mulheres brancas. Segundo a autora, os miomas uterinos constituem uma das causas mais apontadas para a prática de histerectomia em negras em vários países, inclusive no Brasil (15,8%, para as negras e 3,6% para brancas).

Ainda relacionada à saúde sexual e reprodutiva das mulheres negras, Perpétuo (2000), em sua análise dos dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS), afirma que a falta do quesito cor¹³ nas pesquisas dificulta a investigação sobre a desigualdade racial na perspectiva das práticas sexuais. Considerando que entre as mulheres que têm relação sexual com menos de 15 anos há uma maior representação de mulheres negras (13,7%) do que de brancas (7, 2%), os dados sugerem que as jovens negras iniciam suas práticas sexuais mais cedo do que as brancas. Segundo a autora, essa diferença está relacionada ao pouco conhecimento da fisiologia reprodutiva e ao baixo acesso de jovens negras à contracepção, tendo como um dos resultados a gravidez indesejada, presente para 27% das mulheres brancas e 40% das negras. Ela afirma, também, que esses dados são insuficientes para deduzir se o que pesaria mais nos resultados seriam as questões raciais, econômicas ou se as duas questões atuam conjuntamente.

O que foi comum encontrar nas bibliografias consultadas foram dados sobre mulheres negras que se casam adolescentes, têm filhos sem planejamento e são abandonadas pelo marido. Há, também, informações sobre mulheres que sofrem em relação à auto-estima e aquelas que buscam se enquadrar no perfil da “mulata tipo exportação para servir ao gosto de turistas”, já que ainda pesa sobre seus corpos o mito da “mulher boa de cama” (Cruz & Pinto, 2001).

Diante desses levantamentos, é possível inferir que há diferenças nos discursos sobre as mulheres negras e as mulheres brancas, pois as trajetórias de ambas foram marcadas pela

¹³ A informação sobre cor desapareceu do Censo de 1970, que foi realizado durante a ditadura, e deixou um vazio muito grande, porque nós tínhamos dados sobre cor nos censos de 40, 50 e 60. O Censo de 1960 só veio a público em 1978 e, ainda assim, incompleto. Então, quando em 1970 a informação sobre cor não entrou, isto significou que tivemos um vazio de informações sobre a população negra brasileira de 1960 até 1978. Durante 20 anos não havia nenhuma idéia sobre como estava evoluindo a população negra. Com a volta desse quesito no Censo de 80, foi possível então reiniciar os estudos a respeito da população negra no país. (Berquó, 2001).

assimetria, e os discursos não são deslocados desse cotidiano de vida. Portanto, essas assimetrias tendem a repercutir nos discursos sobre o corpo feminino negro e isso ocorre de maneira considerável no que diz respeito à sexualidade.

É importante enfatizar que o estudo dessas diferenças, de acordo com Brah (1992), pode não ser significativo quando não se leva em conta quem define o que é diferente e se essa diferença se apresenta de maneira lateral ou hierárquica. Em suma, pode-se inferir então, que as informações acima são relevantes para identificar que essas diferenças são decorrentes de desigualdades. Porém, os dados, assim como os discursos, são socialmente construídos e não são produtores de “verdades” absolutas, sendo importante conhecer como foram criadas essas informações.

Dessa maneira, para contribuir no debate no que tange os discursos sobre sexualidade de mulheres negras e brancas, esses dados foram cruciais. Porém, sendo o objetivo desta pesquisa trabalhar com a experiência de mulheres negras, para além das diferenças, cabe a pergunta: por que será relevante pesquisar os discursos sobre a sexualidade da mulher negra?

Para pensar essa questão, vale apresentar reflexões de algumas autoras que focalizaram esse tema a partir de estudos sobre gênero e raça no enquadre do movimento feminista. Em alguns casos, a pergunta foi feita ao inverso da proposta neste texto. Ao invés de buscar a especificidade das mulheres negras, buscou-se a singularidade do feminino já que, historicamente, o movimento feminista tendeu a ignorar a problemática das relações raciais.

Mas há exceções, como o texto de Bairros (1995) elaborado a partir da análise de um programa televisivo de culinária, em que uma mulher branca distribuía conselhos sobre a “arte da cozinha”, tendo uma mulher negra como mera auxiliar. Essa cena contribui para várias reflexões; no entanto, a autora enfoca, inicialmente, apenas o imaginário construído sobre o trabalho doméstico, tido como espaço de subalternidade. Esse espaço, comumente ocupado por mulheres negras, deixou de sê-lo no momento em que se tornou possível dar conselhos e ensinar no espaço público, função que é alocada à mulher branca. A autora parte dessa reflexão para ampliar o debate, perguntando: o que poderia existir de comum entre mulheres de diferentes grupos raciais?

A autora se apóia no feminismo radical, liberal e socialista para discorrer sobre tal questão. Parte de três conceitos importantes para esses feminismos: *mulher*, *experiência* e *política pessoal*. Considera que tais conceitos se tornaram úteis para definir as mulheres como coletivo e defender seus interesses, porém eles seriam frágeis para ser base de união para “todas” as mulheres. O conceito *mulher* estaria implícito na dimensão sexual, e *gênero* na construção social. Ao aceitar a idéia de que existe uma natureza feminina e masculina, a

opressão sexista seria compreendida como um fenômeno universal, sem considerar os contextos culturais em que essas práticas são desenvolvidas.

O conceito *experiência* valoriza a subjetividade das mulheres. Isso seria de grande valia se mulheres de diferentes contextos participassem ativamente de grupos de discussão em que suas idéias sobre si mesmas fossem apresentadas e propagadas. Diante dessa impossibilidade, passa-se a priorizar experiências de um grupo privilegiado que são consideradas como universais para todas as mulheres; o que foi considerado comum a todas inicialmente foi a maternidade e a sexualidade.

A maternidade, privilegiada no seu caráter biológico como parte integral da identidade feminina, reforçando as noções patriarcais em que se considera que é algo naturalmente feminino, dificultando aceitar a idéia de aborto e direito reprodutivo. A sexualidade, entendida como a experiência que unificaria todas as mulheres, colocada como se fosse vivenciada por todas de maneira passiva, como objetos. No entanto, essa compreensão reforça a idéia patriarcal e naturalizante de que os homens são sexualmente mais ativos e desconsideraria que as mulheres relacionam-se sexualmente entre si. Todavia, ao ser construído que a mulher negra seria mais ativa e voraz sexualmente do que as mulheres brancas, neste caso elas se aproximariam mais dos homens do que do grupo das mulheres.

A idéia de que o *peçoal é político* pode ter compreensões diversas dentro e fora do feminismo, desde o pensamento de que o maior problema das mulheres seria de ordem pessoal (logo deveria politizá-lo), até a idéia de que, como política é coisa somente do espaço público, seria importante ampliar essa noção de modo a englobar questões do espaço privado. Hooks (apud Bairros 1995) interpreta a frase “peçoal é político” como o pessoal sendo o ponto de partida para a conexão entre politização e transformação da consciência, o que não seria apenas descrição da experiência das mulheres, mas o princípio do entendimento crítico de onde essa realidade é construída.

As feministas socialistas ofereceram alternativas para que se entenda a intersecção entre raça, gênero, orientação sexual e classe. Contudo, mantiveram a noção inicial de *experiência* como principal elemento para definir a opressão sexista e entendem esta como sendo mais importante. As outras dimensões seriam fragmentos que se somam às de gênero. Segundo Bairros (1995), houve aceitação acrítica das outras dimensões. A idéia, baseada nessa apropriação acrítica, é que somos todas e todos afetadas pelo sexismo em suas diversas formas, e de nenhum modo esse aspecto teria seus efeitos combinados com o racismo.

Bairros (1995) utiliza as idéias de bell hooks a fim de responder à pergunta: o que haveria de comum na luta de mulheres negras e brancas. Segundo hooks (apud Bairros 1995),

o que as mulheres negras e brancas compartilham é a luta pelo fim das relações baseadas em diferenças de gênero. Mas não se trata da mesma opressão porque para as mulheres negras não é apenas a dominação patriarcal que sustenta as relações de poder nas esferas pessoais, interpessoais e íntimas, mas também as bases ideológicas que se assemelham ao patriarcado e que permitem a existência do racismo, calcado em noções de inferioridade e superioridade.

A autora cita também Patrícia Collins (apud Bairros 1995) que discutiu as bases do pensamento feminista negro, procurando se contrapor às idéias hegemônicas do pensamento masculino branco, abordando a intersecção de raça e classe na estrutura de gênero. Segundo Collins, a perspectiva intelectual baseada no ponto de vista masculino e branco não leva em consideração a *experiência* como algo legítimo para a construção do conhecimento. No entanto, o pensamento feminista negro, segundo esta autora, leva em conta não somente um conjunto de experiências, como as idéias compartilhadas por mulheres afro-americanas que consideram a visão pessoal, da comunidade e da sociedade.

Com o intuito de discutir a visibilidade e legitimação de estudos realizados por e com mulheres negras, Caldwell (2000) realizou uma comparação entre pesquisas de estudos feministas do Brasil, do Canadá, Estados Unidos e Inglaterra. A autora parte da idéia de que os estudos feministas no Brasil ainda não reconhecem a importância de trabalhar com as diferenças raciais na constituição do gênero.

Caldwell (2000) historia o início da discussão de raça, que se deu na década de 1970 pelas mulheres negras e chicanas na Inglaterra, Estados Unidos e Canadá. Esse grupo de estudiosas questionava os modelos unitários de gênero e exigiam que, quando se fala sobre “ser mulher”, deveria se levar em conta raça, classe e sexualidade. Tais críticas, apesar de começarem a ser feitas nas décadas de 1970 e 1980, só tiveram algum impacto na década de 1990.

Vários estudos feministas desenvolvidos nos Estados Unidos serviram de inspiração para estudiosas brasileiras. Contudo, os estudos feministas traduzidos do inglês para o português não incluíram trabalhos com críticas ao racismo. Diante disso, Azeredo (1994) pontua que os estudos sobre a mulher no Brasil partiram de uma perspectiva parcial, enfocando apenas as relações de gênero, e não reconhecendo as diferenças raciais, pois as brasileiras priorizaram a tradução de textos escritos pelas feministas brancas em detrimento das feministas não brancas.

Caldwell (2000) questiona se as críticas realizadas pelas feministas negras no Brasil passam despercebidas porque o tratamento do assunto das diferenças raciais é realizado, na maioria das vezes, por mulheres negras que ainda são minoria nas universidades e,

conseqüentemente, têm menos legitimidade. Quando as mulheres brancas abordam tal tema, colocam-no como um problema das negras, pois, estando em um lugar privilegiado – as mulheres brancas – não reconhecem o impacto que a raça pode ter nas suas próprias vidas.

Reconhecendo a importância do que Caldwell (2000) chama atenção, ainda há pouco reconhecimento do trabalho das mulheres negras. Mas nem tudo é silêncio em terras brasileiras. No começo dos anos 1980, Lélia González já questionava os estudos contemporâneos que só abordavam gênero e classe, não se preocupando com a discussão racial. Afirmava, também, que as mulheres negras viviam a tripla discriminação de raça, gênero e classe.

Carneiro e Santos (1985), no livro *Mulher Negra*, mesmo enfrentando os problemas com a falta de informação estatística sobre raça no Brasil¹⁴, fizeram análise estatística sobre a situação da mulher negra na região metropolitana de São Paulo. Essas autoras também questionaram a ausência do quesito cor nos estudos sobre mulheres no Brasil entre os anos de 1975 a 1985, apesar do aumento dos estudos sobre a mulher, por ter sido proclamado pela ONU como a *década da mulher*. Apontaram que, diante da não abertura das feministas brancas ao debate racial, as mulheres negras deveriam privilegiar a discussão racial e não a sexual.

Em relação às observações feitas por Carneiro e Santos (1985), Piscitelli (1996), em consonância com Stolke (1993), afirma que a discussão de gênero estaria ausente da literatura sobre raça e etnicidade, e esse debate começara a ganhar espaço nas discussões feministas. Pode-se inferir, então, que para fazer um debate interseccionado é importante partir do contexto em que se está; mas se faz necessário ir além dessa fronteira para não correr o risco de se fixar apenas na centralidade do tema de onde se partiu, isto é, do assunto pertencente com maior força no contexto em que se está. Diante dessa reflexão, Piscitelli (1996) afirma que as aproximações feministas que se construíram reforçando a centralidade ao gênero encontram dificuldades para chegar a uma multiplicidade e considerar outros marcadores. Esse caminho é um percurso difícil, cheio de tensões e ambigüidades.

Em um texto mais recente, Carneiro (2003) afirma que as mulheres negras ainda vivem em constante luta no interior do movimento feminista, e argumenta ser necessário enfocar as especificidades desse grupo. Aponta as desigualdades relativas à saúde, ao emprego, à imagem nos meios de comunicação, e ressalta a importância da luta contra o racismo. Porém, enfatiza que muitos avanços foram realizados, não só no interior do

¹⁴ A inexistência de dados estatísticos para contribuir com estudos sobre a população negra também foi reafirmado por Perpétuo (2000).

movimento como também em outros espaços, e hoje há uma maior visibilidade desses avanços pelas mídias.

Caldwell (2000), após considerável discussão sobre a problemática proposta em seu estudo, pontua que se faz necessário que os novos estudos sobre relações raciais devam avançar na perspectiva de reconhecer o privilégio branco e a feminilidade branca. Tal questão avança timidamente no Brasil, mas já há estudos realizados pelas pesquisadoras Carone (1996) e Bento (2002) que discutem a noção do branqueamento e branquitude, procurando questionar a falta de posicionamento dos brancos em relação aos seus privilégios. Considero importante estudar o privilégio branco, por entender que as relações raciais não ocorrem de maneira unilateral; contudo, é um desafio no sentido de que o “lado” privilegiado não seja colocado apenas no “lugar” de culpado pelos desprivilegiados.

Caldwell (2000) aponta também para a necessidade de estudar o que ela chamou de setores intermediários (mulata, mestiça, morena) porque a maioria dos estudos levaria em conta o que ela chamou de *extremos do espectro de raça* (branca e negra). Sobre a “mulata”, alguns estudos foram realizados no Brasil por Giacomini (1992), Dias Filho (1996) e Corrêa (1996). Esses estudos abordavam, em contextos diferenciados, as idéias sobre a “mulata”, que sempre estiveram atreladas ao sexo como um dos fatores mais priorizados na construção do imaginário sobre esse grupo.

A branquitude e a “morenice”, ou “mulatice”, marca a história da constituição do povo brasileiro quando se “usa” do segundo e terceiro para poder aproximar-se dos privilégios do primeiro. Então, ao olhar para o contexto do Brasil, quando a autora Caldwell enfatiza a importância de estudar os “morenos”, valeria a pena refletir sobre esses “intermediários” conforme nomeados por ela. Alguns estudiosos, assim como Caldwell, também afirmam que “ser mulata” se tornou uma fronteira entre os pólos branco e negro, sendo que uma das principais características da “mulata” advém do imaginário construído sobre o negro, que é tida como a sexualidade à “flor da pele”. O que aproximaria do ideal de branco estaria relacionado a uma maior aceitação desse grupo, o das “mulatas”, do que das mulheres negras. Portanto, mesmo sendo considerada como estando na fronteira do “ser negra” ou “ser branca”, as noções dicotomizadas ainda persistem nos seus corpos.

A afirmação de Azeredo (1994) sobre a indiferença das estudiosas brasileiras para com os estudos feministas negros realizados nos Estados Unidos contribui para entendermos um dos motivos pelo qual houve tanta demora no avanço de tais estudos no Brasil. Todavia, acrescento que a noção de que os estudos sobre mulheres negras realizados nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, conforme a pesquisa da Caldwell (2000), constituem apenas

possíveis contribuições para avançar nesse tipo de pesquisa no Brasil. Pode-se pensar, também, em possibilidades que levem em conta outras concepções de construção do saber, visto que, mesmo que as relações raciais sejam estabelecidas de maneira desigual nos diversos países, devemos atentar para a diversidade dos contextos existentes e do tipo de vínculo que são estabelecidos entre os países, pois, o intercâmbio entre as nações são também relações de poder, e a construção do saber no interior de um país não está isenta de tais relações.

A escolha de estudar apenas mulheres negras não se dá simplesmente pelo fato de considerar as desigualdades na perspectiva de gênero e intra-gênero, ou pela ausência das vozes de mulheres negras na construção do conhecimento acadêmico, conforme já apontado pelas autoras citadas. Dá-se também por conceber que, durante o processo histórico de construção do saber no Brasil, as vozes que contaram a história do país, não tiveram a presença da voz da mulher negra e nem a incluíram. Essa escolha não se baseia na supervalorização de um pólo (negra e branca/ rica pobre/) em detrimento do outro, hierarquizando-os, como é comum nas perspectivas binárias, que reforça a idéia de dominante e dominado desconsiderando outras possibilidades.

Portanto, ter por foco apenas mulheres negras é uma possibilidade de construir saberes junto a esse grupo, compreendendo-o em uma lógica diferenciada da bipolar, em uma perspectiva que permita a compreensão de diversas possibilidades, que questionam as hierarquias e leva em conta essa multiplicidade, independentemente do lugar em que um determinado grupo esteja localizado. Para que haja novos discursos se faz necessário conceber novas maneiras de se compreender a construção do saber, bem como sua legitimação.

2.3 –A sexualidade da mulher negra como prática discursiva

Coerente com o referencial adotado nesta perspectiva, buscarei, a seguir, pontuar a relevância do enfoque racial a partir das práticas discursivas sobre a sexualidade da mulher negra. Para isso, utilizarei duas estratégias: a primeira toma como ponto de partida a produção acadêmica sobre o tema, procurando os repertórios utilizados para falar sobre a sexualidade das mulheres negras; a segunda centra-se nas formas de nomear raça e as implicações para o vocabulário utilizado para referir-se à sexualidade das mulheres negras.

2.3.1. Repertório sobre a sexualidade da mulher negra em teses e dissertações

Como forma de acessar os repertórios sobre sexualidade, foi realizada pesquisa em teses e dissertação disponíveis nos bancos de dados¹⁵. Em um primeiro momento, escolhi dois bancos de dados, a Biblioteca Virtual de Saúde da Psicologia (BVSPSI) e o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹⁶. O desejo inicial era trabalhar com os termos “práticas sexuais” e “jovens negras”, porém a inexistência de trabalhos que utilizavam esses termos me obrigou a fazer algumas adaptações como, por exemplo, fazer a busca com os termos separados, retirar o termo “jovens” e substituir por “mulher” e trocar “práticas sexuais” por “sexualidade”. Utilizei a estratégia de busca aberta, isto é, incluindo todos os anos, instituições e autores, limitando apenas o tipo de publicação: teses e dissertações.

Com a palavra “sexualidade” foram encontradas 3880 teses e dissertações no banco de teses da CAPES e 67 na BVSPSI; com o termo “prática sexual” foram encontradas 245 na CAPES e uma na BVSPSI; com os termos “sexualidade and mulher negra”, 27 na CAPES e nenhuma na BVSPSI; com os termos “sexualidade and mulher”, 968 na CAPES e 8 na BVSPSI; com os termos “práticas sexuais and mulher negra”, duas na CAPES e nenhuma na BVSPSI; com os termos “práticas sexuais and mulher”, 98 na CAPES e nenhuma na BVSPSI; com os termos “mulher and negra”, 263 na CAPES e nenhuma na BVSPSI.

Conforme as informações acima apontam, encontramos vinte e sete trabalhos no Banco de Teses da CAPES, entre teses e dissertações, que continham os termos “sexualidade and mulher negra” em algum lugar dos textos. No banco de dados da BVSPSI, não foi encontrado nenhum. Diante desse fato, decidimos trabalhar somente com o banco de dados da CAPES. Foram lidos os resumos das vinte e sete teses e dissertações; desses, apenas dez estavam diretamente relacionados com a temática proposta deste estudo, o que nos fez ir em busca dos textos integrais dessas pesquisas. Além do banco de dados da CAPES, conseguimos mais uma dissertação sobre sexualidade de mulheres negras lésbicas, recém defendida na Universidade Federal de Goiás. Julguei ser importante incluí-lo aqui pela escassez de trabalhos sobre esse tema e por ser uma produção do local onde a pesquisa seria realizada.

Em relação às áreas de conhecimento das produções em questão, elas estão configuradas da seguinte forma: três em Ciências Sociais; duas em Letras; duas em Sexologia; duas em Psicologia; uma em Educação e uma em Saúde Coletiva.

¹⁵ A busca foi realizada no primeiro semestre de 2006.

¹⁶ Sites www.psi.bvs.br e www.capes.gov.br

Nas Ciências Sociais, os trabalhos abordam as imagens que são vendidas para o exterior sobre as mulheres negras; as relações afetivo-sexuais inter-raciais e os significados que as mulheres negras participantes do movimento feminista atribuem à orientação sexual, gênero e raça.

Nas Letras, as duas dissertações abordam concepções sobre mulheres brancas e negras e os seus papéis sexuais em obras literárias.

Dos dois trabalhos produzidos na Sexologia, um enfatiza a vitimização das mulheres negras em relação ao tráfico sexual e o outro aborda a formação sócio-sexual de mulheres negras que participam do Movimento Social de Mulheres.

Na Psicologia Social foram encontradas duas teses, uma sobre os estereótipos das personagens negras nas obras escritas por escritoras brancas e outra voltada à construção da identidade da mulher negra a partir da dimensão sexual.

A temática “sexualidade da mulher negra” na dissertação defendida na Saúde Coletiva analisa a noção de excesso sexual na formação da identidade brasileira, a partir de duas obras de Gilberto Freire.

Todas as onze produções trabalham com a temática “sexualidade da mulher negra” e utilizam abordagens diversas e, conseqüentemente, metodologias variadas. Quatro delas trabalham com análise de obras literárias; uma, com comparação entre Brasil-África; duas, com entrevistas no espaço do Movimento Negro; três, com entrevistas em contextos variados (tráfico de mulheres, agências de turismo; histórias de vidas de mulheres de determinada época). Ao buscar os textos integrais dos trabalhos, somente oito foram localizados. A partir da leitura deles foi possível fazer uma síntese e mapear alguns repertórios utilizados.

Os repertórios encontrados nessas teses e dissertações tendem a uma visão pejorativa da sexualidade, seja no que dizem respeito ao material pesquisado, seja nas conclusões dos autores que pontuaram a dificuldade de encontrar idéias não estereotipadas sobre a mulher negra; são noções que se repetem historicamente, reafirmando as marcas já atribuídas ao corpo feminino negro.

Para encontrar os repertórios nas teses e dissertações, fiz uma leitura cuidadosa dos capítulos que abordavam diretamente o tema de sexualidade e/ou relações raciais. A partir dessas leituras, pude identificar expressões e palavras que informavam algo sobre a mulher negra relacionada à sexualidade ou às práticas sexuais.

Com intuito de compreender e problematizar os repertórios encontrados, classifiquei-os em quatro categorias: a primeira concerne aos termos diretamente associados com a idéia da vivência das práticas sexuais pelas mulheres negras ou a maneira como os outros as vêem;

a segunda agrega os termos que atribuem valores às práticas de mulheres negras; esses valores são associados à maneira pela qual elas são vistas em relação à vivência sexual. A terceira categoria congrega os termos relacionados com as formas de vitimização do corpo feminino negro; os termos aí classificados demonstram tanto a idéia de violência quanto a de passividade. A quarta categoria diz respeito às conseqüências da maneira como a sexualidade da mulher negra é concebida.

Quadro 3 – Classificação dos repertórios sobre sexualidade da mulher negra.

Características em relação à prática sexual	Valores atribuídos	Vitimização	Conseqüências
Poder sexual; Sexo sinônimo de mulher negra; Atraentes sexualmente; É muito fácil; Fazem tudo; Preferência dos gringos; Impossível controlar; Mulata sedutora; Mulatas saborosas; Negra devoradora; Quase perversão; Mulata ambígua; Vorazes sexualmente; Erótica; Excitação Genésica; Desempenho sexual; Mulata super sexuada; Agüentam mais; Fogosas; Prazer para o homem; Bom sexo	Irresponsabilidade; Amoralismo; Infidelidade; Perigosa ; Provocadoras de homens; Vagabundas; Ficam mariscando; Perniciosas; Bons sentimentos; Solidariedade; alegria; Vigor; Senso estético; Habilidade doméstica; Musicalidade; Sensualidade; Prazer; Força; Poder de enfraquecer e iludir; Exóticas; Atoleiro de carne; Anjo e demônio;	Vítima de violência; Animal de usufruto; Passiva; Mulher da rua ; Subalternas; Oprimidas; Alienadas; Mais histerectomizadas; Negra é para usufruir e explorar inclusive sexualmente; Objeto sexual ; Objeto de desejo acessível; Não sabe se vestir.	Para transgressões sexuais; Morenas preferidas para o amor físico; Amante; Tem que ser tratadas como putas; Culpada pelos excessos sexuais; Não levaria para casa. Maior índice de celibatárias aos 50 anos; Prostitutas; Deterioração da Família; Valorizada pela volúpia sexual; Menos possibilidades de escolha; Símbolo sexual;

Nas Teses e Dissertações estudadas foi possível identificar duas ou mais categorias presentes nos trabalhos, porém considerei em cada trabalho os repertórios que mais se repetiram e que possibilitaram concluir que havia maior ênfase em uma determinada categoria.

Na dissertação de Antônio Jonas Dias Filho (1998), foi mais evidente o uso dos repertórios associados às características das mulheres negras em relação às práticas sexuais. Esses repertórios circularam, segundo o autor, nas falas dos “gringos”, das mulheres negras e dos agenciadores. De acordo com a fala de um dos entrevistados de Dias Filho (1998), “Tem gringo que quer ficar com qualquer neguinha dessas que ficam aqui mariscando [procurando] o dia todo (...) em vez de escolher (...) eles têm o poder, a grana (...), mas querem ficar com vagabunda mesmo”.(Dias Filho, 1998:139). A mesma ênfase é encontrada na dissertação de Claudia Marques dos Anjos e Fonseca (1999). Esses repertórios estavam presentes na

literatura do século XIX, analisada pela autora, conforme o exemplo que foi retirado da síntese que a autora fez do livro *Sobrados e Mocambos* (1958) de Gilberto Freire: “(...) a negra é devorada em sua sensualidade e quase perversão” (Fonseca, 1999:9). Na dissertação de Silvana Maria Aquino da Silva (1998), os repertórios encontrados com maior frequência no corpo do trabalho, bem como nas considerações finais, situam-se também na categoria de *características das mulheres negras em relação às práticas sexuais*: “A mulher mais ardente sexualmente, como se fosse uma característica da raça” (Silva, 1998:131).

Na tese de Edith Silveira Pompeu Piza (1995), os repertórios mais encontrados eram referentes aos *valores atribuídos*. Esses repertórios estavam presentes na literatura juvenil escrita por mulheres brancas que tinham como personagens mulheres negras: “Na literatura juvenil, esta fisicalidade parece ser transportada para a mulher negra, na forma da sensualidade expressa na beleza e atração do corpo” (Piza, 1995:107). A mesma ênfase se aplica à tese de Elisabete Aparecida Pinto (2004). Nela, a visualização desses repertórios foi possível a partir da pesquisa sobre as trajetórias de mulheres negras; de acordo com as reflexões da autora, “a negra é associada à sensualidade e ao prazer sexual (principalmente na figura da mulata, e na execução do trabalho doméstico)” (Pinto, 2004:93).

Na dissertação de Helena Simões Bocayuva (2000), os repertórios foram categorizados, sobretudo na categoria das conseqüências, isto é, o que o estudo mostra são as conseqüências da noção de como eram as mulheres negras em relação ao sexo, conforme o trecho apresentado como exemplo em que a autora comenta a obra analisada: “(...) as negras, mulatas e mouras seriam mais atraentes sexualmente que as brancas” (Bocayuva, 2000:72). O mesmo se aplica à tese de Laura Moutinho (2004) sobre relacionamentos inter-raciais; em suas análises verificou que “a relação entre o homem branco e a mulher mestiça aparece sempre circunscrito como amasiamento, concubinato e prostituição – nunca como uma relação formal” (Moutinho, 2004: 264).

Na dissertação de Vanilda Maria de Oliveira (2006), os repertórios estavam associados à categoria de *vitimização*, pontuada em alguns momentos pelas entrevistadas: “Olha lá ela, além de ser negra, pobre, não sabe escrever, não sabe falar e não sabe se vestir” (Oliveira, 2006:51).

As questões levantadas e discutidas nesses estudos, em sua maioria, não só focalizavam as problemáticas, mas também apontavam sugestões para enfrentar tais situações. Mas o desafio é possibilitar a construção de novos discursos. Considero que a problemática a ser examinada não pode ser apenas o sofrimento dos corpos femininos negros por serem “excessivamente sexuadas”, mesmo porque julgo que são relativas as idéias de que

sempre há sofrimento dos corpos femininos negros por causa da noção do excesso sexual. Qual o parâmetro do sexo comedido? Até que ponto se torna sofrimento para as mulheres negras serem consideradas “boas de cama?”

Porém, ao incitar no imaginário social a idéia da “sexualidade exacerbada” das mulheres negras, pode-se construir um esvaziamento de sentido acerca de seus corpos. Isso vai além da condição de vítima, pois, diluem-se as possibilidades de percepção da dimensão do grupo referido. Com isso, reforça-se a noção de subjetividade única e estagnada; a dimensão sexual torna-se o todo e homogeneiza o grupo como se fosse um bloco, sem as diferenças específicas das pessoas que o compõem. Isso contribuiu para motivar-me a ouvir as vozes das próprias mulheres.

2.3.2 - Formas de nomear: vocabulário racial e sexualidade

Uma das especificidades da discussão da sexualidade da mulher negra se dá pelo vocabulário construído para se referir à raça. Usava-se raça para nomear o outro e esse outro era o que estava fora da norma que, na maioria das vezes, era sinônimo do branco europeu. Quando a discussão racial passou a ser alvo de estudos, muito se discutiu sobre como se nomeou e como se deve nomear o grupo racial que historicamente experimentou a supressão dos seus direitos e até hoje ainda enfrenta conseqüências dessa discriminação. Na contemporaneidade, no que se refere ao debate das relações raciais, ativistas, pesquisadores e estudantes têm dúvidas em relação ao melhor termo que se deve usar para referir-se à população negra. Qual seria o mais apropriado ou politicamente correto?

De modo a situar essa questão, considere necessário diferenciar termo e conceito. O termo é equivalente à palavra e pode remeter a conceitos variados. Já o conceito é a formulação de uma idéia que deve ser operacionalizável dentro de uma determinada teoria; torna-se mais abrangente porque é inviável apreendê-lo separado de um *corpus* teórico. Assim como os termos, os conceitos também têm a sua história, e os seus usos e significados podem variar e ser ressignificados, dependendo da época e da abordagem utilizada. Coerente com a perspectiva discursiva adotada aqui, abordarei com maior ênfase os termos. Faz-se necessário, ao empregar um determinado termo, explicitar qual a perspectiva em que se ampara e situar o uso que se faz dele.

Historicamente, no vocabulário racial brasileiro, trabalhou-se com muitos termos indiscriminadamente e poucos foram os autores que se preocuparam em problematizar os seus

usos. Não se pode negar que, para cada termo utilizado, foi constituída, anteriormente, uma postura política que lhe dá sustento. Ressaltamos que os termos relacionados às relações raciais foram construídos em debates recentes¹⁷ e, além disso, são termos da modernidade que estão associados a situações hostis, como ocupação de território, escravidão e conflito armado. É a partir da década de 1980 que o termo raça passa a ser utilizado pelos pesquisadores; até então, ele era considerado pejorativo devido ao seu uso durante o Nazismo.

O termo raça tem, portanto, um “campo semântico e uma dimensão temporal e espacial” (MUNANGA, 2003, p.1). De acordo com este autor, o termo raça, que “etimologicamente vem do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie”, com o passar dos séculos foi adquirindo diferentes significados. Nos séculos XVI-XVII foi usado na França para distinguir os Francos, considerados da nobreza, dos Gauleses, a plebe. No século XVIII, além de classificar as diversidades humanas, o termo foi usado para reforçar as hierarquias e a cor da pele foi considerada um dos critérios para tal classificação e, conseqüentemente, para a hierarquização. No século XIX, acrescentam-se outros critérios além da cor da pele, como o formato do nariz, do crânio, dos lábios. No século XX, a Genética Humana identificou doenças mais propícias a certas populações do que a outras.

Com base na raça, pesquisas comparativas identificaram também que o componente genético de indivíduos pertencentes a raças distintas pode ser idêntico, verificando a impossibilidade da divisão da humanidade em raças estanques como era pretendido. Porém, mesmo se abolíssemos o termo raça, as desigualdades que foram instituídas a partir dele ainda assim permaneceriam. Esse termo tomou tal dimensão nos debates teóricos e nos conflitos cotidianos que se torna complicado simplesmente ter a intenção de erradicá-lo em vez de problematizar os seus usos.

O termo raça pode remeter a distintas compreensões: biológica, nativa e sociológica. A partir de pesquisas, os estudiosos das Ciências Biológicas concluíram que raça não existe. Portanto, para a Biologia, raça é um “conceito inoperante”. Isso significa que, quando algum estudioso, mesmo sendo de outra área do conhecimento, usa raça na compreensão da Biologia, ele está adotando uma categoria nativa, isto é, que não tem sentido no *corpus* teórico, constituindo assim uma noção do senso comum; portanto, termo e não conceito.

¹⁷ Por exemplo, etnia é um termo do século XIX, etnicidade da década de 1980 (anotações de discussão do seminário da disciplina de Teoria e Pesquisas sobre relações raciais no Brasil contemporâneo, ministrado na PUC- SP pela profa. Fúlvia Rosemberg, no primeiro semestre de 2006).

Quando o termo raça é incorporado como um conceito sociológico, compreende-se que a explicação disso emerge das ciências que discutem questões que são construídas a partir de fatos sociais. Portanto, neste contexto, raça deve ser compreendida como “discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicos etc” (GUIMARÃES, 2005 p. 96). Acrescento essa compreensão à perspectiva de Rosemberg (2003, p.1) que está em “consonância com o Movimento Negro e com uma das tendências de estudos das relações raciais, que acolhem o conceito nominalista de raça como construção social e subsumem no termo negro o conjunto de pessoas pretas e pardas”.

Ao trabalhar o tema das relações raciais na Psicologia Social, a qual tem como uma de suas bases a Sociologia, torna-se coerente adotar a perspectiva sociológica utilizada pelos autores que trabalham raça. Essa será, portanto, a abordagem utilizada nesta pesquisa.

No que diz respeito à população brasileira, foram vários os termos utilizados para o emprego de cor/raça e outros aspectos associados a essa questão. Segundo Pinho (2004), em alguns momentos da história houve até trocas de termos como, por exemplo, raça por “cultura”, como sugerido por Artur Ramos. Segundo o autor, tratava-se de uma estratégia discursiva para lidar com uma questão da adequação das pessoas a um ideal de povo e, portanto, a mudança de termo não seria tão importante como a necessidade de criar condições para produzir um povo que se enquadrasse nos moldes daquilo que se entendia como civilização. No entanto, a variedade de termos relativos à noção de cor/raça continuava se expandindo. Como um dos motivos dessa expansão, cito as classificações de cor do povo brasileiro decorrentes das misturas raciais, tanto no que se refere à informação fornecida por auto-classificação ou hetero-classificação.

O IBGE e o Censo brasileiro utilizaram duas categorias, preta e parda, para designar os grupos que mais se aproximam dos descendentes do continente africano. Segundo Nascimento (2004), essas nomeações revelaram-se arbitrárias e subjetivas chegando até a terem pouco significado. Com isso, cederam lugar ao consenso atual entre pesquisadores sobre a convenção de somar as categorias preta e parda que, juntas, constituem a categoria negros/as ou ainda afro-brasileiros ou afrodescendentes, segundo indicado pela autora.

Considero louvável o fato de fazer menção ao continente africano com o uso das nomeações afro-descendente e afro-brasileiro, porém, para o Brasil, esses termos são a repetição do que já foi dito, pois eles não explicitam o conflito e o incômodo que foi construído ao nomear e ser nomeada de negro/a o grupo de descendência africana. Todos passam a ser afro-descendentes e com isso pode-se camuflar conflitos que persistem até hoje,

visto que aqueles que sempre viveram privilégios de branco podem explicitar que são afro-descendentes por se considerarem “solidários”¹⁸ à causa.

Compreendo que o termo “negro” não equivale aos termos afro-descendente ou afro-brasileiro, pois esses últimos, por serem menos conflituosos, na esfera política, abrem brechas para a não afirmação do povo negro. Considero tais termos equivalentes aos termos “moreno”, “mulata” e “marrom bombom”, que foram utilizados para fortalecer o mito da democracia racial, em que a mistura era considerada bemquista e sem conflitos.

Dentre os termos, um dos mais usados até hoje pelas pessoas ao se auto- ou hetero-classificarem é “mulato”, que tem como sinonímia “mestiço” e “moreno”. É comum e recorrente o emprego desse termo, tanto no meio acadêmico como no senso comum. O termo “mulato”, segundo Dicionário Houaiss (2006), tem datação de 1526. Como substantivo masculino pode significar “jumento”, e como adjetivo e substantivo masculino, a partir do ano de 1557, também pode ser “aquele que é filho do pai branco e mãe preta”. Assim, na etimologia da palavra ocorre a comparação da geração híbrida do “mulato” com o “mulo”, que é um burro, animal do cruzamento do cavalo com a jumenta e se torna estéril. Ao averiguar os elementos dessa composição¹⁹, é possível notar o quanto esse termo é pejorativo por aproximar a idéia do grupo populacional denominado pelo termo referido como sinônimo de selvageria.

Alguns estudos já foram realizados abordando direta ou indiretamente a “mulata” como personagem ou sujeito de discursos médicos, literário e carnavalesco. No entanto, pouco se problematizou acerca do uso do termo, embora tenham sido problematizados os sentidos atribuídos a ele. Nesses estudos, é comum a verificação da “mulata” como a junção dos traços afinados da branca e a sensualidade “bestial da negra”. De acordo com o artigo de Pinho (2004), se faz importante formular proposições para discutir as implicações políticas e teóricas da miscigenação como uma formação discursiva, pois essas idéias trazem consigo uma figura essencializada e idealizada do mestiço.

Na perspectiva de articular as possíveis relações entre raça e gênero, Corrêa (1996) discute a construção da categoria “mulata”, que perpassa desde a produção literária, que

¹⁸ Coloco esse termo entre aspas por considerar que é um complicador - pessoas que não compartilham uma determinada experiência querer se passar por constituinte do grupo que a experiencia. Isso pode ser perverso e conveniente: perverso por reforçar idéia de uma igualdade inexistente, e conveniente por estimular que o grupo menos favorecido historicamente (negros) não cobre os direitos que lhes foram negados mas que os “afrodescendentes solidários” sempre usufruíram.

¹⁹ Dicionário Houaiss (2006) mu(l) = elemento de composição: antepositivo, do lat. mŭlus, i masc. e mŭla, ae fem. 'mu, mulo' e 'mula'; como asinus 'asno', serve de termo de injúria; conforme Meyer-Lübke 5742 mŭlus: it. mulo, logd. mulu, engad. mŭl, friul.fr. provç.cat. mul, esp. mulo, port. mu; fem.: it. logd. mula, engad. mŭla, friul.fr. mule, provç.cat. mula, port.ant. mua; a cognação port. inclui amuação, amuado, mula-de-padre, mula-sem-cabeça; mulata.

ênfatisa a noção da “mulata” como desejável, até na corporificação da “mulata globeza”. A autora também discute que, diante das polaridades branco/negro, homem/ mulher, a “mulata” não se situa em nenhum dos pólos; encontra-se em um lugar passível de negociação, o que não significaria ausência de conflito. Para a autora, a “mulata” contribui para a exposição da contradição entre a afirmação da democracia racial e a desigualdade racial no país. E, no âmbito das classificações de gênero, contribui por encarnar o desejo masculino branco: a “mulata” pode “ser também uma forma de esquivar da rejeição da negra-preta” (CORRÊA, 1996:49).

Piscitelli (1996) propõe que as hierarquias de gênero não são as únicas que influenciam a produção de conhecimento, e atribui um lugar destacado para o marcador racial como importante na operação das desigualdades. A proposta da autora foi explorar as intersecções entre raça e sexualidade para analisar textos da mídia brasileira que “vendem” a sensualidade aos estrangeiros. As características apresentadas como típicas das “mulatas” brasileiras são a “alegria, sensualidade, juventude, afetuosidade, enorme disposição para o sexo e uma certa passividade”. Para a autora, o uso da imagem dessas mulheres para fazer propaganda do Brasil é um resultado da necessidade de manter o auto-exotismo de modo a obter uma visibilidade da “mulata como a tal”. Assim, “as brasileiras bem sucedidas são aquelas que, assumindo e explorando a associação íntima entre “cor” e “feminilidade nativa” que elas supostamente encarnam, ingressam na prostituição no exterior” (Piscitelli, 1996:33). Dias Filho (1996) também aborda a discussão da “mulata” como produto de propaganda para atrair turistas estrangeiros. O foco de discussão deste autor é centrado na cidade de Salvador.

A “mulata”, tida como um dos “símbolos nacionais”, facilmente passa de uma categoria racial para uma categoria profissional, tema discutido por Giacomini (2007), que realizou uma pesquisa com mulheres negras inscritas no II Curso de Formação Profissional de Mulatas promovido pelo SENAC-RJ. Nesse estudo, ela discute as ambigüidades decorrentes do imaginário sobre o que significa ser uma “mulata” e aponta a linha tênue entre a profissional dançarina e a profissional prostituta.

Por muito tempo, segundo Corrêa (1996), discutiu-se na literatura médica se mulatos, como sugere a etimologia do termo, eram ou não estéreis. Ao considerar que as nomeações podem se tornar “verdades”, as pessoas passam a agir de acordo com essas “verdades”; portanto, as nomeações não são atribuídas de maneira isenta dos interesses de quem as nomeia.

Esses estudos sobre os sentidos da “mulata” no Brasil apresentam a discussão dentro da perspectiva racial e, por mais que as abordagens variem, o que permanece é a exaltação

desse grupo de mulheres que são consideradas próprias para o sexo. Os sentidos foram problematizados, mas a nomeação não.

Problematizar os usos dos termos pode contribuir para refletirmos sobre a polissemia de sentidos que foram alicerçados no vocabulário racial brasileiro. Questiono a maneira pela qual foram fabricadas as idéias do que seria uma identidade mestiça, pois a mesma foi lingüisticamente construída a partir de uma noção depreciativa, o que a torna ambígua. Ao mesmo tempo em que se instituiu um discurso harmônico, principalmente na década de 1930, esse mesmo discurso era ferido pela difamação associado aos termos utilizados. Nessa época, o Estado brasileiro abria a possibilidade de exaltação da cultura “mestiça” brasileira. Essa idéia transportava as discussões do meio intelectual, que difundia a versão positiva do mito das três raças, para o meio popular. Segundo Shwartz,

(...) no discurso oficial “o mestiço vira nacional”, ao lado de um processo de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados. Esse é o caso da feijoada, naquele contexto destacada como um “prato típico da culinária brasileira”. A princípio conhecida como “comida de escravos” (...) a capoeira – reprimida pela polícia no final do século passado e incluída como crime no Código Penal de 1890 – é oficializada como modalidade esportiva nacional em 1937(...) o samba sai da marginalidade e ganha as ruas (...). O momento coincide, ainda, com a escolha de Nossa Senhora da Conceição Aparecida para padroeira do Brasil (SCHWARTZ, 1998, p.196-197).

Foram com esses e outros ícones, como o da “Mulata”, que as imagens do Brasil foram projetadas para outros países, o que atiçou a curiosidade de investigar o que essa terra possuía. Sustento que os discursos produzidos a esse respeito foram disseminados por um pequeno grupo de pessoas que “tinham voz”²⁰ neste país, pois os mesmos não faziam parte do grupo nomeado. Para esse grupo nomeado, restou apenas incorporar os sentidos das nomeações, já que suas vozes não eram legitimadas o suficiente para se apropriarem de suas próprias nomeações.

²⁰ Uso o termo “ter voz” para me referir às pessoas cujas palavras faladas ou escritas são legitimadas em um determinado contexto, como políticos e estudiosos da época.

Capítulo 3. Objetivos

Objetivo geral

Entender os sentidos de sexualidade nos discursos de jovens mulheres negras tendo em vista os repertórios que circulam na sociedade a esse respeito.

Objetivos específicos

1. Identificar os repertórios sobre sexualidade na produção acadêmica de teses e dissertações sobre sexualidade de jovens negras;
2. Identificar os sentidos de sexualidade para jovens mulheres negras.

Capítulo 4. Procedimentos: o grupo focal como ferramenta para pesquisar práticas discursivas sobre sexualidade da mulher negra

A viabilização de uma pesquisa transpõe o momento específico em que a pessoa “vai a campo”. Este pode permear o trabalho o tempo todo, como um objeto orbicular em todas as interações que o pesquisador realiza. Isso ocorre a partir do momento em que se elege o tema que se quer conhecer com maior profundidade. O tema passa, então, a fazer parte das lentes com que olhamos para o mundo. Dessa forma, de acordo com os apontamentos de Spink P. (2003), o campo é incorporado como campo-tema.

Em um segundo momento, quando o pesquisador se depara com várias possibilidades para a realização da pesquisa propriamente dita, torna-se necessário decidir quais serão os caminhos mais adequados para o andamento do trabalho. É como se elege-se uma cena, diante das várias existentes. Daí a importância de serem descritos detalhadamente os procedimentos metodológicos utilizados. Nesta pesquisa, adotamos como procedimento a realização de grupos focais com a finalidade de identificar repertórios sobre o tema e compreender os sentidos de sexualidade.

Este capítulo tem como objetivo apresentar a técnica de grupo focal e sua relação com as práticas discursivas, tendo como base os conceitos de repertório lingüístico, posição e posicionamentos. Serão, também, apresentados o local da pesquisa, as participantes e como foi realizado o grupo focal, e os procedimentos de análise que foram adotados.

Segundo Powel e Single (1996), podemos chamar de grupo focal o conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir um tema que é o objeto de pesquisa. A discussão deve partir das experiências pessoais dos participantes do grupo. Os sentidos produzidos na interação grupal estão associados a idéias que circulam institucionalmente, isto é, que são transmitidas pela família, igreja, escola e demais espaços de referência. Assim, a linguagem usada no cotidiano é influenciada pelo “uso institucionalizado da linguagem – quando falamos a partir de formas de falar próprias a certos domínios de saber, a Psicologia, por exemplo” (Spink, 2004, p. 40).

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados utilizada há muitos anos. Nasceu da necessidade de se realizarem pesquisas em Marketing na década de 1920. Nos anos cinqüenta, foi aplicada por Robert Merton para “estudar reações das pessoas à propaganda pós-guerra” (Gatti, 2005, p.8). A área de Comunicação usou o grupo focal para obter informações das pessoas acerca de produtos e programas, com maior ênfase na década de 1970 e 1980. Mesmo

sendo bastante utilizado, o grupo focal não tinha status de técnica para fins científicos. Segundo Gatti (2005), a adaptação desse instrumento de coleta de dados para uso científico só veio acontecer no final do século passado, o que garantiu a sua abertura para outras áreas do conhecimento, como as Ciências Humanas e Sociais.

Alguns autores chamam atenção para o mau uso do grupo focal quando reduzido, por exemplo, a uma entrevista coletiva que se resume a perguntas e respostas. É caracterizada pela possibilidade de o facilitador criar condições para que os participantes se situem, explicitem pontos de vista, emitam opiniões, façam críticas, enfim, que as pessoas interajam entre si tendo como foco o tema proposto pelo pesquisador. Assim, sua principal característica é “a troca de pontos de vista, idéias e experiências, expressas emocionalmente ou não, sem privilegiar indivíduos particulares ou posições por parte do facilitador/a” (Bauer; Gaskell, 2004, p. 79).

No processo de discussão, as pessoas podem usar diversas estratégias de negociação; uma delas é a maneira de se posicionar, ora enfatizando alguns aspectos sobre si e ora enfatizando outros. O *posicionamento*, conforme discutido no capítulo 1, é um conceito que pode ser definido como as diversas narrativas de que uma pessoa pode lançar mão para falar de si ou do outro.

Nesta pesquisa, é importante diferenciar *posicionamento* e *posição*; se o primeiro é marcado pela fluidez, o segundo pode ser compreendido como algo estruturado e fixo. Para elucidar essa idéia, podemos ver como esses conceitos foram usados em relação às mulheres que freqüentam o espaço da Casa da Juventude, local de realização da pesquisa: elas podem ocupar as posições de funcionária, estudante, voluntária e outras mais. O ponto de partida da pesquisa foi convidar as pessoas levando em conta justamente as posições ocupadas. No grupo, porém, elas poderiam se posicionar ou serem posicionadas de várias maneiras, bem como posicionar outras mulheres como mãe, esposa, mulher, negra e as demais que possam vir a ser explicitadas.

A interação e os diversos posicionamentos no grupo dão sustento à produção de sentidos, “que é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e os fenômenos a sua volta” (Spink, 2004, p.41). O grupo é uma oportunidade de estudar a linguagem em uso acerca do tema, pois o processo de negociação de sentidos pode “criar um clima” que propicie falas mais informais, o que pode gerar uma exposição das idéias sem muita preocupação com o (como se diz hoje) “politicamente correto”.

Além disso, a partir do momento em que se incorpora a proposta de trabalho com práticas discursivas, é primordial levar em conta a explicitação do contexto em que se dão as trocas discursivas – o local de realização do grupo e a referência desse local para as pessoas: quando, com quem, sob que condições –, e tomar a linguagem como uma prática social que só acontece como uma cadeia de interanimação dialógica.

A noção de práticas discursivas possibilita não só explorar, mas também questionar discursos circulantes, o que pode vir a ter uma contribuição para a viabilização de novos discursos. Para isso, se torna essencial a compreensão das dinâmicas em que eles ocorrem, bem como seus conteúdos. Os conteúdos, conforme discutido no capítulo 1, são denominados *repertórios lingüísticos*. Essa concepção, que não desconsidera os processos, parte da idéia de que os repertórios utilizados serão diferenciados dependendo do contexto em que se inserem.

4.1 - Sobre a ética no processo de pesquisa

Uma das questões consideradas nesta pesquisa é a valorização da postura ética. Essa postura não se dá apenas por meio de procedimento burocrático de envio da documentação para o Comitê de Ética, e no preparo dos termos de consentimento a ser assinado pelos responsáveis pelo local em que foi realizada a pesquisa e pelas participantes. Dá-se também, pela preocupação com a garantia do anonimato, bem como pelo cuidado com uso excessivo do poder, já que é impossível haver uma relação entre pesquisador e pesquisado que não seja permeada pela relação de poder. O fato de a pessoa ter o status de pesquisador, de pertencer a uma instituição de ensino, já o coloca em condição desigual em relação aos participantes da pesquisa. Uma das formas de lidar com essa desigualdade é acatar a sua existência e evitar possíveis abusos como, por exemplo, forçar as pessoas do grupo a fazer algo que não querem.

Além disso, na postura ética associada à perspectiva construcionista, é de suma importância estarmos atentos para a forma com que realizamos o trabalho: ter auto-crítica e discutir os processos da pesquisa em andamento são comportamentos fundamentais. Os aspectos que são considerados imprescindíveis são:

Pensar a pesquisa como uma prática social, adotando uma postura reflexiva em face do que significa produzir conhecimento; garantir a visibilidade dos procedimentos de coleta e análise dos dados; aceitar que a dialogia é intrínseca à relação que se estabelece entre pesquisadores e participantes. (Spink E Menegon, 2004, p.91).

Vê-se que a postura ética adotada nesta pesquisa não é tida como algo estático, regulamentar e acabado, mas algo que faz parte do movimento de construção de um saber que não é propriedade do pesquisador apenas, mas de todas as pessoas envolvidas no processo, sendo, assim, algo coletivo e fluido. Uma alternativa para a possível viabilização de tal postura é a explicitação dos processos que foram percorridos para a produção da pesquisa.

Dentre os vários procedimentos adotados para o andamento desta pesquisa, uma das primeiras providências foi o envio de toda documentação necessária para apreciação do Comitê de Ética da Universidade em que foi realizada esta pesquisa, que concedeu parecer favorável à realização do trabalho²¹.

4.2 - Sobre o local da pesquisa

Realizar a pesquisa na Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU) foi retomar um pouco da minha história, pois um dos primeiros cursos sobre juventude de que participei foi assessorado pela equipe da CAJU²².

A Casa da Juventude é um instituto que tem como prioridade a formação dos jovens assim como a assessoria aos que trabalham com jovens ou pesquisam o tema. Localiza-se na cidade de Goiânia, estado de Goiás. Fundada em 1984 por jesuítas e leigos, é filiada à Associação Jesuíta de Educação e Assistência Social (AJEAS). É uma organização civil, de utilidade pública, sem fins lucrativos, cumprindo as exigências legais, segundo a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)²³.

A Casa tem como princípio norteador a formação integral do jovem, “compreendida a partir de dois aspectos. O primeiro se relaciona com as dimensões da pessoa; e o segundo prevê que a formação aconteça em um processo. A dimensão ajuda os/as educadores/ras a estarem atentos/as à formação da pessoa como um todo”(TEIXEIRA, 2006, p.15).

Para o seu funcionamento, a CAJU estrutura-se da seguinte forma: um Conselho Diretor composto pelo diretor, coordenador geral e coordenadora administrativa; o Núcleo de Formação e Assessoria/Coordenação, que compõe as áreas de Bíblia e Espiritualidade, Sócio-Política, Artes, Metodologia e Psicologia; o Núcleo de Comunicação, Documentação e Pesquisa, composto por um coordenador, uma assessora de comunicação, um designer gráfico, uma coordenadora do Setor de Pesquisa e do Centro de Documentação Albano Trinks

²¹ O parecer e os termos de consentimento encontram-se como anexo 2.

²² O curso em questão foi no ano de 1993, e os assessores eram Lorival, Shyrlane e Chico.

²³ Algumas destas informações foram retiradas do site www.casadajuventude.org.br acesso em 25/07/2007.

(CEDOC), um encarregado do banco de dados, uma bibliotecária e duas recepcionistas; o Núcleo de Administração, composto por uma coordenadora, um responsável pelos Recursos Humanos, um administrador, um auxiliar administrativo, um encarregado da contabilidade, um auxiliar de contabilidade, um responsável pelo Setor de Captação de Recursos, duas cozinheiras, uma responsável pelos Serviços Gerais e um zelador; o Núcleo de Assistência Social, composto por uma coordenadora e assistente social, dois educadores sociais, uma coordenadora do Projeto Mala de Arte, dois instrutores de informática e cinco professores.

Para efetivar a pesquisa, fiz contato com a coordenadora do Setor de Pesquisa e do Centro de Documentação, Carmem Lúcia Teixeira. Ela mediou os demais contatos com as pessoas da instituição para a viabilização desta pesquisa.

Ao todo, a CAJU possui em torno de 36 funcionários que contribuem para o funcionamento da instituição. Além deles, conta com o apoio de voluntários que, juntamente com os colaboradores diretos, compõem o Conselho Geral, uma instância que contribui para a avaliação e planejamento das atividades. Portanto, o Conselho Geral é formado tanto por funcionários como por membros que estão indiretamente ligados à CAJU, assessorando ou participando das atividades.

A CAJU tem como principais atividades o curso de afetividade e sexualidade, a escola de liturgia para jovens, o curso de informática e cidadania, as oficinas de artes, o cursinho pré-universitário, o curso de pós-graduação em juventude contemporânea que é promovido pela Rede Brasileira de Centros e Institutos da Juventude e pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), sob coordenação da Casa da Juventude. Além dessas atividades, ainda possui outros projetos pontuais envolvendo também outras organizações e movimentos. “A instituição atende, anualmente, mais de cinco mil jovens nos seus diversos projetos”, afirma a coordenadora do Setor de Pesquisa e do Centro de documentação (TEIXEIRA, 2006, p.15).

Considerando o número de pessoas que circulam e que executam atividades no espaço da CAJU, integraram-se à pesquisa participantes que ocupavam posições variadas na Casa, podendo participar ou não do seu cotidiano. Consegui, para o grupo focal, a colaboração de pessoas que faziam parte da equipe de trabalho interno, de participantes de grupos e voluntárias.

4.3 - Por que CAJU?

Foram várias as motivações para realizar a pesquisa na CAJU: por ser uma instituição que trabalha com formação da juventude e é respeitada na cidade de Goiânia; por preocupar-se em aliar discussões e ações da militância com as reflexões e ações do espaço acadêmico; ser um espaço aberto a iniciativas que possam, de alguma forma, contribuir para transformações que caminhem para relações mais igualitárias; por possuir uma estrutura física adequada, que foi colocada à disposição para o bom andamento desta pesquisa e, mesmo sendo uma instituição católica, trabalha com pessoas de vários credos.

Além de todos esses aspectos, uma das principais características da CAJU é a abertura à auto-crítica e à formação interna: a equipe de sócio-política, preocupada com a formação dos membros da instituição, fez uma pesquisa sobre o perfil sócio-político da Casa, partindo das informações colhidas dos membros do Conselho Geral da instituição – que é um dos públicos prioritários da área. Conselho Geral “é o nome que se dá ao conjunto de pessoas que atuam na Casa da Juventude; no segundo semestre de 2006, eram aproximadamente 90 pessoas, metade delas voluntárias e a outra metade vinculada profissionalmente à CAJU”(CAJU, 2006).

Um dos objetivos da referida pesquisa foi identificar se havia um alinhamento político entre os membros do Conselho e a proposta política da Casa. Para isso, foram abordadas várias questões. Pontuamos duas que são relevantes para esta pesquisa: a primeira é referente ao nível de simpatia ou antipatia dos membros do Conselho em relação a grupos pertencentes a diversos movimentos sociais; a segunda diz respeito a como as pessoas do Conselho Geral se auto-declaram acerca de sua pertença racial.

Quanto ao primeiro item, identificou-se que houve pouca simpatia das pessoas do Conselho Geral com o movimento feminista e principalmente com o Movimento de Gays, Lésbicas, Travestis, Transsexuais e Bissexuais (GLTTB). Diante disso, inferimos que a resistência pelos movimentos sociais supracitados pode indicar uma não disposição para discussão de assuntos relacionados ao sexismo e à homofobia, sub-temas proeminentes no escopo dos debates sobre práticas sexuais. A respeito do segundo item, auto-declaração acerca da pertença racial, identificou-se que, mesmo que a maioria das pessoas do Conselho Geral tenha se auto-declarado negra, ainda há muita confusão em relação ao termo e à amplitude da questão.

Partindo desse panorama, consideramos que as temáticas relativas à sexualidade (referente principalmente aos temas de sexismo e homofobia) e relações raciais ainda têm

pouca penetração nas discussões de uma porcentagem significativa dos membros do Conselho Geral da CAJU. Mesmo havendo um debate interno, os participantes de tais discussões não consideram que os espaços políticos que levantam tais bandeiras – as relativas à sexualidade e relações raciais – sejam prioritários para somarem forças e caminharem juntos nas lutas cotidianas. É possível, também, que as pessoas pesquisadas não tenham se posicionado, demonstrando simpatia a esses grupos, por não considerarem que tais temas integrem as “bandeiras” da casa.

Independentemente dos motivos, acreditamos que esta pesquisa poderá ser útil para ampliar as discussões sobre esses temas referidos. Esse dado soma-se às demais motivações para o desenvolvimento do meu trabalho nesse espaço.

4.4 - Critérios para a participação

Como critério para a participação da pesquisa, a pessoa deveria ser mulher, de 20²⁴ a 30 anos, que se auto-declarasse negra (preta ou parda). Deveria também ocupar alguma posição no espaço da CAJU, não necessitando ter contato cotidiano com a Casa, mas, apenas, algum tipo de relação. Ao usar o termo “posição”, refiro-me às funções reconhecidas no espaço da Casa (ser funcionária, coordenadora, participante ou visitante).

Para abordar o tema das relações raciais, partimos do princípio de que é importante levar em conta que o debate cabe a todas as pessoas independentemente da pertença racial. O fato de realizar a pesquisa apenas com jovens negras não inviabiliza essa postura pois, quando tratamos de categorias consideradas relacionais, é possível haver a discussão sem necessariamente haver contraponto entre participantes da pesquisa – não sendo, assim, necessária a presença de mulheres brancas.

Se fizermos um percurso histórico para compreendermos as relações entre os povos de diferentes raças, identificaremos que a norma instituída como aquilo que é bom, justo e belo se definia tendo como parâmetro uma pessoa branca. Portanto, prevalecia a idéia de que ser branco era o ideal; os demais, que fugiam da norma, recebiam atributos pejorativos. A idéia de que ser não-branco é algo positivo ainda está por vir, mesmo havendo na História movimentos que lutaram e ainda lutam por isso. Ter a preocupação de estudar um grupo que foi historicamente excluído, afim de pensar outras possibilidades para ele, pode ser uma

²⁴ Houve uma participante de 18 e outra de 19 anos. Como estavam numa faixa etária aproximada, não me opus à participação.

maneira de romper com a norma, que, nesse caso, é o ideal de branco. Se o ideal de pessoa que circula no nosso meio é o branco, não necessitamos estudá-lo para identificar isso.

Comparamos essa reflexão com as idéias sexistas que tendem a desvalorizar pessoas pertencentes ao sexo feminino, reforçando o ideal machista. Esse ideal pode ser construído e fixado até nas convicções das próprias mulheres, mas não é necessário fazer uma pesquisa com homens e mulheres juntos para identificar a existência do machismo. Acrescentamos que pesquisar somente discursos de mulheres negras não servirá apenas para identificar a existência concomitante de racismo e sexismo no “grupo oprimido”. É possível também identificar como o ideal de branco se estrutura no discurso de um grupo de mulheres negras, pois a idéia de ser branco é a norma.

4.5 - Participantes da pesquisa

Participaram da pesquisa onze mulheres que se auto-identificaram como negras, com idade entre 18 a 29 anos. Dessas, dez estiveram presentes em todo processo. As participantes eram funcionárias, alunas de cursos, voluntárias; apenas uma conhecia a Casa, mas não havia participado de nenhuma atividade. Quanto à escolaridade, a maioria estava cursando o segundo grau, o que representa sete pessoas, sendo que dessas, cinco se preparavam para o vestibular; três estavam cursando ensino superior e uma já havia concluído. No grupo havia uma casada, uma viúva (que participou de apenas uma reunião) e as demais eram solteiras sendo que três explicitaram terem namorado. Quanto ao local de residência, duas delas moravam em cidades do interior, próximas à capital; três moravam em um bairro mais central, e as demais em bairros periféricos.

4.6 - Processo de realização da pesquisa

O processo para realização da pesquisa de campo envolveu vários desafios. Por exemplo, viagens de São Paulo a Goiânia, algumas vezes conseguindo promoção de empresas aéreas e em outras viajando algumas horas de ônibus.

Para a realização do trabalho com o grupo, estive na CAJU nos meses de maio e junho de 2007. O contato já tinha sido estabelecido desde o início do ano, através de *e-mails* e telefonemas. Em um primeiro momento, fui à Casa para acertar os detalhes de como seriam os procedimentos em relação à instituição, e fazer contato com as possíveis participantes do grupo.

Para entrar em contato com elas, fiz uma divulgação interna conversando com as recepcionistas, participantes e coordenadores de cada área de atuação da Casa e, na medida em que as pessoas foram fornecendo nomes, criei um banco de dados com as candidatas. Após um número significativo de possíveis interessadas, comecei a estabelecer os primeiros contatos por meio de conversa pessoal, telefonemas e *e-mails*.

O primeiro encontro teve como objetivo uma breve apresentação da pesquisa, da pesquisadora e das próprias participantes. Em conjunto, fizemos a leitura do termo de consentimento, dando ênfase ao sigilo e ao respeito pelas informações socializadas tanto pela pesquisadora como pelo grupo em geral; verificamos quem realmente teria interesse em participar da pesquisa. Das dezesseis jovens convidadas, compareceram nove, sendo que uma chegou quase no final da reunião.

Para a apresentação, foi solicitado que todas escrevessem, em uma folha de papel, o nome, a idade, o tipo de relação com a CAJU e o interesse em participar da pesquisa²⁵. Após a apresentação de todas, apresentei-me. Falei sobre a pesquisa e foi aberto o espaço para as dúvidas, que não foram muitas. Houve interesse da maioria em discutir o tema de relações raciais; algumas fizeram comentários a respeito do tema durante a apresentação, falando de aspectos relacionados à experiência de ser negra e à sexualidade. Duas jovens demonstraram certo receio de falar sobre o assunto e perguntaram se, para participar do grupo, teriam que “falar de tudo sobre sexualidade”. Respondi que não havia necessidade de falar, caso não se sentisse à vontade. A intenção não era de expor detalhes da vida sexual das participantes e, sim, conversar abertamente sobre sexualidade. No final do encontro, todas se prontificaram a participar dos grupos focais. Definimos, eu e as participantes, duas datas para os encontros. Foi difícil chegar a um consenso, pois a maioria trabalha; uma delas, até no domingo, em uma feira livre.

No final, percebemos – minha orientadora e eu – que seria interessante convidar mais pessoas, uma vez que o número de participantes poderia diminuir diante de possíveis imprevistos que acontecem no dia-a-dia de cada uma de nós. Refiz alguns contatos dentro da CAJU, chamando novamente algumas pessoas que haviam confirmado a presença e não haviam comparecido.

Foram realizados dois grupos focais com as mesmas pessoas²⁶, e pude contar com a contribuição de duas ajudantes: uma co-facilitadora, que teve o papel de ajudar a conduzir e

²⁵ Como anexo 3 – Quadro 4 – Informações sobre as participantes.

²⁶ Os roteiros encontram-se como Anexo 4.

anotar informações extras, e uma “câmera-girl” que registrou em vídeo²⁷ e áudio os dois momentos²⁸.

Ao segundo encontro, compareceram dez jovens: uma das participantes faltou e compareceram duas novatas. O compromisso das participantes foi bastante motivador, pois o grupo foi realizado em um feriado, às 10h da manhã. O objetivo do grupo naquele momento era identificar com que *discursos sobre sexualidade da mulher negra* elas estavam familiarizadas e, partindo do que elas trouxessem, discutir os repertórios colhidos nas teses e dissertações consultadas para a discussão, conforme já pontuado no capítulo 2.

Iniciou-se o encontro com uma técnica de aquecimento para a auto-identificação do grupo, que era utilizada quando eu trabalhava na ONG *Grupo Transas do Corpo*. Essa atividade, denominada Censo, foi realizada da seguinte forma: desenhamos três linhas no chão sendo que uma situava-se no meio e as outras duas nos extremos. A linha do meio significava que a pessoa não tinha opinião formada ou tinha dúvidas sobre o tema que era perguntado. Posicionar-se em um dos extremos significava que a pessoa tinha certeza da resposta; um extremo sempre era o oposto do outro. Os itens sugeridos por mim para que o grupo se posicionasse foram: rica, pobre; solteira, casada; mora com a família, mora sozinha; heterossexual, homossexual; trabalha, não trabalha; religiosa, sem religião; negra, branca; gosta de sexo, não gosta de sexo; gosta de estudar, não gosta de estudar; mora na zona urbana, mora na zona rural.

Durante o exercício, mesmo em algumas perguntas que pareciam objetivas, houve dúvidas no momento de elas se posicionarem; por exemplo, morar em zona rural ou zona urbana e ser religiosa ou sem religião. Os posicionamentos mais extremados surgiram quando fiz a pergunta sobre homossexualidade ou heterossexualidade, e sobre se gosta ou não de sexo. Todas se posicionaram rapidamente do lado que foi indicado como a linha da heterossexualidade e na linha que indicava gostar de sexo. Depois do aquecimento, ninguém quis fazer nenhum comentário, mas sorriam e pareciam descontraídas.

Em seguida, realizamos uma apresentação para que as pessoas falassem o nome, uma qualidade sua que julgassem importante, e alguma informação sobre elas que queriam que o grupo soubesse.

²⁷ O objetivo da filmagem foi contribuir para a transcrição e a observação da dinâmica do grupo, pois não trabalharemos com análise de imagem. O fato de termos combinado que seria filmado parece ter levado algumas moças a virem bem arrumadas, mesmo sabendo que não iríamos utilizar a filmagem para nenhum outro fim.

²⁸ A co-facilitadora, Lucélia Cristina Bernardes, é psicóloga formada da Universidade Católica de Goiás. Câmera-girl: termo utilizado para nomear mulher que opera câmera filmadora, Viviane Ferreira da Cruz, que possui formação técnica em cinema e é estudante de direito na UNIP-SP.

Após a rodada de conversa, fiz a pergunta norteadora: o que elas ouviram ou viram a respeito da *sexualidade da mulher negra*. A discussão iniciou-se com uma fala sobre a imagem da mulher como objeto de consumo, no carnaval. Em seguida, falaram sobre o turismo sexual. Depois de alguns minutos de discussão, foram entregues algumas frases encontradas em dissertações e teses sobre *a sexualidade da mulher negra* (uma frase para cada dupla). O material entregue havia sido extraído tanto das pesquisas dos autores, quanto das afirmações deles próprios que as produziram. A proposta era de discutir em duplas e, em seguida, expor as reflexões para o grupo. Após a discussão, comentamos o contexto de produção de algumas frases, pois isso foi solicitado pelas participantes.

Quadro 2 – Frases retiradas de dissertações e teses

Negra é para usufruir e explorar

Homens só querem comer

Negra é a preferência dos gringos

Mulher negra tem o poder sexual

Não levaria uma mulher negra para casa

Sexo é sinônimo de mulher negra

Mulher negra é a deterioração da família

Quando faltavam 15 minutos para encerrar o grupo, pedi que comentassem da discussão do dia. Solicitei que fossem objetivas para possibilitar que todas falassem e encerrei o trabalho.

Nesse grupo, houve momentos em que elas não só emitiram sua opinião sobre o assunto como falaram de si mesmas. Tive a impressão de que muitas preocuparam-se em ser “politicamente corretas”, isto é, que deveriam falar o que imaginavam que ia agradar. Houve também falas que tentavam “dar aula sobre o assunto”, impondo, de alguma forma, o que seria “mais adequado”. Os temas que apareceram foram: prostituição, religião, casamento, preconceito, discriminação, sexo, aborto — o qual gerou muita polêmica.

Após o encontro, foi necessário ouvir toda a gravação da manhã para preparar a reunião do dia seguinte. Considerei que as saídas apontadas por elas diante das situações de opressão, segundo meu olhar, eram conservadoras e contribuiriam para fortalecer as idéias sexistas e machistas já instituídas pela sociedade, e reforçadas pelas correntes conservadoras

da Igreja Católica. Tive que pensar, então, estratégias para montar o roteiro do dia seguinte, de modo a romper com essa tendência.

Decidi, então, partir dos temas já levantados por elas, na esperança de ouvir idéias diferenciadas das manifestadas na reunião anterior. Anotei os temas levantados e formulei afirmações que, a meu ver, provocariam um debate. Acrescentei apenas o tema *homossexualidade*, pelo fato de as participantes, na técnica do Censo, terem feito uma movimentação rápida e certa para o lado que representava a heterossexualidade, quando foi colocada a possibilidade de trânsito na linha da “verdade absoluta” em ser hetero ou homo. A forma com que o grupo colocou-se no espaço físico sugeria que a idéia de heterossexualidade era óbvia e compulsória: não existia outra possibilidade para a mulher. Retirei o tema *aborto*, pois, para mim, esse tema tem mais a ver com reprodução do que com prática sexual. Penso ser possível tratar essas questões separadamente, porém levarei em conta, no momento da análise, a posição das participantes quando falaram sobre o tema *aborto*.

No terceiro encontro, elas foram chegando aos poucos com os rostos cansados. Era fim do dia. Fiquei preocupada se teriam ânimo para participar do grupo. Como o objetivo havia sido revisto, a proposta foi retomar os principais temas levantados por elas. O intento era recuperar a discussão, instigar para que houvesse mais falas que abordassem os temas que as havia afetado de alguma forma diante do que fora discutido, e solicitar que apontassem possíveis estratégias para lidar com essas problemáticas.

Pedaços de papel com afirmações sobre os temas levantados no dia anterior foram espalhados pelo chão. Pedi que lessem todas as frases caminhando lentamente. Cada uma deveria escolher a que mais lhe chamasse atenção. Depois, sentamos em círculo e começamos a conversar sobre o que a frase suscitava nelas.

Quadro 3 – Frases construídas a partir dos temas abordados pelas participantes

A mulher negra religiosa não tem vontade exagerada de sexo.

Não devemos respeitar as prostitutas.

O casamento é o destino de todas as mulheres.

As mulheres negras que transam com outras mulheres porque os homens não se interessam por elas.

A única saída de auto-afirmação da mulher negra é a valorização do seu poder sexual.

As mulheres negras são culpadas por não serem valorizadas.

A mulher negra não pode explicitar que gosta de sexo.

A mulher perfeita para o casamento é digna de respeito.

A mulher negra gosta de ser vista como objeto sexual.

Todas as prostitutas são da periferia.

Toda mulher negra sente desejo sexual só por homem.

Em seguida, pedi que dessem sugestões de como lidar com essas problemáticas. No final, perguntei se elas achavam que esta pesquisa poderia contribuir para as questões discutidas e solicitei uma última rodada de fala. Agradei pela participação e encerrei o grupo.

Nesse dia, senti um certo desânimo no grupo. A impressão era que o assunto não estava estimulando mais, como se tudo já tivesse sido falado no primeiro dia. Pessoas que haviam sido assertivas, neste ficaram só observando. Muitos questionamentos ficaram na minha cabeça, porém compreendo que os limites do tempo e de ser um grupo que, de uma forma ou de outra, já convive em outros espaços, talvez tenham influenciado para não se obter maiores aprofundamentos nas discussões.

4.7 - Procedimentos de análise

O foco de análise desta pesquisa são os sentidos de sexualidade para jovens negras. O caminho da análise teve início com a transcrição seqüencial²⁹, ou seja, uma primeira aproximação ao *corpus* empírico obtido a partir da escuta e anotação sintética das falas de cada uma das participantes. O objetivo foi compreender a dinâmica do grupo assim como os momentos em que mudaram de assunto e as negociações de sentidos mais explícitas. Esse tipo de transcrição possibilita a visualização dos diálogos entre as interlocutoras, bem como os assuntos que foram abordados e os temas levantados pelo grupo. Esse procedimento contribui para verificar em quais momentos, durante todos os encontros do grupo focal, ficaram explicitadas falas sobre sexualidade e outros temas relacionados. Na transcrição seqüencial, foi possível verificar a presença de temas como: prostituição, religião, aborto, casamento, mídia, virgindade, homossexualidade e preconceito. Desses temas, os que mais suscitaram negociação de sentidos foram a prostituição, o casamento e a homossexualidade. Essa

²⁹ Seguem como anexo 5, uma parte da Transcrição Seqüencial como exemplo.

primeira aproximação ao *corpus* foi fundamental para as decisões sobre a construção dos mapas dialógicos.

Após a transcrição seqüencial, foi realizada a transcrição integral dos encontros. O fato de já ter realizado um contato anterior com o material empírico facilitou a tarefa. Para realizar a transcrição integral segui as convenções de Potter e Wetherell (1987), em seguida enumerei as linhas para localização dos trechos em cada um dos mapas e substituí os nomes das participantes por nomes fictícios, retirados do livro “Religiões da África”. Os nomes escolhidos são comuns entre os povos Akas, grupos étnicos que povoam a Guiné Litoral, as regiões centrais do Ghana, a parte sudeste da Costa do Marfim e os territórios ao Noroeste do Togo. A escolha desses nomes foi uma forma de homenagear alguns povos do continente africano que pouco conhecemos e que muito contribuíram para a formação do povo brasileiro.

4.8 - Os Mapas dialógicos

A transcrição seqüencial e os mapas dialógicos são procedimentos desenvolvidos no Núcleo de Estudos sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos - PDPS³⁰. O *Mapa* é um quadro composto por colunas que podem ser divididas de acordo com os temas que, em geral, refletem a sistematização dos conteúdos obtidos a partir do roteiro da entrevista e da transcrição seqüencial. Tendo um quadro construído e organizado com a indicação de temáticas extraídas do material discursivo, torna-se possível colocar os recortes da transcrição integral nas colunas. Esses trechos podem ser retirados da seqüência das falas dispostas na transcrição integral ou apenas de pedaços específicos que falem diretamente das categorias indicadas nas colunas. Entretanto, ao optar por extrair trechos isolados do material discursivo, o que garante a identificação dos contextos das falas é a enumeração das linhas. Vale a pena ressaltar que as falas transcritas não são alteradas em momento algum nesse processo de serem colocadas nos mapas, isto é, o texto continua literal.

Quando é possível identificar categorias que perpassam todo o material empírico transcrito, pode-se fazer um mapa que englobe todas as conversas realizadas em um encontro

³⁰ Os *mapas dialógicos*, inicialmente denominados *mapas de associação de idéias*, foram propostas por Spink (1994) que apresentou sua proposta de *mapas* a partir de uma pesquisa a respeito do tema *Hipertensão* em um congresso na Inglaterra em 1992. A mudança de nomeação de *mapas de associação de idéias* para *mapas dialógicos* se deu pelo fato de sua idealizadora e os pesquisadores do PDPS não adotarem mais *Representações Sociais* como teoria base, portanto, tal nomeação já não abarcava as noções e os desdobramentos que esse procedimento de análise pode trazer. Segundo a idealizadora, “trata-se, entretanto de uma nomenclatura em evolução; os Mapas, afinal, remetem a um estilo de exploração de territórios que tem como pressuposto a existência objetiva de terrenos cujas características podem ser reproduzidas por imagens!” (Spink, 2004, p. 54). Os mapas foram utilizados em dissertações e teses defendidas no PDPS. Como exemplo, Pinheiro, 1998; Aragaki, 2001; Nascimento, 2002. No Anexo 6 segue parte de um mapa dialógico como exemplo.

de um determinado grupo ou entrevista. Esse mapa geral se torna importante porque ele possibilita a visualização de todas as questões ou provocações que originaram as falas sobre um determinado tema. A partir desse mapa geral, é possível também fazer outros. Estes originados dos mapas gerais constituem estratégias para aprofundar temas.

4.9 - Adentrando a Pesquisa: impressões, expectativas e avaliações das participantes

Coerente com o posicionamento ético e reflexivo explicitado anteriormente, tive a preocupação, nos três encontros, de criar oportunidades para que as participantes pudessem falar as suas expectativas e a experiência da participação nos grupos. Foram feitas três perguntas com intuito de investigar como elas se sentiam no grupo. A primeira, sobre expectativa das pessoas em relação à discussão do tema, foi levantada no início do primeiro encontro. A segunda, feita no final do segundo encontro, visava avaliar o processo de condução da pesquisa e se queriam fazer alguma sugestão. Já a terceira pergunta, realizada no final do terceiro encontro, buscava entender o que a experiência havia instigado nelas.

Para investigar minuciosamente tais questões, construí um mapa a partir dos trechos em que elas abordavam assuntos relativos aos três itens mencionados acima. O mapa foi construído a partir de três categorias: expectativas, vivenciando o grupo e contribuições/possibilidades.

No que tange às expectativas, nas falas das participantes estavam presentes a curiosidade em relação à pesquisa: a maneira como esta seria conduzida; o interesse pela discussão racial, despertado pelo fato de ter sido feita a pergunta sobre como a pessoa se classificaria segundo o critério cor/raça. Houve também curiosidade sobre como seria abordado o assunto sexualidade, explicitado no trecho abaixo retirado do primeiro encontro quando questionei as participantes o porquê do interesse de participar das discussões sobre o tema proposto:

Yao (...) E meu interesse de estar aqui é só curiosidade e saber da pesquisa.

{Grupo focal, primeiro encontro - mai/07 – L48-L49}

Esi (...) E o que me despertou interesse de estar aqui foi a temática. Tudo que tem relação com negro e negra sempre me despertou muito interesse. Na minha comunidade sou referência para discutir esses assuntos, mas não estou participando de nenhum movimento.

{Grupo focal, primeiro encontro - mai/07 – L61-L63}

Yaa (...) Aí eu estava pensando assim, quando falam assim de sexualidade da mulher negra, nós vamos discutir mais os nossos desejos, a nossa sexualidade fisiológica, a mulher como assexuada, quer dizer sexuada?

{Grupo focal, primeiro encontro - mai/07 – L167-L169}

No final do encontro, no segundo dia, houve falas que revelaram a novidade que foi debater a temática para algumas pessoas, que afirmaram nunca ter pensado sobre o assunto. Como aconteceram algumas discordâncias de pontos de vista durante o processo, isso gerou a necessidade, por parte de algumas participantes, de pedir desculpas, caso alguém tivesse se sentido ofendida. O próprio grupo preocupou-se em realizar uma auto-avaliação a respeito da maneira com que elas discutiram os assuntos e como reagiram ao tema proposto, e também avaliaram a condução da pesquisadora. As participantes enfatizaram a importância da troca de experiências e diante disso trocaram aconselhamentos entre si. As falas abaixo foram retiradas do segundo encontro, quando as participantes relatavam como estava sendo participar do processo até aquele momento:

Esi- Eu acho legal porque é como se fosse um trabalho de formiguinha que você está fazendo, partindo do seu trabalho, de mestrado? É Mestrado?(acenei positivamente com a cabeça) Esse mestrado está sendo um ponto a mais na sua vida, né, e pra gente tá sendo bom porque com esse debate, essa discussão, toda a gente consegue desconstruir algumas coisas que construíram na gente ((risos)) e a gente pode tentar levar essa, essas discussões, esses pontos de vista que estamos vendo aqui para outras pessoas...essa discussão de hoje foi muito boa porque é o que a gente tem contato no dia a dia, que a gente tem contato mais freqüente na nossa vida...Foi bom!

Akosia - Eu achei legal a troca de experiências e tudo, uma coisa que desde a primeira pergunta que veio assim, ah qual é o discurso...eu nunca tinha parado para pensar qual era o discurso que faziam sobre a mulher negra, sobre mim, até mesmo sobre o que... até mesmo sobre o que eu pensava sobre o que falavam sobre a sexualidade da mulher negra, nunca tinha colocado, eu nunca tinha parado para pensar, apesar de participar de movimento, eu nunca tinha parado para pensar, nunca tinha ouvido opiniões sobre esse assunto, sobre essa discussão, nunca tinha participado de uma discussão em que acrescentasse tanto para mim, no sentido de que eu nunca tinha parado para pensar sobre isso...

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 - L980/ L994}

Kobina - Eu penso que é sempre um desafio quando a gente pensa aí de repente, vamos falar sobre a questão da sexualidade né, da mulher negra, e aí as dificuldades, as dificuldades que a gente tem de se assumir de vez enquanto negra e depois quanto um ser sexuado né, que tem desejos, que tem vontades e que tem...e aí a gente vai...soltando as coisas assim meio maquiadas, meio assim né...agora eu senti falta que a gente tivesse um momento anterior até o censo para que a gente liberasse mais (...)acho que o interessante do grupo focal é isso, da gente ouvir as coisas que a pessoa diz e ter liberdade de dizer

não, não é por aí não, e respeitar também...igual em momento algum quando eu discordei da Araba e da Ajo, em nenhum momento eu... não estão erradas, não, eu penso diferente, então eu acho que o bom foi isso, da gente poder dizer o que pensa e o que sente.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 - L998/L1035}

Yao -(...) E assim, tô gostando muito, tô aprendendo coisas novas, ouvindo experiências, ouve assim opiniões de outras pessoas, assim que você acaba pensando, assim de deixar a sua opinião e pegar aquela do outro e se sentir melhor né, com a opinião do outro, não só pra ajudar você ((olhando para pesquisadora)), mas vai tá nos ajudando a amadurecer também.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07- L1053/L1058}

Yaa - Eu quero falar...Eu gostei muito dessa...ra...desta etapa((risos)) desse outro momento, que é o segundo O primeiro que foi mais assim, um pouco a gente se conhecendo e tudo, eu achei que o grupo tava mais tímido, não sei se hoje o tema, né, falar sobre a sexualidade, assim mais específico, ajudou um pouco mais a todo mundo se soltar, apesar de ter gente nova no grupo, mas achei que foi, que o momento foi mais, foi mais rico, achei que a gente se soltou mais...a próxima eu acho, acredito que será ainda mais.

Afua - Eu também gostei até mesmo porque assim é...eu nunca tive é...liberdade de conversar certos assuntos em casa né, com a minha família, aliás tem meu irmão que eu converso até bastante, tenho mais liberdade do que minha irmã, com minha irmã e meus pais. E aqui, assim, a gente além de tá ajudando na sua pesquisa, tá ajudando a gente também, conhecendo coisas que a gente nunca havia falado, gostei.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07- L1085/ L1095}

Ajo - Eu gostei bastante de ouvir a opinião das pessoas, né, e que se eu falei alguma coisa e ofendeu alguém, desculpa (...) Que as vezes a gente discorda realmente, e eu ouvi a fala da Yao que ela falou assim, que ela foi pegando a opinião dos outros que no caso...dela, namorado, essas coisas....mas eu quero dizer assim pra ela que ela pense bastante, também pra não ser frustrada né, ser com a pessoa certa, tudo mais, e que realmente coloca sentimento na jogada, não só fazer por fazer, como se diz aí, fazer por fazer.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07- L1123/ 1130}

A discussão no final do terceiro encontro foi marcada por uma série de falas que expressavam a necessidade de realizar ações concretas para impactar a situação da imagem da mulher negra no Brasil. Pontuaram que esta pesquisa seria um bom instrumento para contribuir para o processo de transformação da forma pela qual é apresentado o corpo da mulher negra na mídia e, conseqüentemente, no cotidiano delas. Porém, isso só seria possível se essa pesquisa fosse além do espaço acadêmico. Explicitaram que a importância de colaborarem com a pesquisa também tinha a ver com o fato de algumas delas estarem estudando e queriam também apoios futuros para a realização das próprias pesquisas.

Algumas demonstraram desânimo no sentido de acreditar que seria possível obter mudanças, ainda mais se fossem baseadas em palestras ou coisas similares, pois consideravam que algumas posturas já estavam enraizadas no modo de agir das pessoas. O trecho transcrito abaixo foi retirado do final no terceiro encontro, quando as participantes emitiram suas opiniões a partir da pergunta disparadora: “qual a possível contribuição que a pesquisa poderia dar para elas e as demais pessoas.”

Kofi - Acho que, atualmente, uma questão principal seria a conscientização de todas as pessoas, e que o negro, ele também é gente, o negro, a mulher negra também é gente e todas as pessoas, e que ela não é um objeto sexual, e tudo isso é uma idéia que seria essencial para o mundo viver melhor e a questão que realmente existisse igualdade, é uma questão muito utópica, talvez um dia chegaremos aí.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07- L700/L703}

Akosia- Uma coisa que ela me chamou atenção, a Kofi, foi a questão da conscientização e eu acho que isso começa numa questão que eu bati muito na questão da escolaridade. Eu acho, sei que, como a gente tava falando assim, quem já tem uma graduação não que não queira constituir família, mas se tem assim um objetivo a mais. Então, nesta questão da sexualidade da mulher negra, acho que a escolaridade conta muito sim, eu acho que abre bastante horizonte porque é começando a conscientizar essas crianças, as crianças no sentido, porque na escola é (?) criança muito cruel, criança muito cruel e às vezes a gente se deixa oprimir por essa crueldade, já vai crescendo reprimida, então (...)

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07- L724/L734}

Esi - Eu concordo em partes com a fala da Akosia, e pega um pouco da fala das duas, que eu acho que seria um bom pra resolver essa questão seria campanhas educativas mesmo, utilizando mídia, rádio, televisão, de uma forma dinâmica, usando dinamismo, e de questão é...de... é...de resenhas, mutirão, síntese de debates e idéias interessantes e tentar divulgar principalmente para as mulheres negras e posteriormente para população em geral, que tivessem acesso, pelo menos para saber quais são os seus direitos para poderem lutar para que seus direitos sejam respeitados (...)

Afua- Só que pra isso, sei lá, tem que ter é...tudo bem, palestra, essas coisas, mas tem muitos casos, assim, que vou lá perder tempo, eu tenho mais o que fazer dentro de casa e tal. Assim, tem que ser algo pra chamar mesmo a atenção, tem que movimentar mesmo, porque é o seguinte, muita gente assim, é algo interessante, passa de casa em casa, entrega panfleto e chega na hora não vai quase....Praticamente ninguém, o que você quer atingir, ali o seu objetivo, num...Daí onde tem que surgir uma idéia bem assim, pra...sei lá...leva um povo pra lá, abrir a cabeça e enfiar as coisas lá dentro ((risos))

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07- L740/ L757}

Kobina - Esse é um desafio bem gigante e aí quando você coloca isso pra gente, e aí eu pensei, não, eu vou preferir ler a sua dissertação depois. Mas eu penso que precisa dar visibilidade mesmo, acho que não tem jeito da gente mudar o discurso se a gente não vem com um contra-discurso a esse que tá

posto, e esse tem que ir ganhando força, ganhando forma e ganhando adeptos, aí ((risos)) e aí não é uma coisa muito fácil porque pra gente, pelo menos pra mim, isso cai assim. (...) Então, é... é ficar pensando então que não dá pra ir...quando as meninas iam falando e eu pensando em algumas coisas e meio que concordando um pouco com elas. Mas aí a gente tem que tentar ir além para elaboração de políticas públicas, tem que ser pauta mesmo a questão da sexualidade e da etnia, tem que ser pauta, tem que ir mesmo para as escolas, mas não só para as escolas, tem que tá na rua (...) essas propagandas que vão passando e vão martelando na cabeça da gente a gente reproduz mesmo.(...)

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07- L768/L794}

Yaa - Nessas falas eu estava pensando aqui, não sei se sou muito pessimista. Eu não... tem... eu fiquei olhando todo mundo falando, aí eu pensei, eu acho que não tem nenhuma solução.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07- L807/L810}

Akosia - Só o fato que eu te falei ontem, que eu nunca tinha parado para pensar nisto , só o fato de fazer eu parar para pensar nisto, pra mim já contribuiu bastante, e como a Kobina tava falando, que um trabalho como esse não fique só no meio acadêmico e tudo, vai contribuir bastante.(...)

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07- L855/L860 }

Esi - Vou viajar também, já pensou se essa pesquisa que você fez agora com a gente aqui, tomasse uma dimensão maior e conseguisse atingir professores de educação fundamental, básica, e eles tivessem essa visão de que estamos tendo agora do que poderia melhorar, o simples fato de fazer um grupo numa sala de aula, já poderia contribuir com a qualidade de vida das pessoas negras daquele lugar. Acho que isso seria uma contribuição enorme, porque as crianças de hoje, no caso, não passariam pelas mesmas dificuldades de submissão e de separação que existe na sala de aula, por exemplo. Acho que seria uma contribuição.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 - L876/L882}

Apesar de ter realizado poucos encontros com as participantes da pesquisa, percebi que houve interação e liberdade para exporem questões muito particulares. E algumas das preocupações no que diz respeito à má interpretação do que foi falado no grupo foram explicitadas pelas próprias participantes. Elas não só emitiram opiniões sobre os assuntos, como relataram experiências pessoais.

Capítulo 5. A mulher negra como objeto sexual: o olhar a partir das nomeações relativas à raça.

Neste capítulo, discuto temas trazidos pelas participantes da pesquisa que faziam eco com o debate de relações raciais, uma vez que foi recorrente a aproximação com a imagem da mulher negra como objeto sexual. No entanto, houve momentos em que a abordagem racial tomou uma proporção maior, não aparecendo o recorte de gênero e/ou sexo. Foram nesses momentos que as várias formas de nomeações evidenciaram-se, na medida em que as falas das jovens se reportaram a experiências familiares e escolares, assim como a estereótipos, notando-se nelas a intersecção de raça e classe. Os termos referentes às relações raciais, ouvidos e falados, segundo as jovens, influenciam a maneira pela qual as pessoas constroem os discursos sobre sexualidade e auto-estima.

5.1 - “A gostosa”: a mulher negra na perspectiva da mídia e delas próprias

Uma das discussões que mais mobilizou o grupo concerne o tema da mulher negra como objeto sexual. Tal debate esteve presente, notadamente, no segundo e terceiro encontros: as participantes emitiam opiniões relacionadas à mídia, às relações raciais no contexto das relações amorosas com homens, ao modo como as mulheres se comportam, e, principalmente, ao uso de determinadas vestimentas para se sentirem “gostasas”.

O trecho abaixo refere-se a falas das participantes no segundo encontro, quando se reportavam à pergunta a respeito do que elas ouviram falar sobre a sexualidade da mulher negra. O foco dos diálogos foi o carnaval. Akosia reforça a idéia de que nessa festividade nacional há uma banalização da mulher negra como objeto sexual e aponta a “figura” do estrangeiro que vem para o Brasil com essa imagem. Em seguida, Kofi acrescenta que a imagem de mulher negra disseminada no carnaval é produzida pela mídia.

Akosia – (...) eu acho assim, que eles fazem muito da sexualidade uma banalização que fica muito mais enfocada (...) no carnaval. Eles fazem questão de frisar as mulatas, as negras. (...) os estrangeiros vêm para cá pro Brasil para ver as mulatas e as negras peladas (...). O discurso que veio na minha cabeça foi a banalização que eles fazem no carnaval.

Kofi - Acho que não só no carnaval, mas em qualquer outro lugar, a imprensa, a mídia brasileira, principalmente, vende o Brasil como se fosse **aquela coisa**, a mulher negra, a mulata. Então as pessoas já vêm com idéia, tipo assim, de ver a

mulher negra dançar, a morena/mulata. E outra coisa, ver a mulher, a mulher negra como uma mulher fácil. (...) Então, assim, as mulheres negras como mais fáceis.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L72/ L82}

Portanto, as vozes invocadas pelas integrantes no segundo encontro, nesse momento da discussão, eram as da mídia e a dos homens brancos, principalmente os estrangeiros. No que diz respeito à mídia, há uma clara denúncia por usarem a imagem da mulher negra como atrativo sexual no carnaval. Conforme já referido no capítulo 2, o turismo sexual foi tema de pesquisa de Piscitelli (1996) e Dias Filho (1998). Segundo as participantes, essa maneira de olhar para a mulher negra também se faz presente nas novelas em que elas protagonizam personagens que usam seus corpos, na maioria das vezes, para fins sexuais. Para as jovens, isso reforça a idéia dos homens de que as mulheres negras são “fáceis” de serem usufruídas sexualmente.

Nesse debate, que colocava a mulher negra como “gostosa”, havia com frequência o recorte racial, isto é, a afirmação de que essa era uma questão muito específica da mulher negra. Foi comum elas enfatizarem que o olhar do outro – na maioria das vezes personificado no homem branco estrangeiro – era sobre a mulher negra como a mais desejada para o sexo. Mas, quando elas se referiam à Igreja, por exemplo, o recorte racial aparecia menos, como se a desigualdade mais evidenciada no espaço religioso – sobretudo na Igreja Católica – se referisse às mulheres em geral, sem enfatizar especificidades em relação à raça.

Houve opiniões opostas sobre a possibilidade da mulher negra ser mais valorizada pelo homem estrangeiro do que pelo brasileiro. Dentre as opiniões contrárias, as que foram emitidas em maior número diziam respeito à mulher negra como objeto sexual, como explicitado por Esi, no segundo encontro.

Mulher como objeto sexual

Esi - Acho assim, que é valorizada(...)no caso da prostituição em si, do homem usar o corpo da mulher. Já ouvi falar que os gringos quando vêm aqui pro Brasil, eles ficam loucos quando vêm as mulatas, as morenas nas praias de biquíni. Porque dizem que as mulheres lá são todas chuladas né.

Relações Raciais

Quando vêm as bundas das mulheres negras aqui, eles ficam assim...(risos) Acho que só é valorizada as mulheres negras assim...

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L235/ L239}

De acordo com a maior parte das falas das participantes, seria impossível considerar que tanto homens estrangeiros como a mídia valorizassem a mulher negra, já que o olhar sempre recai na noção de objeto para uso sexual e, como tal, era necessário enfatizar esses corpos femininos como mais sensuais.

Mas e as mulheres negras? Como percebem sua vivência sexual quando identificam tais discursos?

Além da concepção de que a mulher pode ser vítima por ser enxergada como objeto, o grupo também apresentou outra perspectiva que identifica como possível que a própria mulher negra goste e estimule ser vista como mais sensual. Ao fazerem essa afirmação, elas trouxeram algumas justificativas para sustentá-la. Em primeiro lugar, o discurso de que a mulher negra é mais “gostosa” faz com que as próprias mulheres negras tenham absorvido a idéia de que o sexo é o maior trunfo que elas têm; pelo fato da mulher negra ter desvantagem em relação à mulher branca em vários aspectos, o que restaria para as negras seria usar o corpo como forma de demonstrar que elas também têm algum tipo de “qualidade”. Em segundo lugar, trouxeram elementos históricos, como a servidão que as obrigava a submeter-se aos senhores de escravos, sendo assim que, até hoje, torna-se difícil reconhecer-se em outras alternativas.

A possibilidade da mulher negra se posicionar, também como “a gostosa” para poder ser aceita, foi levantada por Yaa, em um momento em que o grupo falava sobre a mídia e sobre o que os homens pensam. Yaa explicita a necessidade de levar em consideração também como as mulheres negras se vêem, sem, entretanto, desconsiderar que o olhar sobre si também é influenciado pelo olhar externo.

Yaa - (...) porque a mulher loira, ela não precisa estar se mostrando tanto para ser vista assim, né, entre aspas talvez, não sei. Mas a mulher negra não. Né? E a gente vê muito isso, da mulher que faz questão de mostrar o corpo, de mostrar que...<<eu sou negra, sou bonita>> já que as negras são vistas como...toda negra é bunduda, toda negra tem peito muito bonito, tem o corpo escultural e a gente vê isso, e às vezes nós acabamos nos posicionando assim, né. Não sei se isso são apenas coisas da minha cabeça ou estou vendo de... é... de maneira errada, mas...

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L190/L196}

A afirmação de Yaa contribuiu para deslocar a discussão da idéia de que a mídia era a única responsável pela imagem da mulher negra como objeto.

Ao trazerem a noção de que a mulher negra também pode contribuir para a intensificação do estereótipo, as jovens colocaram que o tipo de roupa que se veste pode

influenciar. Falaram por um bom tempo sobre estilos de roupas que são usadas para provocar ao dar ênfase aos seios ou à bunda.

Yaa - (...) quando falava assim da mulher negra, que às vezes ela, ela tenta se mostrar de uma forma quando usa o corpo, se expõe também e a mídia que põe também e ela já, (...) internalizou essa questão mesmo de, de eu só **sou alguém se eu me mostrar**(...) não só pelo outro lado...Mas eu falo na questão mesmo de, igual a gente vê quando vai numa festa a mulher põe umas roupas assim...assim...

Akosia - colada

Yaa - É, colada, assim, bem transparente ou vai sem calcinha, ou põe uma calça que é branca sem calcinha, ou faz questão de tá mostrando o peito e mostra mesmo o peito, ou se vem pegar, deixa pegar, sabe...esse negócio assim, eu vejo mais por esse lado, não pelo lado de usar roupa (...) Você pode colocar uma roupa quase nua e não está sendo vulgar e às vezes você está toda vestida e é vulgar, entendeu? Acho que vai muito do, da maneira como você se mostra.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L342/ L357}

Em outro momento, falaram sobre os tipos de roupas que gostam de vestir, afirmando que não teria problema usar roupas curtas desde que a intenção não fosse se mostrar para o outro e sim para que se sentir bem.

Kobina - E o povo fala que você veste roupas muito largas, veste muita calça. Mas eu acho que tem que ser primeiro para gente. Acho que o respeito, ele deve passar primeiro pela gente, depois a gente pensa como é que a outra pessoa está se sentido.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L268/L271}

Yaa - Eu gosto de usar(...) um shortinho curto e isso é natural, eu acho; usar uma roupa decotada, que eu acho que é muito legal. Eu gosto também de usar muito decote; eu gosto de usar roupa curta; eu gosto de mostrar que eu sou bonita também(...)

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L342/L348}

Afua - não é a roupa que faz a pessoa, né, não é porque tá usando uma roupinha curtinha que é prostituta, que é...eu conheço gente também assim, que se veste...né: vai ver... ((risos))

Arabá - igual a Creusa³¹ da novela ((risos))

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L358/ L366}

Ama - Igual, igual lá em casa. Eu gosto de usar roupas curtas quando estou em casa; minha mãe sempre pega no meu pé, pra ela, eu acho que roupa curta não pode. Ela, ela fala assim << minha filha se você ficar com roupa curta, vai chegar uma pessoa aqui em casa, vai falar de você>> ela sempre acha ruim.

³¹ Personagem de Juliana Paes da Novela *América* que usava roupas compridas e era religiosa, mas que tinha relações sexuais com vários homens às escondidas.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L491/L494}

Penso que no grupo ficou em aberto a questão de como usar a roupa que gosta (por exemplo, se for curta ou decotada) sem ser “mal falada”. As participantes consideraram que é importante se sentir “gostosa”, desejada, sensual; mas, como distinguir o que é vestir para si mesma e vestir para o outro se também somos construídas a partir do olhar do outro?

Tudo indica que era intrigante para elas o fato da mídia, por ser legitimada, mostrar que mulher negra é sinônimo de sexo e sensualidade, e não apontar outras possibilidades. Para elas, o problema não era serem vistas como sensuais, mas sim, o fato das imagens veiculadas ficarem limitadas a apenas isso. A outra questão é que a voz delas sobre si mesmas parecia ter menos força do que a mídia, pelo fato de identificarem que os veículos de comunicação não as representam tal como são. Entretanto, ao mesmo tempo, para serem notadas deveriam se aproximar ao máximo das idéias veiculadas.

5.2 – Prostituição: a ambivalência entre sexualidade e necessidades econômicas

A prostituição foi um tema de destaque por ter sido referido como algo comum entre as mulheres negras, pois o grupo afirmou com veemência que a maioria das prostitutas eram negras e pobres. Portanto, para elas, uma das práticas sexuais presentes na vida das mulheres negras estaria associada à prostituição. No entanto, esse debate foi passível de intensa negociação de sentidos sobre as razões que levam as mulheres a se prostituírem, onde se prostituem e quais os tipos de prostitutas de que elas ouviam falar.

No início, as falas recorrentes enfatizavam a prostituição como profissão comum entre as mulheres negras, com reforço da mídia que se apóia na idéia de que as personagens de novelas destinadas às mulheres negras se enquadrem nesses estereótipos.

Kobina - (...) a questão da prostituição, então são muitas negras (...) e aí quando a gente vem pensando a questão prostituição das mulheres negras(...) a gente pode entrar num, no juízo de valor: ah, mas porque não quer outro emprego, mas é que a mulher é desvalorizada mesmo.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L98/L112}

Kofi - A impressão é que a única solução que ela encontrou (...) depois de tanto (...) desprezo da sociedade é a questão da prostituição que é o meio para sustentar ela e os filhos dela se tiver, a família, enfim. E é realmente neste sentido de

prostituição que eu vejo a mulher negra hoje **na mídia**. Até tem outra novela, já que nós estamos falando de novela, aquela da Camila Pitanga³²(...)

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L121/L125}

Nesse debate, a maioria das opiniões fazia associação direta da prostituição com a pobreza. Nesses casos, o recorte racial também se fazia presente por elas considerarem que um dos aspectos que contribuiriam para que a mulher negra não encontrasse outro emprego seria o racial. Assim, a prostituta foi colocada como uma mãe de família batalhadora que precisava sustentar seus familiares, diferente dos estereótipos apresentados na mídia televisiva.

Ajo - (...) no caso de prostituição, vai muito da pobreza do local. Às vezes não tem oportunidade de trabalho, nem nada, restando somente a prostituição. A gente vê muito que acontece no nordeste, aquelas crianças sendo exploradas a partir dos 10 anos. Tudo porque, além de ser um ponto turístico, ali a pobreza é muito grande. Então é o que, né, por uns cinco reais, três reais, ela vai numa boa sem medo das conseqüências, (...)

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L462/L476}

Afua - (...) no nosso ponto de vista as mulheres negras, é...se prostituírem né, falando da sexualidade, devido igual muitos já colocaram, é...vamos supor assim, é condições financeiras, né? Ela não consegue, devido à cor e tal; não consegue, então, não consegue um emprego com salário bom para poder tá sustentando a família, igual aqui coloca da família, igual assim, tem muita família que sabe que ela se prostitui, mas é um meio de sobrevivência que ela tem né. (...). Vamo supor assim, é...se tem um pai idoso e a mãe idosa que não têm condições mais de trabalhar e elas acham assim, o meio delas sobreviverem.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L633/L637}

No decorrer da conversa foram aparecendo exemplos de prostituição que não se baseavam apenas na necessidade de sobrevivência, mas na busca de outros ideais. Todavia, mesmo apontando esses exemplos, as jovens pareciam ter necessidade de afirmar que não viam a prostituição como uma possibilidade para si.

Afua - (...) eu tinha uma amiga que... ela era filha de criação, só que...adotiva. Sofreu demais devido ela ser...eu nem sei como colocar a característica dela, ela era assim...Uma mulata sabe?(...) E ela foi para Cuiabá, saiu de Campo Grande com intuito de estudar(...).A mãe dela chegou lá em casa pra saber se ela tava prostituindo, aí minha irmã sabia mas não quis falar né, <<não ela tá trabalhando>> Mas por que que ela fez isso? Porque a família mesmo não apoiava ela, e ela fez isso pra pagar a faculdade dela. Hoje ela é formada, casada e **muito** bem casada.

³² Camila Pitanga era a personagem Bebel da novela Paraíso Tropical. Bebel é uma prostituta baiana que foi para o Rio de Janeiro trabalhar no calçadão – local de trabalho das prostitutas.

Então foi uma maneira que ela achou né, para poder tá pagando, sustentando morar lá e pagar os estudos. Aí ela saiu, né, parou (...) foi embora (...) com o esposo dela. (...) Assim igual meu caso, né, de onde eu vim, eu já sofri isso, não consegui emprego, fui dispensada devido eu ser negra, né...eu poderia ter optado por esse lado, né? Da prostituição, mas...graças a Deus ((risos))...eu num acho, assim, depende da pessoa também...eu num...vai da pessoa.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L641/L655}

No terceiro encontro, o tema da prostituição reapareceu a partir de uma frase provocativa que eu trouxe com a intenção de tencionar a discussão, provocar novas reflexões e contribuir com o debate, por ter percebido que no dia anterior a ênfase era de que as prostitutas residem e trabalham apenas na periferia.

Kofi - Todas as prostitutas são da periferia. Eu discordo desta frase, apesar que a grande maioria é da periferia, acho que por uma questão sócio-econômica que envolve isso e por outras questões também. Mas na realidade tem prostituta até na classe alta; prova disto, que a gente vê exemplo disto, só que é bem mais escondido. Na periferia não, as pessoas aparecem mais e a imprensa também mostra muito mais, apesar que hoje em dia com a modernização da prostituição(...) nas classes mais alta, ou então as pessoas se tornam ricas e continuam na prostituição. Por exemplo, aquela Bruna surfistinha, que saiu na mídia agora, que estourou, que falou que parou e a mulher tem dinheiro e ganhou com isso e não é da periferia, apesar de, como fala, a grande maioria é da periferia.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L343/ L350}

Em seguida a essa fala de Kofi, as jovens partiram para a identificação dos vários espaços de existência da prostituição e, dessa forma, o grupo começou também a diferenciar o que seria o específico da prostituta de classe média e média-alta.

Akosia - (...) Porque assim, gente, até mudar de nome, na... na classe alta eles mudam. Na periferia é prostituta, é mulher da vida, é meretriz e já na classe alta...é garota de programa(...) acompanhante, e muda pra você ter uma idéia assim da desvalorização que é da mulher da periferia, já como a Kobina tá falando, assim, duplamente discriminada, desvalorizada, por ser pobre e tudo. Porque, gente, as mulheres da periferia, é aquela coisa; elas não têm uma opção de vou fazer o que quiser. As garotas de programa talvez não, mas elas já têm umas outras oportunidades. Pra que essas garotas de programa, essas acompanhantes se prestam a isso, como a é...Afua tava falando ontem de uma amiga(...) era uma garota de programa que se prostituía para pagar a faculdade, agora uma prostituta da periferia vai se prostituir para pagar a faculdade? Ela vai se prostituir para sobreviver, pra pagar...pra comer, pra pagar pra poder criar os filhos, às vezes pra sustentar um cafetão que agride ela, que bate nela.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L380/L395}

Houve discordância no grupo quando algumas participantes afirmaram que somente as mulheres de classe média/alta se prostituíam com objetivos que iam além das necessidades básicas. Assim, quando Akosia lembrou o caso citado por Afuá de uma amiga que se prostituiu para fazer faculdade, ela afirmou que esta era pobre e havia se prostituído com um objetivo que ultrapassava uma necessidade básica para sobrevivência. Porém, essa hipótese foi questionada pela afirmação de Afuá:

Afua - (...) essa amiga minha, não era só de periferia, era da roça, ela morava na roça ((risos))

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L396/L397}

Diante disso, Akosia amenizou o seu posicionamento, todavia continuou reafirmando que havia uma maior desvantagem das prostitutas que residiam na periferia em relação às de classe alta, por considerar que aquelas são, na sua maioria, negras.

Akosia - Pois é, mas **são poucas** as de periferia que têm uma ambição de << eu tô me prostituindo, eu tô usando o meu corpo, mas futuramente eu não vou precisar mais fazer isso porque eu vou ter uma graduação, vou ter um curso >>. Não, tá, num tem esse sentido na hora de se prostituir. Já as garotas de programas, as acompanhantes não, é pra jóias, é pra roupa, é pra sapatos, é pra viagem, aí tem tudo isso, aí eu tava pensando, que isso tudo cai aqui na minha frase que é a mulher negra gosta de ser vista como objeto sexual, porque eu acho que ninguém, nenhum ser humano gosta de ser visto como um objeto. Todo mundo busca se **firmar**, todo mundo busca ser respeitado (...) Mas eu acho que assim, entre as mulheres negras da periferia, a prostituição é maior, é raro algumas delas serem acompanhantes, porque nenhum homem de classe alta vai querer uma negra como acompanhante pra ir numa recepção badalada; ele vai querer realmente como objeto sexual, só pra exploração e bem escondido; não quer que ninguém saiba.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L398/L410}

Por mais que as jovens abrissem várias possibilidades de explicação sobre a prostituição, no imaginário delas ainda pairava uma concepção de que ser prostituta é sinônimo de sofrimento e de sujeição pois, parecia ser impossível, de acordo com as falas delas, negociar o tipo de prática sexual com o parceiro/cliente, dado que, pelo fato dele pagar, ele teria o direito de exigir qualquer coisa e elas o dever de obedecerem sem questionar ou se impor.

Ajo - (...)A gente deve respeitar todo mundo, homossexual, prostituta, o que for, né gente. Ninguém tem o direito de desrespeitar ninguém. Só porque, no entanto ela é desrespeitada, né, principalmente pelos homens, no caso se um homem pega uma mulher e paga, então, ali na cama, eu penso, que ela tem que fazer o que ele quiser né, tem que realizar ele, a vontade. Ela não vai poder se impor <<não isso eu não faço>> No caso também eu penso muito assim. **Eu nunca faria sexo anal; gente**, pra mim é o fim do mundo, é muito animal! E aí, como que uma prostituta

vai se impor <<não isso eu não faço>> <<como você não faz, eu tô pagando, eu tenho o direito de fazer isso>> então no caso, ela, ela é desrespeitada né. Mas no meu ponto de vista ela não deveria ser resp...não deveria ser desrespeitada porque ninguém tem o direito de desrespeitar ninguém.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L351/L360}

Ao refletirem sobre o desrespeito sofrido pelas profissionais do sexo, consideraram que, mesmo sabendo que seria necessário haver respeito pela pessoa, este não existe em relação a quem exerce a prostituição. Para refletir sobre o tema, foi proposta a pergunta realizada por uma das participantes: quem sofreria mais preconceito, a prostituta ou o homossexual?

Yaa - Eu não sei o que que é mais...é...fugiu a palavra...não...da questão da mulher homossexual ou prostituta, prostituída. Eu não sei qual que é mais vista como...não sei, assim banalizada assim, era outra palavra que eu queria usar. Qual que as pessoas tem mais preconceito...né...eu fico pensando nisto.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L362/ L364}

Araba - Tem muito homossexual que se prostituiu, aí tem duas formas de preconceito ((risos)).

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L377}

Diante do questionamento, fiz várias reflexões durante e depois da reunião do grupo. Uma delas: “Por que ao falar de prostituição remete-se à homossexualidade?” Considero essa questão pertinente por conceber que esses temas estariam localizados em lugares diferenciados. A homossexualidade diz respeito à orientação sexual, ao passo que a prostituição é uma ocupação, desde que não seja imposta, porque desse modo seria exploração sexual. Infiro que tal associação pode ser produzida ao considerar que, para a homossexualidade e prostituição, o sexo seria uma constante, e, portanto, seria a referência desses dois grupos. No caso da prostituição, é comum tal afirmação; todavia, ao considerar que essa mesma lógica se aplicaria para a homossexualidade, estaríamos pressupondo que o sexo está presente com maior regularidade na vida dos homossexuais do que para os heterossexuais. Tal pressuposto seria mais uma forma de reforçar um estereótipo que não leva em conta a multiplicidade das vivências homossexuais.

Segundo as jovens, a idéia de prostituta caberia também para todas as mulheres brasileiras vistas pelo olhar do homem estrangeiro, sobretudo as negras.

Kobina – (...) queria reforçar que não é valorização essa história de prostituição não. Assim, eu tenho um cunhado que é italiano; só casou com minha irmã porque ela é negra (...) Ele é louco para vir pra cá no carnaval e ela morre de ciúmes (...) Mas as mulheres européias, elas detestam as mulheres negras, e aí por mais que minha irmã não é garota de programa, por mais que ela seja casada, lá as mulheres não gostam dela, por quê? (...) Então eu não sei que valorização é essa que a amiga da Yaa diz, <<por que que lá eu sou valorizada>>. E também não acho que minha irmã seja valorizada pelo meu cunhado (...) Eu penso que é sempre exploração.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L271/L285}

Kofi – (...) pode ser a preferência dos gringos o fato das mulheres brasileiras que devido ao turismo elas se prostituem com essas pessoas, ou pode ser também dos próprios gringos que vêm ao Brasil e tem essa preferência. (...) Essa questão é muito complicada quando a gente vê do ponto de vista da brasileiras, a desvalorização (...) É como se fosse um comércio que ela faz o que o freguês quer. Se isso for levado em conta, isso não é muito bom para o Brasil e nem para a mulher negra que, a cada vez, se transforma mais em comércio. E nem para o lado dos gringos (...) resumindo, tudo é um comércio de ambas as partes (...)

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L504/ L513}

Mesmo havendo uma longa altercação em torno do assunto prostituição, era nítido que as jovens se posicionavam a partir de um lugar distanciado do tema. Levantaram várias alternativas para explicar a prostituição e se fixaram na idéia de que uma profissional do sexo é apenas uma mulher trabalhadora com uma família para sustentar e com poucas ou nenhuma condição de negociar com o seu cliente porque depende do dinheiro dele. Por mais que vislumbrassem a idéia de que há prostituta em várias camadas sociais, elas na sua maioria eram das classes populares e, muitas delas, negras. Já as prostitutas ricas exerceriam a profissão por fetiche, ou para consumir objetos supérfluos; diferente da prostituta pobre que gastaria seu dinheiro com produtos de necessidades básicas.

5.3- Retomando as formas de nomear raça

O grupo apresentou uma diversidade de nomeações referentes ao negro, e, em momentos pontuais, à mulher negra, quando se referiam especificamente à raça e à sexualidade. Os termos em geral, segundo as participantes, influenciam na auto-estima das pessoas, pois a maioria deles são de conteúdos pejorativos, e conhecidos desde a infância.

Em relação às experiências no período escolar, as participantes explicitaram os termos que ouviam e como isso as incomodavam. Afirmavam que os xingamentos poderiam até influenciar a vivência sexual da pessoa, pois poderiam contribuir para não se acharem bonitas e atraentes o suficiente para se relacionarem intimamente com alguém.

Kobina - A gente sabe que desde a escola a gente começa a ouvir (...) ah, aquela neguinha! (...) se querem realmente agredir, aí chama **neguinha, sarará, aquela de cabelo ruim, de tição, e aí vêm aquelas coisas de cabelo de bombril, essas coisas que...**(...) quando chega a vida sexual ativa acho que tudo isso reflete, acho que algumas conseguem lidar com isso, como foi isso a vida toda, e não tá nem aí e leva a vida adiante; outras não conseguem lidar com isso(...).

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L112/L120}

Ainda na perspectiva das palavras ouvidas na infância, elas abordaram, também, histórias infantis que reforçavam a idéia da branca como a princesa, linda e boa e a negra apenas como a “escrava” e má.

Kofi - e todos os contos de fadas você não vê uma mulher negra, a não ser Pokahontas³³ que era uma índia, e não era negra.(...) as mulheres eram loiras, acho que vem um pouquinho daí. A gente, desde pequenina, a gente ouve historinhas que a mulher loira é uma questão, é linda, maravilhosa e a gente não vê a mulher negra, sempre a mulher negra é a escrava, é a que vai para cozinha.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L169/L175 }

Essas afirmações demonstram a dificuldade das crianças negras se verem em personagens de contos infantis, e associam termos como “escravo” à pessoa negra, podendo naturalizar que todo negro tenha sido escravo.

Ainda assim, os xingamentos ouvidos na infância, para algumas crianças e suas respectivas famílias, foi motivo para encontrarem estratégias para que os outros não falassem mal delas e passassem a vê-las com maior respeito. Dentre as estratégias partilhadas pelo grupo, as que mais se repetiram estão relacionadas a se destacar nos espaços em que transitavam, de andarem sempre muito *bem arrumadas* e manterem os cabelos presos.

Akosia - (...) tem que ter algo a mais pra se destacar (...) a escola que as meninas, as brancas se veste como quer e tudo, e você tem que ter algo a mais para, quando passar, eles ficarem olhando pra você. Porque se não, é só a **neguinha feinha, só o tição** e assim vai. Então me lembrou muito isso, e a família, até a própria família coloca essa pressão <<**arruma tua filha!**>> .

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L305/L311}

Essas estratégias, muitas vezes, vêm seguidas de normas rígidas para serem cumpridas, sem “dar espaço” para os outros falarem. Pois, se negra fosse sinônimo de algo

³³ Pokarontas é um personagem de um filme infanto-juvenil produzido pela Disney. Esse filme foi baseado na história de uma índia que viveu na região da Virgínia nos EUA no século XVI. Diante das várias histórias que contam sobre ela, uma delas é que ela se casou com um inglês e tornou-se muito conhecida no final de sua vida.

ruim e associado a comportamentos que não fossem “dignos de respeito”, a pessoa estaria fadada ao desrespeito e ao desprezo.

Yaa - (...) Até lembrei uma frase que mamãe falava muito <<**Olha minha filha, além de negra, pobre e oferecida, ninguém vai te querer, ninguém vai te valorizar**>> Ela sempre falava isso, a gente que é pobre e negra, a gente tem que ser comportada; a gente tem que se dar valor. Ela sempre falava isso. Então, sempre foi colocado isso e eu sempre lembrava disto, sabe, e eu sempre lembro disso.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L479/L489}

A idéia da importância do bom comportamento era reafirmada pelos familiares e essa noção girava em torno da necessidade de não confirmar o que já circulava nas brincadeiras e em conversas no cotidiano. Então, a preocupação com a aparência era mais uma questão de necessidade do que de vaidade.

Akosia (...) E daí, às vezes, assim, da questão de se comportar, de se arrumar começa às vezes até de pequenininho. **Gente do céu**, a pressão, a pressão da mamãe tá arrumando o meu cabelo, sabe? **Pegava o cabelo e arrumava e fazia tranças, e fazia xuxinha**. Porque sabe, eu não podia ficar com meu cabelo fuá não, eu tinha que ficar com meu cabelo arrumado, tinha que tá com meu cabelo arrumado, tinha que tá arrumadinha, tinha que tá tomada banho. Não podia ficar brincando na rua toda suja <<**menina vem pra dentro de casa, já é negra e ainda vai ficar aí nesse sol fedendo, toda desarrumada, toda suja, vem pra dentro de casa se arrumá! Por isso que o povo fica falando de nego!**>>

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L501/L525 }

No decorrer do debate, houve colocações a respeito de como os homens falam com a mulher negra para “dar uma cantada” ou para fazer um elogio. A tendência, segundo a experiência das jovens, é não utilizar o termo “negro” nesses momentos, mas sim “mulata” ou “morena”.

Akosia - E a questão também, é um discurso que eles falam muito, assim: <<ei morena, ei moreninha, aquela morena!>> Até mesmo na imprensa, as pessoas já se acostumaram que se chamar você “aquela negra” vai estar te ofendendo; é melhor amenizar chamando de morena ou então de moreninha.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L93/L95}

Consideraram que os meios de comunicação naturalizam os termos que substituem o termo “negro/a”, para não chamar as pessoas como tal; muda-os para “morena”, por exemplo. No entanto, esses veículos de comunicação não amenizam os sentidos ou metáforas que podem ser pejorativos à imagem das pessoas negras. Diante dessa reflexão, uma das participantes disse:

Yaa - (...) **Por que a cor do pecado tem que ser negra, fica a questão por que tem que ser a mulher negra?**

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L131/L133}

Ao mesmo tempo em que as participantes faziam referências às nomeações utilizadas, havia certa preocupação em utilizar somente o que parecia ser *politicamente correto* para o grupo, e dar ênfase quando, entre elas mesmas, utilizava-se o termo “negro/a” de maneira depreciativa. Portanto, este termo, para elas, parecia ser sinônimo de afirmação e, por isso, deveriam até se policiar para garantir tal modo de se afirmar.

Afua (...) **E tinha uma morena muito bonita, nossa, a menina era linda, morena não, ela é negra mesmo, mas linda, sabe?** Todo mundo que via ficava encantada com a menina. A gente trabalhava numa lanchonete e ele foi, o primo dela foi com ela na lanchonete. Ela falou <<nossa, essa menina, tá se achando, acha que meu primo vai querer ficar com **uma neguinha** desta>> Ela falou tanta coisa que fui lá embaixo sabe, na hora que ela começou falar . <<ele só quer se divertir com ela>>.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L137/L144}

Nos depoimentos das jovens, a subjugação da mulher negra apareceu quase sempre associada ao sexo como um trunfo, mas também como algo fugaz, associado à servidão até em relação à família dos próprios namorados. Às vezes, eles tinham dificuldade de chamá-las de “negra”, e quando os parentes do namorado o faziam, o tom das conversas era voltado à associação imediata da raça ao sexo.

Esi (...) até hoje a família dele tem essa dificuldade de me chamar de negra, né? E os tios dele <<Nossa! O seu namorado tá certo, ele escolheu foi uma **negona!**>> Mas no sentido (...) de levar...para essa parte da sexualidade, mesmo << Oh! O namorado dela é um cara inteligente>> Neste sentido (...) não...no sentido de valorizar como pessoa mesmo, uma pessoa como outra qualquer, mas esse foco de ser moreninha e de não assumir a pessoa como negra. A gente tá namorando, mas ela não é negra não, é moreninha. Negra é a...(?) não ela é moreninha.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L617/L623}

Afua (...) pessoas já chegaram e falaram assim, pra mim, né, que...Porque as mulheres negras (...) talvez eu não seja uma pessoa bela para olhar assim, mas que eu tenha uma beleza exótica que as outras não têm ((risos)).

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L135/L137}

Elas também se referiram a noções que são comumente associadas ao termo “negro”, seja usado por outras pessoas ou até mesmo pelo próprio negro. Tais nomeações reforçam os estereótipos. Por exemplo,

Akosia - **nega** ele só quer para **exploração**.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L502}

Akosia - a gente já tem toda aquele exigência porque é negro. Imagina a questão do suor, uma vez uma amiga minha que trouxe um marido do sul, ele tava em uma festa lá em casa e dançou comigo e falou pra ela depois << **nossa, eu pensei que negro fedida**>> (...) aí ela falou <<não, não fede não>> (...) A gente nunca pode às vezes ir só se sentindo bem, tem que ir pra ter aquele espelho de que você não fede, de que você é honesto.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L327/ L333}

Kobina - (...) Concordo com isso que a Yaa fala porque, gente, precisa mesmo se cuidar, a gente sempre ouve <<**aquela preta fedida**>> então a gente tem que preocupar com isso e o povo fala, <<**ah porque o suor de nego é mais fedido do que de branco, porque não sei que é pior do que o de branco**>>.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L256/L265}

Araba - Há eu penso que por ser negra as pessoas já têm essa impressão de que você não presta.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L582}

Nas afirmações das participantes, é comum que as pessoas associem o negro à exploração ou a um odor que *naturalmente* é mal cheiroso. Ambas as noções são tidas como “coisa de negro”. Para livrarem-se dessa impressão dos/nos seus corpos é importante não dar motivos para os outros reafirmarem o que já é tido como *natural*.

As associações da pessoa negra com idéias pejorativas tornaram-se, em alguns casos, justificativas para explicar as desigualdades entre negros e brancos, de modo que o fato histórico, como a escravidão, acabou sendo visto de maneira isolada dos acontecimentos seguintes. Torna-se a justificativa para a maioria dos entraves na vida dos negros no Brasil, como se não houvesse também a estruturação de uma ideologia racista que não se iniciou com a escravidão e não se encerrou com ela.

Ajo - (...) aí a gente vê o número dos presos, fugindo um pouco do tema, a maioria é negro, por quê? Por causa da...creio, né...**por ser descendente de escravos, a pobreza**, no caso veio acompanhando, tem muito negro rico, mas também a maioria são pobres mesmo, tudo isso influencia .

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L473/L476}

Então, se negro pode ser sinônimo de exploração, fedido, feio, descendente de escravos e, logo, pobre, quem vai querer ter algum tipo de semelhança com esse povo?

No grupo houve negociações sobre o uso do termo, mesmo havendo consenso sobre a importância de usar “negro” ou “negra”. A percepção que tive era de que, quando as jovens iam abordar um assunto que para elas era delicado, evitavam usar a palavra “negra” ou “negro”. Nessas ocasiões, alguém do grupo se manifestava falando para prestarem atenção no que estavam falando, como se fosse uma espécie de “puxão de orelha”. Um dos momentos em que essa situação aconteceu, foi quando Araba relatava uma situação em que sua prima, que mora nos Estados Unidos, foi maltratada por um norte-americano. Ao falar da prima, ela hesitou em chamá-la de “negra” e a chamou de “meio neguinha”.

Araba - (...) E ela é meio neguinha. Eu, no meu caso, eu não levaria um norte-americano pra mim, se bem que grande maioria deles ali é racista.

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L523/L526}

Kobina - Eu queria fazer um comentário, nem tanto da frase, mas da fala da Araba quando ela classifica a prima dela de meia neguinha. Enquanto negro a gente carrega esse estigma do que os outros fazem da gente, porque eu acho que não existe isso de “meio neguinha”, ou ela é negra ou ela não é negra. E aí é... às vezes a gente diz assim até brincando, mas a gente não percebe que é uma coisa que a gente reproduz, né? (...) eu penso que é a forma que a gente se assume; a forma que a gente se identifica, tanto que eu tenho primas que são mais escuras do que eu e dizem que não são negras e aí elas dizem <<sou negra não, sou morena>> sou morena, sou parda, sou qualquer coisa, menos negra(...)

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L532/L549}

Akosia - (...) sempre tive (...) minhas opiniões, sempre fui um pouco **ovelha negra da família**, porque assim

Kobina -

Oh!, oh! o racismo!

{Grupo focal, segundo encontro – jun/07 – L946/ L948}

Ao discutirem a intersecção de raça e classe, afirmavam que, quando a pessoa é negra e rica o preconceito não é tão forte; porém, quando havia uma discordância, afirmando que

mesmo sendo rico ainda é possível haver preconceito, as participantes apresentaram termos que, nesses casos, são utilizados para tolerar (mulata, morena) ou para ofender (neguinha metida). Na primeira situação, é como se as pessoas fossem obrigadas a tolerar uma pessoa negra em um lugar ao qual, aparentemente, ela não pertencesse, e para exercer essa tolerância não a chamariam de negra, pois esse termo seria agressivo; portanto, para amenizar a situação, seria feito o uso de termos tidos como mais suaves como “morena”, “mulata”. Na segunda situação, caso essa pessoa negra for uma ameaça por ocupar um lugar de poder, então ela seria alguém “exibida” que gosta de ostentar, então os termos utilizados seriam de maneira pejorativa.

Kobina - (...) eu acho que o ind...a porcentagem é pequena, mas eu acho que pode ter também, porque assim, hoje em dia, a gente percebe que a pessoa que tem dinheiro, a **questão da etnia não é tão...**

Kofi - **Não, discordo** totalmente, independentemente da pessoa ter dinheiro, se ela é negra, às vezes já tem o preconceito, a gente pode ver na sociedade, quando a pessoa é negra e tem dinheiro ela pode andar de Honda Civic(...) Mas as pessoas ainda têm um certo preconceito. Por mais que esteja andando de carro(...), quando é negro pode andar de terno e gravata aí vão pensar que é o motorista ((risos)) quando é um branco não, ele é o patrão e o negro é o motorista. Isso ainda existe, mas tá mudando, mas ainda continua o preconceito racial.

Akosia - = Eu acho que fica um preconceito camuflado, porque se eu tenho dinheiro, posso até ter preconceito contra você que é negro, mas a primeira coisa que eu não vou te chamar é de negro. **Vou te chamar de mulata, vou te chamar de morena, crioula (...)** pode ficar tranqüila. Se você tem dinheiro, pode ter certeza. Eu posso ter maior preconceito com você, chegar na minha casa ou na minha rodinha ali e metê o pau, metê a lenha, mas na tua frente eu vou te engolir, com certeza, vou te tratar super bem, acho que no caso se coloca assim, da aceitação, pode até ser que seja de uma aceitação camuflada(...).

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L420/ L444}

Yaa - Quando fala assim, que o rico quando tem dinheiro ele é visto de uma outra forma, não, mas isso leva em conta isso também, quando tem uma pessoa, uma negra mais rica que tá lá em cima, tudo, mas a pessoa olha e fala << **Uh, nega metida!**>> Né? A pessoa às vezes nem é, mas, mas rotula, né. E é a mesma coisa da mulher negra pobre, se ela não se comporta da forma formal que as pessoas querem, tem que ser certinha, tem que andar na linha e tudo, aí já é rotulada também de uma maneira negativa.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L485/L489 }

Diante de expressões que poderiam influenciar a auto-estima das pessoas negras, as jovens trouxeram também sugestões de como lidar com as nomeações que estão impressas nos corpos negros. Assim, se no início as argumentações tendiam a responsabilizar o negro pela própria marginalização e dificuldades de enxergarem saídas frente aos obstáculos, no terceiro encontro as participantes falaram de estratégias de resistência:

Kobina - (...)...E mudar esse discurso, que é um discurso que vem aí a mais de 500 anos, é um negócio que é desafiador. É bem...mas eu fico bem feliz quando eu ouço as meninas que são mais novas dizer um pouco da resistência que tem em relação a isso e ver como introjeta isso na cabeça da minha sobrinha de seis anos que é negra, que não gosta do cabelo e que queria ter o nariz diferente. E como é que a gente introjeta isso? Não, tem que ter orgulho porque é mulher, tem que ter orgulho porque é negra(...) e como a gente começa a trabalhar na base mesmo e tentar transgredir uma cultura que tá sendo arrastada.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L776/L810}

Akosia - (...) eu não aceitava que ninguém ficasse querendo me humilhar, falasse para mim que... teve uma vez que uma pegou e falou assim para mim << ô, me empreste aí sua atividade, neguinha >> Eu falei, primeiro que eu não vou te emprestar nada, porque tu tá vendo aí, faz tu só, e segundo que eu não sou neguinha não, tu não sabe como é que é meu nome? ...sabe, eu sempre fui assim, bastante...batia boca com o professor que às vezes... gente, o preconceito, eles estão lá para desconstruir isso, mas às vezes eles constroem mesmo, eles são assim(...) <<nossa, tem neguinho aí que não estuda e não sei o que que tem mais lá>> (...) Então, quando a Kobina fala que realmente os negros são culpados pela desvalorização ...a gente já traz toda uma carga e ainda vai andar de cabecinha baixa aceitando que as pessoas se achem melhor do que a gente, por quê? Só pela minha etnia? Então, nesta questão da sexualidade da mulher negra acho que a escolaridade conta muito sim; eu acho que abre bastante horizonte porque é começando a conscientizar essas crianças, as crianças nesse sentido porque na escola (...)às vezes a gente se deixa oprimir por essa crueldade; já vai crescendo reprimida. Então(...) esse negro é um analfabeto funcional, teve uma educação completamente alienada (...).

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L612/ L743}

Yaa (...) Mas eu vejo assim, com os meus sobrinhos já é bem diferente. Quando ela fala da sobrinha dela que não aceita o cabelo (...) a minha sobrinha, eu lembrava assim, ela tem o cabelo bem enroladinho, igual ao meu, mas quando ela solta o cabelo fica bem fuazinho, sabe? E ela gosta do cabelo bem fuazinho <<tia, eu quero assim, bem alto, bem alto mesmo, desse jeito>> e ela tem quatro anos. E eu ficava falando assim: nossa, por que nós somos o espelho, acho que vai muito do convívio mesmo. Como ela vê que eu solto meu cabelo, ponho faixa e tudo, ela acha muito bonito e gosta. Apesar de que nem sempre foi assim. (...) é negra, é bonito ser negra, não sei o que, eu tirava pela própria sobrinha da minha amiga que morava com a gente, um dia ela (...) estava se pintando assim, passando creme porque queria ser branca. (...) Aí quando chega na maioridade, que a mulher começa a se assumir como mulher (...), isso acarreta muitas coisas, por isso que a mulher como negra, eu me lembrava da fala de ontem que pra se mostrar, pra ser valorizada, pra ter meu corpo bonito, eu vou mostrar, vou usar aquele decote, vou mostrar que meu corpo é bonito(...).

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L811/L835}

Identifiquei nas conversas a preocupação de que outras crianças não passassem pelas mesmas situações pelas quais elas passaram, e sabiam de outras pessoas que viveram situações parecidas. Essa preocupação foi explicitada quando falavam da importância da

escola para ressignificar tais preconceitos e a importância que elas mesmas sejam referência para outras crianças. No entanto, ainda pareceu desafiador a forma de lidar com o cabelo, pois pareciam considerar que o cabelo só estaria “arrumado” se escovado ou amarrado. E caso estivesse solto, com muito volume, ele estaria “fuá” como sinônimo de “bagunçado”.

O debate entre as jovens participantes do grupo trouxe diversas contribuições para o tema desta pesquisa. Na primeira parte, referente à imagem da mulher negra como “a gostosa”, elas falaram da visão do outro (mídia, homem estrangeiro), e em seguida se colocaram dando exemplos pessoais e de outras mulheres, como pessoas que querem também ser desejadas. O que parecia inicialmente ser ambíguo, em seguida começou a tornar-se mais claro na medida em que foi possível identificar que, para elas, era importante, sim, serem vistas e reconhecidas como sensuais e “gostasas”, mas não somente como mulheres para o sexo, diferente do que a mídia, segundo elas, propõe.

Em relação à prostituição, essa foi considerada como uma das conseqüências da imagem da mulher negra na sociedade brasileira, e das dificuldades financeiras que a maioria delas enfrentam. A discussão sobre esse assunto permitiu falar da prostituição a partir de vários ângulos, e até questionar valores atribuídos às prostitutas ricas e as pobres. Com isso, emergiram questões relativas ao cotidiano de uma prostituta, o que ela faz e o grau de negociação que pode haver entre ela e seu cliente. Essas idéias, intensamente discutidas, deram a entender que a posição predominante da prostituta seria de sujeição, mas, ao mesmo tempo, consideraram que a prostituição seria um meio de conseguir coisas materiais que, talvez em outras profissões, tivessem maior dificuldade em conseguir.

Questiono se essas impressões acerca das profissionais do sexo partam de um lugar em que o sexo e dinheiro são temas que estão distantes da governabilidade de uma mulher; pois, remeter à discussão acerca das profissionais do sexo pode ser o mesmo que considerar o cruzamento de sexo e dinheiro. Isso remeteu à idéia de que a mulher que faz sexo por dinheiro não o faz de maneira autônoma, isto é, excluindo as possibilidades de negociação com o parceiro.

Os temas trabalhados neste capítulo – mulher negra como “a gostosa” e prostituição – estiveram vinculados ao debate racial, sobretudo quando se falava sobre as nomeações de raça. As participantes falaram como essas poderiam afetar a auto-estima e, embora algumas não viam saída para desconstruir o imaginário impresso nos corpos negros, outras retorquiram, apontando possibilidades de ressignificar essas questões que há algum tempo atrás pareciam verdades absolutas.

Capítulo 6 - Mulher negra e sexualidade: uma questão de raça ou de gênero?

Neste capítulo, abordo os temas relativos à sexualidade, sexo antes do casamento, casamento e relações amorosas inter-raciais. Esses temas estiveram presentes de maneira variada em todos os encontros, tanto nos depoimentos sobre as vivências pessoais como nas críticas em relação à forma como são abordados pela família e igreja. Essas instituições foram invocadas, na maioria das vezes, como espaços que normatizam as práticas sexuais.

O tema das relações amorosas inter-raciais pareceu estar presente na vida das participantes, seja a partir do questionamento de outras pessoas, seja no interior das próprias relações inter-raciais. Nessas relações íntimas, havia a tendência dos namorados disfarçar a *negritude* das namoradas por meio de outras nomeações que se diferenciavam do termo “negra”. As jovens apontaram outros tipos de relações inter-raciais, nas quais homens brancos teriam maior interesse em casar-se com mulheres brancas, mas ter experiência de sexo casual com as negras. Nesses casos, as participantes, em alguns momentos, *culpavam* a própria mulher negra de deixar que essa situação acontecesse. Esse ponto de vista foi questionado pelo grupo, ao identificarem que, na tomada de decisão de uma pessoa, há um processo histórico e social que não pode ser deixado de lado.

6.1 – Sobre as vivências relacionadas à sexualidade

O objetivo deste item é discutir os vários momentos em que as jovens falavam de suas experiências pessoais relativas à sexualidade, ou das várias maneiras e/ou conseqüências de viver a sexualidade sem necessariamente estarem falando de si mesmas. Portanto, em vários momentos usaram como depoimentos situações vividas por elas ou por outras mulheres próximas. Todos os relatos foram sobre mulheres que teriam vivido somente experiências heterossexuais; em nenhum momento foi abordada a possibilidade de uma relação que fugisse dessa norma.

Diante disso, sugeri, por meio de frases *provocativas*, a discussão sobre homossexualidade. O grupo abordou o assunto como algo muito distante das suas vivências pessoais e, ao ilustrar exemplos relacionados ao tema, repetidamente falam da homossexualidade masculina, embora a *provocação* tenha sido feita utilizando como exemplo

a homossexualidade feminina. Quando falei para o grupo, reforçando que a questão que foi levantada enfatizava a homossexualidade feminina e não masculina, alguns comentários foram feitos e houve o esvaziamento do assunto.

Pesquisadora -Deixa eu fazer uma provocação: você falou uma coisa...você disse que amigos seus homossexuais dizem que desde criança se sentem como se fossem mulher. Aí então eu faço uma pergunta pro grupo: então, se alguma mulher, porque estamos falando de mulher, se interessa por outra mulher, será que é porque ela se sente como homem? A pergunta é para todo mundo ((várias falas ao mesmo tempo))

Akosia – Ah, depende do que ela sente, sei lá... ela já sente uma atração, não sei...dei o exemplo do meu amigo que dizia que com 6 anos sentia atração pelos primos, com 9 teve a primeira relação e com 13 saiu de casa porque viu que não tinha aceitação e saiu. E era aquela orientação, ele se sentia realmente uma mulher e sentia atração por homens, então eu não sei, eu fico meio confusa com isso.

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 –L83/L91}

L122-L127- Yaa - Tem uma frase aqui que fala que a mulher negra sente desejo sexual só por homem. Acho que vai a mesma coisa com a outra frase ali. (...) que a mulher negra sente desejo por outra mulher por não ter, por não ser aceita pelos homens, né. Eu acho que isso aqui não tem nada a ver, porque não é verdade. E aí entra mais uma questão de que se eu gosto de uma mulher eu sinto desejo por uma mulher, e se eu gosto de homem, eu sinto desejo por um homem. Acho que vai muito da... do rumo que eu quero, que eu vou prosseguir, da orientação, mas sentir desejo só por homem...

{Grupo focal, terceiro encontro – jun/07 –L122/L127}

Para falar de suas experiências, elas freqüentemente referiam-se à família e à Igreja. Essas instituições apresentavam-se como espaços que têm a tendência de tolher as vivências relativas à sexualidade mais do que de respeitar as decisões individuais das mulheres. Assim, o fato de uma mulher freqüentar a igreja e/ou ser próxima à sua família faria com que ela obrigatoriamente tivesse um determinado tipo de comportamento sexual, dificilmente passível de comportar a idéia de que ela poderia sentir desejo.

Portanto, segundo as jovens, é esperado que elas sejam recatadas e tímidas em relação ao sexo. Caso isso não ocorra, os homens com os quais elas se relacionam demonstram-se surpresos alegando que tal performance sexual não seria adequada para quem é atuante na Igreja.

Yaa - Quantas vezes eu já... já fiquei assim com namorado e que << **Nossa!! Nunca pensei! Nossa!!**>> Não sei que, não sei que...((risos)) menina que vai pra igreja, menina que isso, menina que aquilo (...) Aí eu falo: menina que vai pra igreja, mas menina que gosta da coisa também, que gosta de fazer direito também, que gosta de sentir prazer (...) ((risos)) Aí às vezes dá vontade de não ser, né, religiosa((risos))

{Grupo Focal, segundo encontro – Jun/07- L742/754}

Nessa discussão houve reflexões que, ora se referiam às mulheres negras na terceira pessoa, se voltavam pra si buscando resolver a ambivalência de serem “da igreja” e gostarem de sexo. Nesse contexto, aconteceram momentos de partilha em relação às vivências sexuais relacionadas à experiência de convento, no qual havia omissão de conversas sobre sexo a quem ainda não tinha vivido ainda a primeira relação sexual com homens; a quem era casada e vivia situação de negociação constante em relação ao sexo; a quem tinha relações sexuais sem namorado fixo e a quem namorava a mesma pessoa há mais de dois anos.

Akosia - Acho que não só para mulher negra , mas as mulheres não foram criadas para fazer sexo , foram criadas para satisfazer o homem, não importa de tá com vontade ou não, se o marido quer ou se o namorado quer, independente da vontade tem que fazer, aí sobrepõe a vontade do homem à vontade da mulher, ela não precisa gostar nem tá com vontade, tem que fazer, não é igual a Ajo que tava falando ontem que quando não tá com vontade não faz, mesmo que o marido dela queira.

{Grupo focal, terceiro grupo – Jun/07- L32/L37}

Ao comentarem sobre namorados, algumas participantes relataram que, por ter uma determinada idade e ainda não terem namorado e nem ter tido a primeira relação sexual, recebem críticas das amigas. Diziam que têm outras prioridades que são colocadas à frente do namoro.

Em relação à experiência de quem viveu no convento, emitiram opiniões sobre os comentários que ouviam no sentido de que as freiras dariam remédios para conter os desejos sexuais, e lembraram de alimentos que poderiam reduzir a vontade de fazer sexo. Algumas jovens participantes do grupo se manifestaram afirmando que as pessoas que decidissem ser freiras não deveriam pensar em sexo.

Araba - (...) como já morei (...) em convento, algumas das irmãs e até uma mulher que morava lá que tinha ficado no convento e depois tinha saído, elas falavam que << as irmãs colocavam remédio na comida pra gente não sentir vontade de nada >> (...) Pode até ser porque eu lembro que quando eu ficava lá tinha um rapaz que era seminarista, acho que era na época(...), a gente assim andando abraçados, mas era como se não estivesse abraçado ninguém(...) como se não fosse um homem me abraçando, era uma pessoa qualquer (...) Na hora que eu peguei e pensei , que remédio será que devo tá usando ?

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L536/L545}

Yao -Eu vejo assim, (...) vamos pegar pelo lado da religião, no caso ela escolhe ser freira (...) não ponho muita fé nesse negocio de remédio em comida não, eu vejo mais pelo lado da fé da pessoa porque se realmente ela escolheu aquele local, ou seja: a Deus. Escolheu prestar a Deus e não (...) casar e galgar, ter relações. Eu vejo que aí já vai da pessoa, acho que ela não deve ter aquele exagero de

querer... Talvez deve ter assim aquela curiosidade de saber como é que é, mas deve passar (...) pra ser religiosa não pode sentir muita vontade de sexo. Pode até sentir, mas tem que se controlar.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L563/L573}

Kobina - (...) não tem como eu não voltar um pouco daquilo que a Araba falou rapidinho, porque eu também morei em uma comunidade religiosa algum tempo e lá não acontecia isso de colocar remédio. Mas assim, a gente não entendia, a gente brincava, até porque todos os dias tinha alface em todas as refeições, e vocês sabem que alface brocha né? ((risos todas))

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L583/L587 }

Era nítida a influência dos princípios das igrejas cristãs nas experiências e nas concepções de mundo das participantes: uma das jovens disse ser protestante; as demais pareciam ser participantes e/ou simpatizantes da Igreja Católica. Elas relataram a existência de uma corrente da Igreja Católica mais conservadora que explicitamente não estaria aberta a discussões relativas à sexualidade e gênero. Já a outra corrente, considerada *libertária*, da qual a maioria das participantes pareciam ser adeptas, também tinha algumas restrições no que diz respeito à sexualidade por ainda esperarem que os dirigentes da Igreja dissessem o que pode ou não pode fazer quando o assunto é sexo.

Quanto às proibições da Igreja sobre o que pode e o que não pode, perguntei como seria fora da Igreja. Na discussão que seguiu minha pergunta, foi usado o termo *libertinagem* e, quando solicitei que explicassem o que queriam dizer com isso, responderam que era quando todo mundo *ficava*³⁴ com todo mundo, sem precaução, e a consequência seria a gravidez e da gravidez viria o aborto. Algumas jovens de imediato posicionaram-se contra o aborto ou a mulheres que abortam, e outras se posicionaram afirmando que a mulher deveria ter o direito de decidir. No entanto, foi estabelecida uma relação direta entre vivência ativa da sexualidade e o aborto, como se o último fosse resultante da primeira.

No final do segundo grupo, ao perguntar para as jovens se havia mais algum complemento a ser feito relacionado com o tema namoro ou acerca de pessoas que *ficam* com várias pessoas na noite, Araba falou sobre os riscos que se corre quando não há prevenção. Falou também, com irritação, sobre a sua revolta em relação às mulheres que fazem aborto.

Araba- Ah! Também tem a questão das doenças. Pode ficar, mas preserva também, né! O único jeito (...) é prevenir alguma doença, alguma gravidez, aí depois a

³⁴ O termo “ficar” é usado para nomear namoros rápidos e sem compromisso, podendo ser com ou sem relação sexual.

mulher vai querer fazer o tal do aborto, que eu sou contra. Eu sou contra o aborto; dá vontade de pegar essas mulheres que abortam e dá um cassete daqueles ((faz gesto batendo a mão fechada em punho na outra mão))

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L894/ L897 }

Porém, algumas participantes se manifestaram a favor do direito à decisão da mulher de abortar ou não. Mesmo assim, relataram que essa postura não poderia ser assumida numa ótica cristã, pois não seria possível considerar a mulher autônoma para tomar a decisão de abortar. Além disso, o que pesaria, também para a aceitação do aborto seria o fato de que, se a mulher tiver um filho sem querer, irá aumentar o número de crianças abandonadas e sem cuidados maternos.

Kobina -(...) e aí eu ficava pensando assim, se falo ou não falo. Quando a Araba fala sobre a questão do aborto, né, que queria pegar as mulheres e ((bate uma mão na outra)) bater e tal e aí eu fico pensando assim, é também uma construção uma posição machista no sentido de que a gente precisa se prevenir e ter todo cuidado, mas, em contrapartida, a gente não é obrigada a colocar uma pessoa no mundo pra não cuidar(...) eu digo porque **eu Kobina não faria** (...) porque enquanto pessoa, eu acho que precisa ser legalizado, porque eu acho que a pessoa tem que ter a opção de... de decidir(...) Não penso na questão do aborto como... com o pensamento de uma pessoa cristã (...) tem que ser racional (...) Às vezes até parece contraditório quando eu falo que deveria ser legalizado, mas que, em contrapartida eu não faria, até porque eu sou louca pra ter um filho, e me perguntar se já chegou a hora, mas a gente precisa respeitar também...

Akosia - o direito

Kobina - o direito da pessoa decidir ou optar, porque de repente pra criança vai ser pior ainda, vir ao mundo pra ser espancada, pra ser violentada, pra ser torturada, pra ser abandonada.

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L1012/L1043}

Ao ser mencionado o tema do aborto, houve uma inquietação no grupo; algumas pessoas se posicionaram, no entanto não estimei a discussão por considerar que o tema diz respeito à reprodução e não à sexualidade. Mas, diante do percurso que o grupo seguiu, pareceu-me que, para as participantes, o aborto comporia a esfera dos direitos sexuais, isto é, como se não houvesse uma diferenciação entre a vivência da sexualidade e a reprodução. Compreendo que abordar esse tema poderia correr o risco de tratar o sexo como se fosse algo para ser vivenciado apenas em função da reprodução. Considerei imprudente propor maiores aprofundamentos para identificar qual seria, de fato, a posição do grupo, para não correr o risco de sair do foco principal da pesquisa.

Por mais que houvesse posicionamentos a favor da decisão da mulher de abortar ou não, as justificativas se voltaram para a preocupação com as crianças que ficariam abandonadas, mais do que com o direito da mulher decidir o que fazer com seu corpo. Esses argumentos são frágeis, visto que o aborto é uma questão de Saúde Pública e de Direitos Humanos das mulheres. Nessa mesma direção, faço minhas as palavras da teóloga Yuri Puello Orozco:

Temos que reconhecer a autoridade moral e a capacidade ética das mulheres para tomar decisões sobre todos os campos da sua vida, inclusive no caso de um aborto. Então, nesse caso, resgatamos o uso da consciência e o respeito à capacidade moral das mulheres, que são dois recursos que encontramos no próprio magistério da Igreja, a fim de dialogar e discutir sobre esses assuntos (OROZCO, 2005 p.78).

No entanto, é compreensível que as mulheres, em geral, ainda se punam e queiram punir outras mulheres por sentir desejo, viver ativamente sua sexualidade, por não querer ter filhos e por outras ações voltadas para a busca de autonomia e o exercício livre da sexualidade. De acordo com Orozco (2005), deve-se partir de uma análise segundo a qual na origem cultural latino-americana há uma enorme influência da Igreja Católica, ou dos valores católicos. Há uma interferência desse valores na vida e no comportamento das mulheres, especialmente no que diz respeito à sexualidade e reprodução.

6.2 - Virgindade e sexo seguro: a sexualidade antes do casamento

O sexo antes do casamento, aparentemente um assunto do passado, esteve bastante presente nos diálogos das participantes. Os posicionamentos das jovens, na sua maioria, foram no sentido de discordar da necessidade de relacionar-se sexualmente só após o casamento; entretanto, foi comum a preocupação de que a primeira relação sexual não fosse com *qualquer pessoa*. Trouxeram em suas falas a voz da instituição Igreja Católica que, nas suas alas mais conservadoras, discorda que as mulheres (afirmaram não haver essa mesma exigência para os homens) mantenham relações sexuais antes do casamento, e que a própria Igreja pune sacerdotes que vêem essa prática como algo sem problemas.

Afuá - Lá no setor de onde eu vim, eles trocaram o padre (...) porque ele era assim bem liberal. Até teve uma das meninas lá de dentro mesmo, foi confessar antes de ter relação se ela devia ou não devia, depois ela mesmo contando. (...) o padre chegou pra ela e falou <<olha, já aconteceu uma vez da menina [dizer]: não, só depois do casamento (...) aí o cara casou com ela, aí teve (...) a noite de núpcias né, aí no outro dia, o noivo disse, agora junta suas coisas e vai pra sua casa.<<Não era

só depois do casamento? Não te quero mais. Não era só depois do casamento? Eu só queria isso>> Adiantou alguma coisa? Adiantou? Não.

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L840/L855}

Araba -Tá falando aqui da questão da religião até no início quando eu botei né, a questão da virgindade e sexo que pra Igreja se fala [que] tem que ser só depois do casamento. Mas por que só mulher tem que guardar? (...)É uma exigência da Igreja né, que falam, mas quem disse pra eles que só a mulher tem que se guardar para depois do casamento. É muito raro você conhecer um homem que, entre aspas, casa virgem. (...).

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L757/ L769 }

Apontaram que há divergências dentro da própria Igreja mas, mesmo assim, ainda são legitimados os pensamentos mais conservadores no que diz respeito às práticas sexuais.

Araba - A questão da virgindade, aqui no curso de afetividade, tem uma etapa que o Pe. Awe pega e fala, num existe pecado, você pode ir com quem você quiser, antes ou depois que não tem problema algum. Ele afirma isso, afirma isso com base nos estudos dele e tudo mais, aí cê vai dentro da Igreja e fica observando e é tudo ao contrário, não pode, não pode, não pode...

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L771/L776}

Akosia - (...) acabam ficando com essa cabecinha porque a Igreja, assim como a mídia consegue fazer uma lavagem cerebral nas pessoas. Então fico pensando assim, que tem que tomar muito cuidado com isso, a gente que tem, a gente católico e tudo, eu sou católica, mas não sou da Renovação Carismática, eu tenho amigos que são da Renovação Carismática e a gente sente a diferença. A gente sente que tá tentando evoluir como a Kobina tava falando, e tá voltando à macha ré, que a Igreja tá novamente colocando os tabus, colocando os dogmas colocando as barreiras, tá reprimindo novamente uma coisa que tá toda construída e que nós estamos tentando desconstruir (...) tá voltando de novo...Às vezes fico me perguntando por que que tá voltando isso de novo? O que que a igreja tá querendo com isso?

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L824/ L839}

Partindo da conversa sobre as normas estabelecidas na Igreja, o grupo partilhou suas experiências pessoais e suas opiniões. Assim, foram dados depoimentos sobre a pouca ou quase nenhuma experiência sexual de algumas jovens, e do que ouviam falar da idéia de ter ou não ter que casar virgem.

Araba - (...) Eu acho assim...que cada um tem seu momento, se ela quiser depois, vai da cabeça dela; se ela quiser antes ela vai, depende do momento que ela tem e da pessoa também, não é com qualquer um, né...

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L774/L776}

Para elas, é a família que orienta o que deve ou não deve fazer em relação ao sexo. No entanto, houve discordâncias a respeito de seguir os conselhos do núcleo familiar sem questionamentos. Nos relatos, foram feitos depoimentos sobre a importância de ter a primeira relação sexual antes do casamento, para não ter *surpresas desagradáveis*; elas consideraram como uma das *surpresas desagradáveis* o tamanho do pênis. Porém foi ressaltado que essa experiência deveria ser com uma *pessoa especial*.

Yao - (...) quem me criou praticamente foi minha vó, (...) Minha vó é assim mais antiga; assim, tem aquele pensamento << mulher deve perder a virgindade só depois que casar e casar de véu e grinalda >> Antes eu pensava que, nossa, eu quero casar de branco, véu e grinalda, virgem e pura, e aí depois veio minha tia e me falou uma coisa, que ela não concorda em mulher casar virgem, por causa que tem aqueles casos assim, que pelo homem ser... assim ((gesto com as duas mãos indicando como se fosse um pênis grande)) (...) e dói e aí ela não concorda por isso, e aí ela pegou e falou assim. Eu ainda não tive relação assim... com... ho... assim, eu não tive relação ((risos)) mas assim, eu não tenho mais vontade, assim, de casar virgem não, porque de repente eu acho... depois caso, depois não dá certo aí, ((risos)) e depois na lua de mel (?) não dá certo não((risos))

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L799/ L813}

Afua - (...) Eu também igual a Yao (...) fui criada dentro de casa, as mulheres totalmente assim, vamos supor, no caso da sexualidade né, só depois do casamento. Então eu tinha essa visão também, porque vou casar bonitinha, porque nós somos em quatro filhos, duas mulheres e a mais velha aprontou até, e eu sou a caçula, então eu tenho que fazer tudo bonitinha do jeito que meu pai e minha mãe quer... Mas por que que eu tenho? **E eu?** Como é que eu fico, eu vou fazer tudo que eles querem, e eu? Vou ficar aonde? Então assim, hoje estou com 27 anos, não tinha vergonha de falar, muita gente assim, já riu muito, rodinha do colégio e as meninas falavam << Ah... porque eu perdi minha virgindade não sei com quantos anos e isso e aquilo >> E eu falava, toda vida, eu sempre fui sincera e falava né, que eu era virgem; riam da minha cara, falavam que era mentira, aí depois eu comecei a mudar, assim. Agora também já não quero mais; não sei nem se vou casar, (...) Mas desde que apareça uma pessoa que realmente eu goste e assim, tem pouco tempo né, e eu conheci uma pessoa que realmente eu... não sei se vai ser, se vai sair casamento ou que que é, mas assim, é uma pessoa que eu realmente gosto, que eu confio, entendeu? E hoje em dia eu mudei totalmente, e não aconselho ninguém... igual mesmo ela falando, vai que você casa com alguém que não conhece e chega lá, na hora e não dá certo, e aí? ((risos))

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L845/ L861}

As falas sobre relacionamentos íntimos geraram debates acerca das várias possibilidades de prevenção, do mau uso do anticoncepcional, de ir para cama no primeiro encontro e sobre o que fariam ou não na cama.

Ajo - Eu acho que por isso mesmo que desvaloriza né, porque às vezes no primeiro encontro a mulher já vai, já vai pra cama com o rapaz e aí se acontecer qualquer coisa (...) hoje em dia é tão difícil você encontrar uma pessoa realmente, às vezes a pessoa é...bandido, veio lá de num sei de onde, vem pra cá, cê não conhece e tá se envolvendo. Porque as doenças estão tão espalhadas, então de primeira assim, eu acho muito sujo. Minha visão tá, primeiro eu vou conhecendo a pessoa realmente, conhecendo a família...agora, de cara assim, eu não dô conta não.

Yaa - Então, tu não concorda com sexo antes do casamento?

Ajo - Concordo. Assim, cada um...assim...vai...cada um...assim...no primeiro encontro, cê tá numa festa, conheceu um rapaz, cê já vai saber? Mas cada um tem seu ponto de vista (...) Agora eu já fico meio um pouco com pé atrás, no meu caso, acho que eu não teria coragem, prefiro conhecer mais, dialogar, ver realmente quem é...

Yaa -Mas, eu acho que mesmo não precisa ser no primeiro encontro. Não sei, num sei se existe isso, tem que ser no primeiro, ou tem que ser no segundo, ou no terceiro não sei, acho que vai de cada um mesmo. Mas ... independente disto, igual a eu ...eu namoro, mas, todas as vezes, gente, sem mentira nenhuma, e já fiquei sem namorar porque todas as vezes que eu to namorando eu peço o teste de HIV, eu peço mesmo. Porque eu faço. Eu faço e mostro e falo, vamos fazê? Assim de uma maneira, sabe, assim, que acho que independente de ser marido, namorado, todo mundo...Então assim...porque eu faço, e é assim, semestral ((risos))

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L777/ L798}

Abordaram, ainda, o assunto do desejo sexual masculino, dando a entender que esse seria incontrolável para o homem. Porém, foram apresentadas algumas divergências a esse respeito e questionaram: por que é tão difícil para as mulheres falarem dos seus próprios desejos? Afirmaram que, quando isso ocorre, há uma auto-punição, como se não fosse adequado.

Ajo - (...) o homem por ser homem ele quer virar do lado do avesso, né...igual eu falo, cada um tem seus direitos, cada um tem que impor seus limites, né...É meu ponto de vista.

Kobina - Essa questão de fantasias, que a Ajo, a Ajo citou um ponto interessante. Porque a gente costuma dizer ou ouvir muito que como se só o homem tivesse fantasia, como se só ele tivesse aquelas idéias mirabolantes ou quisesse posições diferentes e que a gente enquanto mulher também tem isso, e aí o que vem é a forma que a gente conduz ou não(...) mesmo numa relação de matrimônio a pessoa não tem a liberdade de dizer que gosta de coisa, de tal posição (...) mulher não pode, tem que ser submissa até na cama.

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L691/ L710}

Ajo - Questão de posição, essas coisas têm que ser uma coisa que...tem que ser uma que agrade os dois, eu não faço alguma coisa pra agradar só meu esposo, se eu me senti afetada ou desconfortável aí não dá, o que adianta eu só agradar ele e eu ficar...aí só vai... vai causar outros problemas, né. Então eu penso assim, eu tenho que...Deus me livre...se é algo para satisfazer ele, só agradar, não, ele é homem e eu tenho que só agradar, ele pode ser agradado de outra forma.

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L726/ L730}

Ajo - Acho que tem que ver o valor da mulher, né? Ela tem que se impor e o homem tem que respeitar se ela não tá afim, ele tem que respeitar. Ele não tem o direito de obrigar ela a fazer nada. Mas também tem a parte da mulher que ela tem que contribuir com o homem, porque não dá para ficar hoje eu não tô afim, hoje eu não quero, hoje eu tô com dor de cabeça, porque desse jeito ela acaba ganhando um chifre, é preciso. Homem é mais difícil de controlar ((risos)), então a gente tem que se impor o respeito que é para quando a gente falar hoje não tô afim, o homem não ficar grosseiro e acabar agredindo.

Akosia - Eu já penso que esse pensamento é machista, de que homem é incontrolável, homem é insaciável e que se a gente não dá ele vai trair. Porque as vezes mulher também tá com uma vontade incontrolável, insaciável também ((risos)) e ele tá lá vendo futebol, lá olhando futebol <<olha lá, olha a bola, vai entrar a bola>> Só que a gente tem a visão de que homem é insaciável; tem também o tabu de que homem te traiu porque foi necessidade, por conta do instinto(...) Eu também sou ser humano, eu também não tenho instinto? Eu também não tenho vontade e necessidade? Se homem pode ir atrás de outra para se satisfazer eu também não posso?

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L38/ L52}

Quando insisti em questionar se os homens teriam mais desejo sexual do que as mulheres, a resposta da maioria das jovens a princípio foi negativa. Todavia, foi colocado que o homem, durante toda sua vida, desde a infância, seria mais estimulado para o sexo do que a mulher. Portanto, ele teria mais tranquilidade em exercer sua sexualidade, ao passo que a mulher inibe-se mais e, ao identificar que também tem desejo, sente vergonha de expô-lo, já que os outros podem falar *mal* dela.

Araba - Acho que não, acho que é igual. O homem é... aflora mais, se ele tá com vontade, é visível. A mulher às vezes sente, sente alguma coisa mas não transparece. Às vezes vejo muito isso na questão de (...) toque, em homem cê tem que ir com cuidado que é perigoso ((risos)). Mas mulher sente prazer no toque do homem, ou sei lá, da opção sexual da pessoa, mas sente o prazer no toque ali, mas aquilo ali fica pra você, aquilo ali não transparece(...)

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L733/L738}

Yaa - Mas desejo, a mulher até sente, mas ela inibe, mesmo porque tem toda aquela questão da família que, né...<<olha você é mulher>>(...) Homem já pensa assim da mulher, dependendo do homem, que se a mulher se expõe demais ou se a mulher mostra demais que tá com desejo<< eu quero assim, eu quero assado>>, ele fala <<olha como ela é sem vergonha, olha como ela é safadinha>> Vai pensando, às vezes o homem nem vai falar isso, mas a mulher já tem todos os preconceitos né, dentro, e tem vergonha de falar sim.

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L742/ L747}

Akosia - (...) que mulher não pode isso, que mulher não pode aquilo, tá reprimindo porque a gente têm vontade, a gente têm desejo, mas desde criança, desde pequeno

<<menina, fecha essas pernas!>> enquanto os meninos não, pode andar livre...menina de saia, menino de short, menina não sobe no pé de pau enquanto menino tá lá jogando bola, fazendo isso, fazendo aquilo(...) ele se masturba e se uma mãe pega uma criança, uma menina se masturbando e oh! Coça na certa!(...)

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L824/ L839}

Ao enunciar que a mulher é coibida de manifestar desejos e atos que possam ser associados ao sexo, foi mencionado, em tom de crítica, que, mesmo havendo o estímulo para o homem ter relações com várias pessoas e a mulher não, os homens teriam menos responsabilidade para se prevenir.

Yao - O homem é o poderoso; pega todas e a mulher não, ela é sem vergonha, ela é galinha. Por que ela não pode ser garanhona também? A que pega todos, num sei o que, não, ela tem que ser a galinha.

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L889/ L 891 }

Yao - Também tem o lance da aids né...Iguais estão fazendo promoção de anticoncepcional porque as mulheres não tão querendo mais usar anticoncepcional, assim o homem não está querendo usar camisinha, tipo o casal, e tão querendo usar mais aquela pilula do dia seguinte, né, eu acho incrível (...) Minha tia mesmo, fala que o homem não pensa com a cabeça de cima não, ele pensa com a cabeça de baixo ((risos))...aí assim, o índice de aids vai aumentar, porque não tá usando camisinha, e também vai assim, querendo evitar gravidez com o caso da pilula do dia seguinte, acho que no caso as mulheres têm que pensar um pouco, né. Não ir pela cabeça deles, né...

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L898/L905}

Essas citações demonstram que há uma incompatibilidade de posturas: o homem seria mais estimulado a ter o sexo, e quem teria que ficar atenta para se prevenir ou se cuidar mais seria a mulher. Os homens, que desde cedo são encorajados para fazerem sexo, não são considerados co-responsáveis das possíveis conseqüências da sexualidade. Não é esperado que eles tenham cuidados com seus corpos ou com o corpo de suas parceiras, como na famosa frase, dita por uma das jovens, *ele pensa com a cabeça de baixo*³⁵. Portanto, elas precisam ficar mais atentas, com eles e com elas mesmas, como se fossem responsáveis pelo cuidado de ambos. No entanto, é válido concluir que, ao considerá-los como *irracionais* por *pensarem com a cabeça de baixo*, estariam isentando os homens de uma responsabilidade que deveria ser do casal.

³⁵ *Pensar com a cabeça de baixo* é uma expressão utilizada para insinuar que os homens se preocupam prioritariamente em saciar o desejo de seu órgão genital(pênis) – a cabeça de baixo seria a cabeça do pênis.

6. 3- As ambivalências em relação ao casamento

Este tema foi discutido em vários momentos dos dois grupos focais, tanto quando diziam algo referente à visão do outro como nos relatos das próprias experiências. As falas assumiram a forma de desabaços, manifestando a pressão que ainda sentem para casar-se. Quando se discutia esse tema, houve pouca menção do recorte racial que emergiu apenas nos momentos em que se enfatizava o ideal de esposa – tido como a mulher loira – e quando falavam de si.

As vozes invocadas no momento em que discutíamos esse tema foram as da família e Igreja, referindo-se à importância que tais instituições ainda dão à necessidade do casamento para as mulheres e, em decorrência, à virgindade e ao chamado “bom comportamento”. Mesmo algumas se mostrando contrárias a essa postura, não houve enfrentamentos diretos. As divergências, na maioria das falas, apareciam com o silêncio e a omissão, tanto delas como dos pais ou avós, para conversar sobre assuntos relativos à vivência da sexualidade. Relataram, porém, que se sentiam à vontade para conversarem com as tias mais novas.

Uma das negociações de sentidos verificadas nos encontros aconteceu quando as jovens discutiam a frase disparadora “casamento é o destino de toda mulher”. Em um determinado momento falaram da mudança de postura das mulheres no decorrer da História, que se refletia no acesso aos estudos e ao trabalho remunerado. Com isso, supostamente elas não se preocupavam tanto com o casamento. Essa versão foi contraposta aos exemplos de mulheres que moram na periferia e que ainda viam o casamento como seu único destino. Acrescentaram que, até hoje, as mães estimulam as filhas para estarem atentas à necessidade de encontrarem um companheiro. Diante desse contraponto, a posição foi amenizada no intuito de explicitar que houve uma mudança de postura das mulheres que antes não podiam sequer escolher seus próprios maridos.

Afua - O casamento é o destino de todas as mulheres? Antigamente era, né ((risos)) Há muito tempo; hoje em dia não, as mulheres, assim, elas querem mais, pensam sobre a vida, né. A maioria das mulheres procuram fazer uma faculdade, se formar e aí...depois tem umas que elas vão pensar em casamento e aí elas dizem <<nossa, a minha vida tá muito boa depois de formada, eu vou querer homem pra quê, pegando no meu pé>>((risos))

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L132/L136 }

Akosia - Eu acho que esta frase não é colocada muito lá atrás não. Eu fico pensando... eu que moro no bairro que é periferia de Goiânia, e participava de um grupo de jovens, onde quem não engravidou tá casada (...) Uma casa que tem quatro

[mulheres] e das quatro só uma até agora não casou, tudo nova: dezoito, dezessete, dezesseis. Num tinha outra perspectiva de vida, de aumentar a escolaridade, de aumentar a graduação, e sim, de... como é que se fala, só casá, casá. (...) **Então**, vão querer mesmo é constituir uma família, acha que o casamento é uma perspectiva de vida. Acho que ainda é muito marcante sim, é muito presente sim, até dentro das casas a gente ouve<<menina, toma um jeito nesta sua vida, **arruma um homem!**>> às vezes as mães falam assim.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L138/L147}

Afua - Mas o que eu coloquei aqui, assim, lógico que cê tá falando... lógico, antigamente era mais... as mulheres... as mulheres nasciam já pra casar, pra ter filho

(?) [nem escolhia o marido]

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L162/ L164}

No decorrer do diálogo, novos pontos de vista foram trazidos para a discussão. Deram, também, exemplos de pessoas que haviam casado e depois se arrependeram, mas, mesmo assim, se sentiam presas no matrimônio por não verem condições de se sustentar financeiramente sozinhas e muito menos os filhos resultantes da união. Nesses casos, a solução era suportar a relação infeliz.

Afua - (...) as mulheres tão lutando assim, com mais, como se diz, com mais liberdade né. Hoje mesmo eu conheço gente que casou e se arrependeu de não ter estudado e hoje em dia não pode estudar porque a casa tá cheia de filhos. Aí o marido trabalha e aí reclama porque não tem um creme para passar na pele, não tem um creme para passar...porque o salário do marido não, não dá, né...e se arrependeu de não terem estudado, entendeu? Por isso, eu tenho primas mesmo, lá na Bahia, lá, que ela chora hoje, mas não tem coragem. Que o marido apronta, é isso e aquilo, mas não tem coragem de largar o marido, porque se largar ela vai sustentar o filho com quê; ela não sabe fazer nada, ela mal sabe assinar o nome, e já tá saindo gente de lá pra cá, que até uma colega nossa que faz o cursinho aqui e que as irmãs todas já casaram, ela <<eu não quero isso pra minha vida agora, eu quero estudar, ter uma formação e depois que eu penso se eu vou querer realmente casar>> Então foi nesse ponto que eu coloquei.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L165/L175}

Quanto à necessidade de casar na perspectiva das classes sociais, várias jovens consideravam que, para as mulheres pobres, o casamento seria compulsório em maior grau do que para as mulheres ricas. Para as mulheres ricas, por terem condições de ir em busca de formação, o enlace matrimonial não seria tão necessário. Para o grupo, as ricas que não casam seriam elogiadas como mulheres independentes e batalhadoras; já as mulheres pobres seriam vistas como solteironas ou “sapatões”, atributos considerados pejorativos.

Yaa - Se for colocar no ponto de vista da Akosia seria assim, o casamento é destino de todas as mulheres pobres, né gente? Porque se for olhar para esse lado é

realmente isso. Porque quem mora na periferia, quem tem uma classe social média, média alta e vai subindo, quanto mais sobe a pirâmide o pensamento é outro mesmo. As mulheres que são ricas, ainda tem outra coisa. Quem é da classe média não casa, termina a faculdade e não quer casar, tem a vida independente e só quer namorar e aí é vista <<Oh que mulher, nossa, isso é que é mulher, guerreira>> é isso e aquilo.

Akosia - Independente

Yaa - [ao passo que a mulher pobre] Ah ela não casou <<moça velha, não casou!!>> não casou((risos)) encroada, ninguém quis, ninguém quis, ou então, essa, bem, aí é sapatão e não quer assumir, é desse jeito. Agora a mulher rica não...

Akosia - **[eu caso se eu quiser]**

Yaa - é...casar...ela não precisa, tem o dinheiro dela, e é vista como: Oh! a mulher! Agora a pobre não, por isso que a maioria quer casar, mesmo que seja pra tá lá infeliz, mal...mas tá lá casada, é assim que a gente vê a realidade da periferia, só que a gente não aceita ((risos))

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L176/ L191 }

O ato de casar também foi defendido como um direito e um desejo que pode acontecer independente da imposição da família, Igreja ou qualquer que fosse a instituição. Mas o casamento, na visão dessas jovens, não deve ser um impedimento para realizar o que se tem desejo.

Ajo - Eu casei muito nova, só que eu não me arrependo só por estar na minha casa, sem ninguém pegar no meu pé, sabe, porque lá **na minha mãe**, mas eu não me casei por...

Akosia - fuga

Ajo - ...por estar na casa da minha mãe, foi porque eu gostava mesmo do meu esposo e a gente tá dando certo, graças a Deus, até hoje tá né, temos problemas, tem né, mas eu não me arrependo não.

Yaa - Mas não foi por pressão, também?

Akosia - Mas não parou de estudar, né?

Ajo - Eu já tinha terminado, né, o segundo grau, né.

Afua - Você quer continuar?

Ajo – É, eu quero, ele colabora, ajuda, eu tenho menino e ele fica pra mim, ele cuida. Ah! Para mim foi bem melhor.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L192/ L203 }

A postura de uma das participantes que considerou o casamento como algo desejado e que não atrapalhava em nada nas suas buscas levou o grupo a identificar que tal

depoimento era incomum diante das histórias que a maioria delas conhecia. A partir desse novo posicionamento, justificam relatos sobre os motivos que levaram algumas mulheres a decidirem casar, sendo que uma das razões mais mencionadas foi a rigidez dos pais e a dificuldade que a família tem de conversar sobre assuntos relacionados à sexualidade.

Esi - Essa fala dela é bem legal porque (...) tem muitas meninas hoje que casam para sair de casa, tem muitas amigas minhas assim, algumas negras outras não, mas casaram para sair de casa e acabou o casamento e voltou pra casa de novo...

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L204/L206}

Esi - (...) acho que pobreza também, o pai e a mãe muito rígido também, muito ríspido, exigente também, e saíram de casa. E a questão também para algumas famílias, o fato de não ter uma filha casada em casa é um incômodo muito grande. Isso eu percebo pela minha mãe ((risos)) ela diz <<Você não vai casar mais não?>> e eu << Ah? Quê? Que que cê tá falando?>>E assim pra ela parece que é um incômodo ter uma filha de vinte e quatro anos que tá terminando a faculdade e num tá nem sonhando em casar. E as minhas tias, por exemplo, dos vinte e dois anos pra cá eu comecei a ganhar só enxoval, só enxoval de aniversário ((risos)) Teve uma hora que eu falei <<gente do céu, vocês estão querendo me casar por quê?>> essa questão de...da família mesmo querer que a única solução para a mulher ainda é o casamento.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L210/L218}

Yaa - Minha mãe também pensava igual a mãe da Esi

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L220}

Akosia - O pensamento igual a da mãe da Esi é muito forte, **muito forte**. Olha, assim, lá no bairro, eu ando de mão dada com meu namorado e tal, e pra eles três anos é muito (...) fazem pressão sim. Não tem uma só pessoa que quando eu ando com ele não pergunta (...) <<cê não pensa em casar não? Por quê cês não casaram até hoje?>> E é uma pressão muiiito grande mesmo, as pessoas ficam muito em cima, ficam na insistência (...)

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L221/L234}

A possibilidade da filha ter uma vida sexual ativa se torna ameaçadora para os pais, e isso seria um motivo importante para que o casamento aconteça o mais rapidamente possível, para que a filha não engravide, ou não seja abandonada pelo namorado e não encontre ninguém mais que a queira. As participantes apontam como inexistente o diálogo dos pais com as filhas e que, nas escolas, não há informação suficiente em relação à sexualidade.

Esi - Ai eu acho que entra a questão da sexualidade: será que minha filha é virgem ainda? Ou, minha filha não é virgem, isso é...mais um martelo na cabeça da minha mãe ((risos))

Yaa - Aí, o medo né? Seis anos, separa e aí, pronto. Ele tirou a virgindade dela e daí? E agora? Outro vai querer?

Esi - Não é mais moça((risos))

Yaa - Não é mais moça!! ((risos)) É desse jeito!!

Esi - Não... Por mais que tenha os meios de comunicação, escola, não sei o quê... Tem essa questão da informação; tem que conversar, esclarecer os filhos. Mas isso ainda não acontece, os pais têm a maior dificuldade de falar com os filhos sobre a questão de sexualidade.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L235/ L243}

Mas independente de sexo ou casamento, houve depoimentos no grupo que sugerem a existência de outras prioridades na vida antes de um possível matrimônio ou da relação sexual.

Araba - Tanto é que eu falo que eu quero casar só depois de concluir meus estudos. Pode ser com trinta anos, não tem problema não, mas assim, às vezes a gente é taxada que vai ficar pra tia << ah nem... vinte e quatro anos e ainda não casou>> principalmente na minha cidade por ser cidade do interior, colegas minhas << Nossa! Até hoje!>> ((risos))

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L269/L272}

Mesmo com a identificação de outras necessidades que vão além da perspectiva de casar, ainda houve a afirmação de que chega um momento da vida em que a mulher sente um desejo imenso de ter alguém, mesmo que não seja em um casamento convencional.

Kobina - Mas é interessante o que as meninas falam, porque assim, eu tenho um pouquinho mais de vinte e quatro ((risos)), já me formei, já conquistei minha independência e também não penso na história de casamento. Mas eu tenho a sensação que toda pessoa chega num momento da vida que se aquieta, né. Acho então, já foi a fase da gente, hoje namora um, amanhã namora outro e aí namora outro, e aí de repente a gente tem sim, a necessidade de ter uma pessoa mais próxima; porque não dá pra ser... a gente chega num momento que não dá pra ser um relacionamento que não dá pra confiar (...) Acho que a instituição família, hoje, tá bem modificada, tá bem modernizada (...) A gente quer conquistar a independência, é bom. Mas só que ao mesmo tempo a gente precisa de uma outra pessoa por...e...enes motivos: a questão companheirismo, né? Principalmente para partilhar as coisas(...) chega numa certa idade em que os amigos já não...primeiro porque cada um já tem alguma coisa pra fazer né, e aí os amigos parece que não são mais, sei lá, não é que não são suficiente.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L273/L285 }

Uma estratégia para não ficar só seria vivenciar relacionamentos. Só que esse tipo de relacionamento, segundo as jovens, teria limites em relação a sua *abertura*, isto é, haveria uma necessidade de exclusividade para relacionar-se sexualmente, tal como a fidelidade do casamento convencional. Portanto, ao tratarem do que chamaram de *relacionamento moderno*, concebiam que esse teria como uma das características apenas não morar na mesma casa com o/a parceiro/a. O grupo foi provocado quando alguém levantou a possibilidade de

viver um relacionamento aberto em que ambos pudessem apenas se encontrar de vez em quando e até se relacionar com outras pessoas para fazerem *swing*³⁶; foi evidente o incômodo que tal provocação gerou, algumas pessoas do grupo disseram que isso *seria muita modernidade*.

Esi - Vai encontrar com outro de vez em quando

Kobina - não, mas também não, esse negócio
aberto((risos))

Afua - Não sei se aqui tem, mas no Mato Grosso tem isso, umas doidas lá faz isso, a troca de casais.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L313/ L317 }

Akosia - **AAH, entre não querer casar e fazer um relacionamento totalmente aberto** entre troca de casais, não , não pra mim, não dá, pra mim não dá mesmo...

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L321/ L322}

Não me surpreendeu o fato de que, na discussão grupal, tenham surgido relatos referentes à pressão dos pais para casar e à dificuldade da família e escola de abordar a temática de sexualidade com as jovens. Por mais que se diga que há uma maior abertura para se discutir sexualidade, esse tema se mantém tabu e os valores que regem essas noções ainda não foram problematizados o suficiente para mudar tais posturas.

Todavia, duas questões chamaram-me atenção. Uma foi a afirmação de que a pressão para o casamento só se dá em camadas mais pobres. Cabe aqui a seguinte ponderação: se a maior parte das mulheres negras são das camadas mais pobres da população e são pressionadas para casar, são essas mesmas mulheres que, segundo Berquó (1988), não encontrariam maridos. Também são elas que seriam, segundo os exemplos usados pelas jovens, na maioria das vezes vistas como amantes. É como se a exigência de casamento fosse incompatível com as realidades vividas.

A outra questão foi a afirmação de que chega um dia em que toda mulher necessita ter um parceiro, como se a opção de viver só fosse algo impossível de ser concebido, sendo interpretado como incapacidade de ter alguém. Na tese de Eliane Gonçalves (2007), intitulada *Vidas no singular: noções sobre mulheres só no Brasil contemporâneo*, a autora faz reflexões preciosas ao pontuar que a *solteirice* tem sido recorrentemente representada como

³⁶ Swing é um termo do inglês que significa oscilação, mudança. Esse termo nomeia uma prática sexual em que os casais se relacionam sexualmente com outros casais.

uma falta, uma anomalia social e jamais como um caminho ou um projeto de vida. Tais noções são reiteradas pela mídia e pelos estudos demográficos que tendem a ser regidas pela

(...) lógica do “familismo”, que pressupõe o par e o casamento como lugares privilegiados de saúde e felicidade, na maioria das vezes a mulher “só” é percebida como solitária e infeliz, frustrada e insatisfeita, sua existência é medida e avaliada segundo a perspectiva da mulher casada ou que possui um par masculino. (Gonçalves, 2007p. 223)

A noção de que o casamento é um projeto que um dia toda mulher irá sentir vontade de realizar, independente de ser convencional ou “moderno”, pode contribuir para reificar a idéia de que todas devem se apegar a essa norma familista, engessando-a sem perceber que é possível encontrar outros modos de vida e outras possibilidades de relação sem necessariamente sofrer por isso.

6.4- Sobre a polissemia das relações inter-raciais

A discussão acerca das relações inter-raciais foi se constituindo de maneira tímida. Em um primeiro momento sobrevieram depoimentos que demonstravam que as jovens negras muitas vezes eram questionadas por não ter escolhido homens negros para ter algum tipo de relação amorosa.

Araba - (...) eu não gostava dele, mas não é pela cor. Eu tenho amigos, amigas negros, não tenho nada contra isso. Só pura amizade pela figura. Aí chegaram, né, em mim essa colega << você não quer namorar fulano porque ele é negro, porque ele é pobre>> Gente!! Pobre eu sou, tô lascada né ((risos)) e também negra eu sou, o que eu tenho...não tenho nada contra, simplesmente eu num, eu num...Acho que meus sentimentos por ele é de amizade, eu não vejo assim, eu namorando com ele, hoje em dia eu vejo ele no seminário, a “disgrama” do rapaz foi virar padre ((risos))

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L592/L598}

Ajo - Uma vez uma pessoa falou assim pra mim, você é racista porque você não casou com um moreno, com preto, negro.

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L574/L575}

Akosia - É porque negão não me dá moral ((risos)) Não olha pra mim ((risos)); eu já sonhei com um negão, mas não me dá moral...

{Grupo focal, segundo encontro – Jun/07- L579/L580 }

O que pareceu comum nas opiniões emitidas pelas participantes foi que os homens, mesmo casando com brancas, ainda procuram mulheres negras para manterem relações sexuais. E, ainda, foi inferido que se a mulher negra tem a possibilidade de se casar tanto com homem branco como negro, ela pode correr o risco de vivenciar um grande fracasso nesse enlace matrimonial, pois não seria valorizada pelo marido. Essa reflexão foi partilhada pelo grupo a partir do relato de uma das participantes sobre a conversa com uma patroa que afirmava a impossibilidade do casamento dela – jovem negra – ser bem sucedido, já que outras pessoas, mesmo não sendo negras, sofriam por ter se casado. Sendo ela uma mulher negra, era possível que sofresse muito mais.

Ajo - (...) Um vez a minha patroa falou assim, <<Nossa, se eu tivesse nascido negra, eu seria a pessoa mais revoltada do mundo>> Aí eu olhando umas fotos dela quando ela era jovem, eu pensei, nossa, sou mais eu. Sabe, o que adianta a cor da pele, hoje ela tem enes dificuldade: o marido é galinha, trai ela com qualquer coisa, sabe, qualquer pessoa. De que... que adianta a cor da pele, né. Ela falou pra mim << Cê vai casar, cê tá vendo aí as minhas noras[que meus filhos] largam as mulheres, e sai>> Tipo assim, as noras, ela achava as noras dela mais bonitas do que eu, então assim, minhas noras que são mais bonitas, os maridos delas fazem isto, e o seu? Graças a Deus que eu tô sabendo até agora, né...(risos)

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L836/L846}

As jovens ponderaram que as mulheres negras são “culpadas” por ficarem com homens casados, pois a mulher negra não estaria se valorizando ao permitir esse tipo de relação.

Akosia - (...) no caso da amiga da Afua né, que ela tava falando que ele gostava dela mas casou com uma branca, mas ao mesmo tempo continuava tendo relacionamento com ela. Eu acho que (...) pra ela se fazer valorizar, quem sabe se ela não aceitasse esse tipo de coisa. É muito difícil você ficar nessa colocação ou eu ou ela (...) Mas eu acho que para ter uma valorização tem coisas que, na minha cabeça, não é permitido. E ou eu ou ela sim! Se você gosta de mim então você tem que ficar comigo, tem que me assumir. Eu tive esse problema com meu namorado porque a família dele não me aceitava porque eu era negra. Então ele (...) enfrentou tudo junto comigo, enfrentou mãe, enfrentou o irmão. Então compreendo que se fosse o caso ele teria me deixado de lado, teria ficado com outra pessoa que fosse branca. Mas talvez tentasse de vez em quando me procurar e eu gostando, aceitasse.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L636/L649}

Yao - Eu também acho que se for olhar pelo caso que a Afua deu, do cara casar com uma branca e ainda procurar a mulher negra, ela ainda aceita isso, acho sim que ela é culpada de não se valorizar

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L658/L659}

Mas não caberia a ela a culpa por se relacionar com homens “comprometidos”.

Esi - Eu penso que não é culpa das mulheres porque é um processo que vem ...desde quando o Brasil é ...néÉ como a Kofi falou ontem desse processo histórico que, desde esse período, a mulher....a mulher negra já era desvalorizada e tida como segunda opção. Mas aí eu, voltando pra hoje, não vejo que só a questão do social, desse negócio que a Akossia e a Kobina falaram que se não se impõe mesmo. Não se valoriza, não se reconhece, nem se identifica mesmo é... e não (...) tem gosto de fazer as coisas para ela e não pra sociedade. Eu acho sim, que ela é culpada. Acho assim, que aí botando em porcentagem, 90% seria a questão da história e 10% seria essa dificuldade de ter essa clareza de identificar que ela também tem valor, tem direito.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L650/L657}

Disseram também que, nos meios em que circulam, elas vêem com maior frequência homens negros com mulheres brancas, e raramente vêem um casal negro. Algumas afirmaram nunca terem se relacionado mais seriamente com homens negros e que há uma pressão familiar para namorarem homens brancos para *clarear a família*. As pessoas que tinham namorados fixos há mais de dois anos e os identificaram como brancos relatavam a dificuldade do namorado chamá-las de negra, e as brincadeiras que fazem ao tomar sol para *ficar tão negro quanto elas*. Em relação à família do namorado, o que apontaram foi que as famílias sempre faziam brincadeiras enfatizando que, pelo fato de namorar com mulheres negras, eles estariam bem satisfeitos sexualmente. Segundo elas, os elogios e brincadeiras sempre davam ênfase à idéia de que elas teriam uma ótima performance sexual sendo que elas raramente contestavam tais brincadeiras.

Esi - Mas...é interessante mesmo, porque meu namorado também é branco né ... e a gente começou a namorar e tudo mais, e ele me chamando de <<moreninha, moreninha>> e eu <<AAh?!>>((risos)) Tá com problema de vista? Vamos colocar mais tinta neste negócio aí...() mas esse foco de ser moreninha e de não assumir a pessoa como negra, a gente tá namorando, mas ela não é negra não, é moreninha. (...) Essa parte de elogiar pelo fato de ser negra, do fato de ser focado na parte da sexualidade. Porque como a gente falou várias vezes, negra é...a... como se diz, top de linha né, nessa parte. Então ele é um cara inteligente, mas não só por essa parte...((risos))

Akosia - Você falando aí e eu me lembrei que eu tava com meu namorado na última eleição que teve, (...) ele tava votando e a tia dele chegou e falou assim <<Nossa meu fio, cê tá tão magrin...também com uma morenona dessa aí do lado, não podia tá de outra forma não>> ((risos)) Desse jeito! Desse modelo!

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L615/ L630}

Ao relatar as experiências pessoais de relacionamentos inter-raciais que foram construídos a partir do desejo e interesse mútuo, elas também trouxeram duas noções fortemente disseminadas na formação da sociedade brasileira. Houve um momento em que a

mistura racial foi sinônimo de declínio; mas, em outros momentos, foi estímulo para que adiantasse o branqueamento da nação, e ainda há resquício desse momento, de acordo com as falas das participantes.

Akosia - coisa de que os negões e as negras foram criados para tá procurando pessoas brancas, pessoas claras, porque são o modelo de formação de família ideal.

{Grupo focal, terceiro encontro – Jun/07- L609/L611}

Esse debate, segundo Moreira e Sobrinho (1994), é importante para as Ciências Sociais, embora haja um desinteresse por parte de alguns homens negros em refletir sobre tal assunto por considerar que essa discussão íntima não deve compor espaços de embates teóricos e políticos. Concordo com os autores de que o privado deve ser problematizado, pois, como as feministas da segunda onda pontuavam, “o privado é político”.

Nem sempre identificar tais questões pode ser sinônimo de ações *politicamente corretas*, como por exemplo, as participantes da pesquisa afirmaram que havia uma imposição do modelo ideal de casamento para as pessoas negras – homem branco com mulher negra ou mulher branca com homem negro – e que as normas do ideal branco eram impostas a partir de vários dispositivos. No entanto, elas não se consideraram (pelo menos explicitamente) como um *instrumento* de branqueamento por namorar homens brancos, mesmo diante de todas as tensões vividas com os familiares deles.

Considerando os assuntos discutidos neste capítulo, é impossível abordar a sexualidade sem falar dos espaços que normatizam as formas de vivenciá-la. No grupo em que discutimos esse assunto, foi forte a presença da Igreja como um desses espaços de normatização. Os posicionamentos das jovens, que tenderam inicialmente a questionar essas normatizações, acabavam por retornar às posturas conservadoras da Igreja. Por exemplo, houve questionamentos sobre as desigualdades relativas aos poderes concentrados nas mãos dos homens na igreja e o fato da liberdade sexual ser mais aceita para pessoas do sexo masculino do que para as mulheres. Todavia, no decorrer da discussão, os diálogos avançaram no sentido de também culpar a mulher por ser desrespeitada sexualmente.

No tocante às relações inter-raciais, elas trouxeram pontos cruciais da discussão abordando-as na perspectiva genérica e mais comum, em que homens (negros ou brancos) procuram mulheres negras para transar e as brancas para casar. Na perspectiva específica de suas vivências pessoais, a maioria não havia se relacionado com um homem negro e havia uma torcida, na família, para se casarem com homens brancos. As que namoravam homens

brancos conviviam com as brincadeiras e insinuações que reforçavam o estereótipo da mulher *boa de cama*.

O casamento, tido como algo para a mulher branca, que historicamente seria própria para isso, era sinônimo de status. Hoje, as jovens consideram o casamento, que é mais desvalorizado do que em tempos remotos, tido como algo para mulheres negras que não teriam opção de fazer outras escolhas; as brancas e ricas podem estudar, viajar e conhecer novas possibilidades de viver, já as mulheres negras e pobres ainda precisam recorrer ao casamento como seu destino.

Houve também uma tendência de considerar a mulher negra como responsável por todos os atos considerados ilícitos e imorais (aborto, ter relações sexuais com homens comprometidos, promiscuidade). Em relação ao aborto, que é uma questão de Saúde Pública, as mulheres, independente da proibição ou não, praticam-no. A diferença é que, quando é uma mulher com o poder aquisitivo maior, ela terá condições de pagar uma clínica; em relação a ter relações sexuais com homens casados e a dita promiscuidade, há uma questão de ordem geral, nos dois aspectos, que é a forma que se concebe (de acordo com a lógica cristã) o sexo como algo que deve ser realizado apenas com um pessoa, e esta deve ser do sexo oposto. Essa lógica é uma voz determinante nos espaços das instituições invocadas pelas participantes da pesquisa, já que partimos do princípio de que as normas estabelecidas para as pessoas se relacionarem são construídas pelas instituições.

Considerações Finais

Esta pesquisa está ancorada, de um lado, na importância da autonomia das mulheres e da autocrítica em relação ao que se faz e, de outro lado, nas reflexões construcionistas, que têm como proposta questionar as construções sociais tornadas “fatos”. Em ambas as perspectivas, a linguagem tem um papel primordial de modo que foi necessário, nas fases iniciais da pesquisa, apropriar-me de referencial utilizado para a análise de práticas discursivas, com ênfase na perspectiva que vem sendo elaborada no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A partir da reflexão suscitada pelas leituras sobre o tema da sexualidade em uma perspectiva racial, assumi como foco as mulheres jovens que se auto-declaravam negras, tendo em vista que há uma diferença das mulheres negras em relação às brancas e que essa diferença foi constituída de desigualdades. No entanto, a escolha desse grupo se deu, sobretudo, por considerar a possibilidade de construir saberes junto a mulheres negras, compreendendo-os em uma lógica diferenciada da bipolar, em uma perspectiva que permita a compreensão de diversas possibilidades que questionam as hierarquias e levam em conta essa multiplicidade.

Diante dessas considerações, esta pesquisa teve como objetivo entender os sentidos de sexualidade para jovens mulheres negras, tendo como ponto de partida os repertórios que circulam na sociedade a esse respeito. A familiarização com esses repertórios deve-se a partir da leitura de teses e dissertações que versavam sobre o tema. Nestas, localizamos uma variedade de maneiras de falar sobre sexualidade na perspectiva de raça.

Os repertórios foram baseados em características relacionadas à prática sexual das mulheres negras: atraentes sexualmente, preferência dos gringos, impossível controlar; nos valores pejorativos relacionados ao sexo: provocadoras de homens, vagabundas, exóticas, perigosas; na idéia de vitimização: passiva, vítima de violência, animal de usufruto. E ainda, nas conseqüências que poderiam vir a sofrer pelo modo que são “vistas” no que diz respeito ao sexo: amante, boas para transgressões sexuais, têm que ser tratadas como putas. Tais repertórios foram utilizados de maneiras variadas nos textos lidos, sendo que em alguns momentos houve problematização sobre seus usos e em outros momentos não.

A pesquisa propriamente dita foi realizada na cidade de Goiânia com jovens mulheres negras que freqüentavam os espaços da Casa da Juventude Pe. Burnier. Foram realizados três grupos focais. O primeiro constituiu de uma apresentação dos objetivos e das participantes, assim como as expectativas geradas pelo convite para discutir aspectos relacionados à sexualidade. O segundo grupo teve como discussão inicial os elementos trazidos pelas interlocutoras sobre o que ouviram falar acerca da sexualidade da mulher negra e, para instigar o debate, foram acrescentadas frases oriundas das teses e dissertações para que as participantes também expusessem as suas opiniões a respeito. O terceiro grupo consistiu na retomada dos temas levantados no segundo encontro. No decorrer do processo de compartilhamento das idéias nos grupos focais, foi possível identificar que havia um discurso enunciado pelas jovens sobre a sexualidade da mulher negra que se expressava na maneira em que elas falavam de si e das demais mulheres. Frequentemente, esses discursos eram balizados pelas normas instituídas em espaços como a família, a igreja, a mídia. Mas, a partir do tema proposto, o grupo trouxe outros temas imbricados, que permitiam entrever outros sentidos atribuídos à sexualidade. Tais sentidos misturavam idéias por elas consideradas como arcaicas com outros conteúdos tidos como modernos ou inovadores. Esse movimento vai ao encontro da compreensão das práticas discursivas como vetores de permanência e/ou rupturas com um determinado modo de pensar, ou seja,

A compreensão das práticas discursivas deve levar em conta tanto as permanências como, principalmente, as rupturas históricas, pela identificação do velho no novo e vice-versa, o que possibilita a explicação da dinâmica das transformações históricas e impulsiona sua transformação constante. Por meio dessa abordagem, buscamos construir um modo de observar os fenômenos sociais que tenham como foco a tensão entre a universalidade e a particularidade, entre o consenso e a diversidade, com vistas a produzir uma ferramenta útil para transformação da ordem social (SPINK 2004, p.61).

Foi na tensão entre a universalidade e a particularidade, na discussão realizada pelas participantes da pesquisa, que despontaram sub-temas que contribuíram para melhor entender os sentidos atribuídos por elas ao tema proposto, entre eles: aborto, prostituição, classe social, virgindade, casamento, homossexualidade e relações inter-raciais. Os discursos sobre esses sub-temas, situados nos contextos de vida de cada uma das participantes, contribuíram tanto para o questionamento, como para a legitimação de certas práticas associadas à sexualidade.

O aborto foi apresentado como consequência da vivência ativa da sexualidade, esta tida como mais recorrente nas mulheres negras, e trazia explicitamente o interdito da Igreja Católica, que

não só condena o ato em si, como as mulheres que o praticam. Esse discurso reforçava a idéia de que a reprodução e prática sexual deveriam andar juntas. Mas não houve consenso a esse respeito; algumas das participantes ponderaram que as pessoas podem, e são responsáveis por suas ações, ou seja, as mulheres podem ter autonomia nas decisões sobre o seu próprio corpo, tanto no que diz respeito às práticas sexuais como às reprodutivas.

Ao abordarem a temática da sexualidade, a complexa relação entre virgindade e casamento foi tema de muito debate, com muitas críticas sobre as imposições feitas pelas instituições Família e Igreja. Mas, de maneira geral, a tendência foi de afirmar tais concepções como princípios ativos nos meios fragmentados por essas jovens, sendo que o casamento era destino principalmente das mulheres pobres.

A prostituição foi anunciada como uma das práticas sexuais mais comuns para mulheres negras e pobres, pela falta de condições financeiras que elas encontram para sobreviver. Prostituir-se foi considerada possibilidade marcada pela submissão e sujeição ao desejo do outro, já que a relação é mercadológica e o que o cliente exige deve ser cumprido sem ser negociado.

As idéias acerca da virgindade, do casamento e da prostituição podem ser problematizadas a partir da proposta construcionista de determinação cultural e a historicidade do conhecimento (Iñiguez, 2003). De acordo com este autor, do ponto de vista cultural e histórico não há nada absoluto, nem verdadeiro e definitivo. Diferentes concepções de mundo são dependentes do seu contexto cultural e histórico, e as práticas sociais aí localizadas podem produzir conhecimentos que constituem a realidade social.

Portanto, idéias sobre virgindade, casamento e prostituição me pareceram presas a uma noção histórica e cultural de uma época em que as mulheres não tinham autonomia para negociarem e imporem suas vontades relacionadas à sua própria vida. Identificar essas construções histórico-sociais e entendê-las como efêmeras faz parte de um possível processo de apropriação do contexto histórico em que se vive.

As relações inter-raciais, segundo as participantes, podem ser vistas como consequência da política de branqueamento do povo brasileiro. Porém, quem relatou vivenciar uma relação inter-racial não a problematizava como tal, e até se submetia a situações desconfortáveis, considerando até “natural” o acontecimento vivido. Conforme exemplo retirado das falas das participantes:

Akosia: (...) eu estava com meu namorado na última eleição que teve (...) e a tia dele chegou e falou assim <<Nossa, meu filho, você está tão magrinho, também com uma morenona dessa aí do lado, não pode estar de outra forma>>. Esi: Mas... é

interessante mesmo, porque meu namorado também é branco né...e a gente começou a namorar e tudo mais, e ele me chamando de moreninha, moreninha (...) mas esse foco de ser moreninha e de não assumir a pessoa como negra, a gente está namorando, mas ela não é negra não, é moreninha.

{grupo focal, terceiro encontro – jun/07 – L615/L630}

A realidade não se constrói independentemente do conhecimento que se produz sobre ela. Esse é um desafio também proposto pelo Construcionismo, que vem a calhar quando se procura analisar um determinado fato como o branqueamento do povo brasileiro. Tal premissa, acerca da construção da realidade, faz parte do contexto em questão.

Os pontos abordados aqui são fragmentos sintetizados do debate realizado durante a discussão no grupo focal. Tais fragmentos podem ser tomados como exercício de reflexão acerca das noções que circulam na sociedade, na qual são instituídas as normas do que significa ser mulher negra. Diante disso, busquei questionar como seria a vivência que se opunham a essa norma imposta. O que significaria se relacionar sexualmente com outras pessoas, se a concepção de sexo instituída legitima apenas a reprodução? Ou, quando a relação sexual não é vivenciada na lógica heterossexual? Como seria, então, nomeada uma mulher que se prostitui por prazer e não se sujeita a tudo que o “cliente” exige? Como construir uma relação inter-racial, problematizando todos os questionamentos que tal relação poderia trazer? E como seria então, se uma mulher negra burlasse todas essas regras instituídas sobre sexualidade?

Articular novos discursos frente aos que estão postos implicaria problematizá-los e perceber que, no geral, todas as pessoas fazem parte desse processo, inclusive quem fala, escreve, experimenta ou lê. Dar-se conta dessa possibilidade é se responsabilizar pela necessidade de ser co-autor dos discursos que circulam a respeito de nós mesmos. De acordo com Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 1970 p.5).

Uma temática assim tão densa, em que se fazem presentes pressupostos sobre sexo, gênero e raça, não podia se encerrar em si mesmo. De acordo com Rorty (1994) como forma de fazer fluir a conversação, faço alguns apontamentos que dão a esta pesquisa uma singularidade talvez problemática.

Em primeiro lugar, vale apontar que as jovens interlocutoras desta pesquisa residem em uma localização geográfica onde, até hoje, poucos estudos foram realizados sobre tal assunto. Outro, é que o sentidos sobre sexualidade para essas jovens foram atribuídos de

maneiras diversificadas, mas reafirmaram o peso das instituições Família, Igreja e Mídia nas decisões que se referem à vivência da sexualidade, bem como do processo histórico da subjugação do negro no país.

Porém, o que apareceu nas falas das interlocutoras foi a inquietude em relação aos discursos produzidos sobre elas, e o desejo de considerar a vivência da sexualidade como algo afirmativo em suas vidas, acoplado ao receio de que isso poderia fugir das normas estabelecidas nos espaços onde circulam. Pode-se inferir, ainda, que um dos principais fatores que fizeram com que a instituição Igreja estivesse presente nas falas das participantes se deve ao contexto no qual foi realizada a pesquisa. Afinal, a Casa da Juventude é um instituto religioso e, mesmo considerando que nem todos que circulam nesse espaço são católicos, os princípios da religião estão presentes no local.

Penso que seria inútil realizar uma pesquisa sem que ela contribuísse de alguma forma para nossas vidas: para a pesquisadora, para as pessoas envolvidas na pesquisa, para o meio acadêmico, bem como para aqueles que se interessam pelo tema. Concluo, portanto, com algumas considerações sobre essas possíveis contribuições.

Em relação à pesquisadora, foram muitos os aprendizados, entre eles, o de que uma discussão desse porte jamais se encerra e seriam possíveis vários desdobramentos dos resultados deste trabalho. Essa forma de ver a pesquisa é instigante, porque a sensação de que falta algo pode ser motivo para a continuidade de reflexões sobre o tema em diversos espaços, inclusive o acadêmico.

Sobre a contribuição para as participantes, dedico a elas as pontuações que foram feitas no capítulo 4. Mas, destas, o que me chamou atenção foi que, para algumas, conversar sobre o tema foi uma oportunidade de refletir sobre algo que ainda não haviam pensado. Em suas avaliações, disseram que ficaram instigadas para prosseguirem seus estudos e fazerem e/ou continuarem pesquisas sobre o tema.

No que concerne o meio acadêmico, as contribuições que a princípio permito-me visualizar, são: a diversificação regional sobre o tema; a abordagem desse tema partindo de uma ótica construcionista (que possibilitou entender a academia como um espaço de poder que tende a não questionar as verdades absolutas) e, finalmente, o exercício de desfamiliarização de termos que tendem a reificar as idéias construídas sobre a sexualidade das mulheres negras, e assim possibilitar a construção de novos discursos.

Um relato de pesquisa é apenas um elo na cadeia dialógica de comunicação. Assim, considero que outras contribuições possam ser visibilizadas na medida em que esta dissertação se torne um documento público, aberto a críticas e complementações.

Bibliografia

ALMEIDA, R. Antônio. *Tendências da Psicologia Social no Brasil*. Revista: Síntese Nova Fase, 47. 1989, p.51-66.

AMISTEAD, Nigel. *Reconstrucnting Social Psychology*, 1974.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. N10520: *Informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.

AZEREDO, Sandra. *Teorizando sobre gênero e relações raciais*. Revista Estudos Feministas. Nº 2. 1994.

BAIROS, Luiza. *Nossos feminismos revisitados*. Estudos Feministas. Ano 3. nº 2. 1995. pp. 458-463.

BARÓ, Inácio Martin. *Acción e Ideologia*. 1983.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e Branquitude no Brasil*. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.p.25-57.

BERQUÓ, Elza. *Demografia e desigualdade: considerações sobre o negro no Brasil*. In: Anais do VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, vol. 03, p. 89-100, 1988.

_____ Entrevista sobre a importância dos Estudos sobre a População Negra. *Jornal da Rede Saúde* Nº. 23, março de 2001.

BOMFIM, Elisabeth de M. *Klineberg, Otto (1899-1992)*. In: *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*, p. 192. 2001.

BORGES, Lenise Santana. *Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e de transgressão*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

BRAH, Avtar. *Difference, diversity and differentiation*. In: DONALD, James e RATTANSI, Ali (Eds). "Race", Culture and Difference. London: Sage, 1992.

CALDWELL, Kia Lilly. *Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil*. Estudos Feministas. Ano 8. nº 2. pp. 91-108, Florianópolis, 2000

CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Tereza. *Mulher Negra*. São Paulo: Nobel/ Conselho Estadual da Condição Feminina. 1985.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. In: *Estudos Avançados* nº 17 (49), p. 117-132, 2003.

CARONE, Iray. *Pesquisa sobre a força psicológica do legado social do branqueamento*. Instituto de Psicologia da USP, 1993-1996.

CASA da Juventude Pe. Burnier (CAJU). *Relatório de Pesquisa da Área Sócio-Política*, Goiânia, 2006.

CORRÊA, Mariza. *Sobre a invenção da mulata*. In: Cadernos Pagu, nº 6-7, p. 35-50, Campinas, 1996.

CRUZ, C. F. Isabel; PINTO, S. Andréa. *Tópicos sobre sensualidade, sexualidade e emancipação: um survey sobre as mulheres negras*. Revista Eletrônica de Enfermagem (online), Goiânia, v.3, n.2, jul-dez. 2001. Disponível: <http://www.fen.ufg.br/revista>. (acesso 2006)

CUNHA, G. Antônio. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ª Edição 1986, p. 537.

BOCAYUVA CUNHA, Helena Simões. *O Tema do Excesso Sexual em Gilberto Freire : Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mucambos*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro, 2000.

DAVIES, Bronwin; HARRÉ, Rom. *Posicionando - A produção discursiva de "selves"*. Tradução Mary Jane Spink (Abril, 1996) *Journaul for the Theory of Social Behavior*, 20 (1): 43-63, 1990.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções*. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. 3ª. edição, Editora Positivo: 2004.

DIAS FILHO, Antônio Jonas. *Fulôs, Ritas, Gabrielas, Gringólogas e garotas de programa: falas, práticas, textos e imagens em torno de negras e mestiças, que apontam para a construção da identidade feminina nacional, a partir da sensualidade atribuída à mulher brasileira*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1998.

DIAS FILHO, Antonio Jonas. *As mulatas que não estão no mapas*. In: Cadernos Pagu Nº 6-7, p. 51-66. local 1996.

FONSECA, Claudia Marques dos Anjos. *A Branca e a negra: erotismo e sexualidade na ficção brasileira do século XIX*. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Graciano Barbachan. Data da digitalização: 2004. Acesso 21 de novembro de 2007. www.sabotagem.revolt.org.

_____. *Sexualidade e Poder*. Conferência na Universidade de Tóquio, em 20 de abril de 1978. In: MOTTA, Manoel Barros. *Ética, Sexualidade, Política/ Michel Foucault*.

Tradução: Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Coleção Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Historia da Sexualidade I: vontade de saber*. 1985.

_____. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GASKELL, G. *Entrevistas individuais e grupais*. In: BAUER, M.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2004.

GATTI, Bernardete A. *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulatas Profissionais: raça, gênero e ocupação*. Revista Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: UFSC. Quadrimestral. Vol. 14 N.1/2007.

GONÇALVES, Eliane. *Gozar o direito de gozar: sobre a pauta dos direitos sexuais como direitos humanos das mulheres*. In: LINBARDONI, Marlene. Agende Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento. Curso Nacional de Advocacy Feminista em Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos. Brasília – Agende - 2002 pp. 83-88.

_____. *Vidas no singular: noções sobre “mulher só” no Brasil contemporâneo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. 2007.

GROMIKO A. A. *As religiões da África: tradicionais e sincréticas*. Tradução de MÉLNIKOV G. Impresso na URSS. Moscou. Edições Progresso, 1987. 328p

GUIMARÃES, Antônio S, A. *Baianos e Paulistas: duas escolas nos estudos brasileiros de relações raciais? Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2005 .2ª Edição. p. 75-95.

HEATHER, Nick. *Radical Perspectives in Psychology*. 1976.

HEILBORN, Maria Luiza. *Entre as tramas da sexualidade brasileira*. Revista de Estudos Feministas. Vol. 14 N1, pp. 43-60. Florianópolis, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. *Experiência da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias Biográficas Juvenis*. In: Heilborn, Maria Luiza...{et al} (Org.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz 2006.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negras*. Revista Estudos Feministas. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.464-478, 1995.

HOUAISS. *Dicionário Eletrônico*. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva Ltda. Março 2006.

IBÁÑEZ, Tomaz. *Fluctuaciones conceptuales em torno a la postmodernidad y la psicología*. Caracas: Universidad Central de Venezuela. 1996.

_____. *O “giro Lingüístico”*. In: IÑIGUEZ, Lupicínio(Coord.). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 19- 49.

IÑIGUEZ, Lupicínio. *Análise Institucional Etnográfica da Educação e Construcionismo Social*”, II Conferência do Doutor Lupicínio Iniguez. Seminário Internacional “Abordagens Teóricas e Metodológicas nas Ciências Sociais”. 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Perfil da População Jovem Brasileira/ IBGE*, 2001.

ISRAEL, Joachim; TAJFEL, Henri. *The Context of Social Psychology*. 1972.

JOSÉ, Marta Rovey. *Branças e Pretas diante da solidão*. Anais do VI Encontro da Associação de Estudos Populacionais, 1988, pp. 185-214. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais> (acesso em 2007).

LANE, Silvia; CODO, Wanderley. *Psicologia Social: o homem em movimento*. Editora Brasiliense, São Paulo 1989.

LOUREIRO, Inês. *Psicanálise e sexualidade: crítica e normatização*. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero. Sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas*. Educação em Revista. Nº 46. Belo Horizonte. Dez 2007, pp. 201-216.

_____. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENEGON, Vera. M; SPINK, Mary J. P. *A pesquisa como prática discursiva: superando horrores metodológicos*. In: SPINK, Mary J. P (Org). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3ª Edição. São Paulo: Cortez, 2004, p 91.

MOREIRA, Diva; SOBRINHO, B. Adalberto. *Casamento Interracialis: O homem negro e a rejeição da mulher negra*. In: COSTA, Albertina; AMADO, Tina (Org). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994, p. 81-107.

MOUTINHO, Laura. *Razão, Cor e Desejo: Uma Análise Comparativa sobre Relacionamentos Afetivo-Sexuais inter-raciais no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: UNESP, 2004. v. 1. 450 p.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo e identidade e etnia*. Cadernos PENESP- UFF, Rio de Janeiro Nº4. 2003, p. 15-34.

NASCIMENTO, Elisa L. *O sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. *Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Goiás. 2006.

OROZCO, Yury Puello. *Religiões e seus posicionamentos*. In: GIUMBELLI, Emerson.(Org.) *Religião e Sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PACHECO, Ana Claudia. *Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre a solidão entre mulheres negras na Bahia*. Temáticas, ano 11. Campinas – São Paulo, IFCH/Unicamp, 2003, pp. 11-48.

PERPÉTUO, O. H. Ignez. *Raça e Acesso às Ações Prioritárias na Agenda de Saúde Reprodutiva*. Jornal da Rede Feminista de Saúde - nº 22, 2000.

PINHO, Osmundo de A. *O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação*. In: Cadernos Pagu, nº 23, p. 89-120, 2004.

PINTO, Elisabete Aparecida. *Sexualidade na Identidade da Mulher Negra a partir da Diáspora Africana: o Caso do Brasil*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

PISCITELLI, Adriana. “*Sexo Tropical*”: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. In: Cadernos Pagu, nº 6-7, p.9-34, Campinas 1996.

PIZA, Edith Silveira Pompeu. *O Caminho das águas: estereótipos de personagens femininas negras na obra para jovens, de escritoras brancas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social PUC/São Paulo: 1995.

POTTER, J. e WETHERELL, M. (1987). *Discourse and Social Psychology*. Londres: Sage, pp 188-189.

POWELL, R.A.;SINGLE, H.M. *Focus groups*. International Journal of Quality in Health Care, v.8, n.5, p. 499-504, 1996.

RALA, Luiz. *As tramas de um discurso: o sentido das práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na tramitação do Projeto-lei nº 1.151-A de 1995*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social PUC/ São Paulo: 1999.

RASERA, Emerson; JAPUR, Marisa. *Contribuição do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), p. 201-209, 2001.

RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Desigualdades de raça e gênero no sistema educacional brasileiro*. In: Seminário Internacional “Ações Afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban”, 20 a 22 de setembro 2005, Brasília.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade*. In: NOVAIS, Fernando A.(Coor.). SWWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 173-244.

SCOTT, Joan. W. *Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista*. *Feminist Studies*, vol. 14, nº. 1. 1988.

SILVA, Silvana Maria Aquino da Silva. *Identidade sócio-sexual da mulher negra*. Dissertação de Mestrado em Sexologia Educacional. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, C. Vera. *Mulher Negra e Miomas: Uma Incursão na Área da Saúde, Raça/Etnia*. Dissertação de Mestrado. Estudos Pós-graduados em Psicologia Social PUC/São Paulo, 1995.

STOLKE, Verena. *Is sex to gender is to ethnicity?*. In: DEL VALLE, Teresa. *Gendered Anthropology*. Londres, Routledge, 1993.

SPINK, Mary J. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2004, p. 40-51.

_____, Mary J; MEDRADO, Benedito. *Produção de Sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas*. In: SPINK, Mary. (Org). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos e Produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Editora Cortez. 2004, p. 47.

SPINK, Peter Kevin. *Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista*. *Psicol. Soc.* [online]. 2003, vol. 15, no. 2 [citado 2007-08-20], pp. 18-42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>

TEIXEIRA, Carmem Lúcia. *O grupo de Jovens: espaço de formação da identidade política*. Dissertação de Mestrado das Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, 2006.

VAN DIJK, Teun A. *O giro discursivo*. In: IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 7-14.